

# COMO POTENCIAR A FRUIÇÃO CULTURAL DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM MUSEUS

Dissertação

Valéria Regina Abdalla Farias

Trabalho realizado sob a orientação de

Jenny Gil Sousa, Professora Doutora

Carla Sofia Costa Freire, Professora Doutora

Leiria, Setembro 2021

Mestrado em Comunicação Acessível

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

POLITÉCNICO DE LEIRIA

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais pelos ensinamentos compartilhados ao longo da minha existência. Sem eles, eu nada seria. Ao meu irmão, por estar sempre ao meu lado, mesmo que distante fisicamente. Ao meu marido, pelo incentivo, suporte emocional e partilha de assuntos acadêmicos para a escrita deste trabalho. Às Professoras Jenny Sousa e Carla Freire, orientadora e coorientadora, por acreditarem na investigação e por conduzirem o trabalho de forma leve, mesmo quando o momento exigia decisões difíceis. A todos os professores do Mestrado em Comunicação Acessível, pelo caloroso acolhimento e pelos ensinamentos. Às profissionais das instituições envolvidas na pesquisa, pela disponibilidade e pelas contribuições valiosas. Um agradecimento especial à Ana Moderno, do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, pelo acolhimento no período do estágio e pelas trocas sobre museus, públicos e acessibilidade. Aos colegas do mestrado, por todas as partilhas ao longo do curso, inclusive as angústias. Aos colegas e amigos do mundo dos museus e da Museologia, por todas as trocas profissionais e acadêmicas, as quais contribuíram para meu caminho no campo da acessibilidade em museus.

## Resumo

O tema desta investigação incide sobre acessibilidade em museus no âmbito específico da deficiência visual, visto que continuam a existir barreiras que dificultam que esses sujeitos usufruam das instituições museológicas. As barreiras persistem, mesmo que mudanças de paradigmas tenham ocorrido de forma significativa nas últimas décadas, que contribuíram para que as pessoas passassem a estar no centro das preocupações. No entanto, os museus são locais em que há predominância do sentido da visão. Diante disso, desenvolveu-se esse estudo, que tem a seguinte questão central: Como os museus podem potenciar a fruição cultural de pessoas com deficiência visual? Para responder ao questionamento, apresentou-se o objetivo geral: descrever estratégias para potenciar a fruição cultural de pessoas com deficiência visual em museus; e três objetivos específicos: descrever recursos de acessibilidade ao público com deficiência visual em museus atualmente; conhecer estratégias utilizadas em museus, a partir da perspectiva de seus profissionais; e apresentar propostas que potenciem a acessibilidade e a fruição cultural das pessoas com deficiência visual em museus. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, à luz do paradigma qualitativo, que contou com a análise de quatro instituições museológicas, sendo a primeira de Portugal e as outras do Brasil: Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB), Pinacoteca do Estado de São Paulo (PINA), Centro de Memória Dorina Nowill (CMDN) e Museu da Inclusão (MI). Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram uma ficha diagnóstica - para descrever os recursos que os museus oferecem aos visitantes com deficiência visual - e uma entrevista semiestruturada junto aos profissionais das instituições - para conhecer as estratégias que adotam. Os resultados apontaram, em sua maioria, para práticas de acessibilidade que também servem às pessoas sem deficiência; que é essencial a participação das pessoas com deficiência visual nas discussões sobre assuntos que lhes dizem respeito; que as equipes precisam ter formação para lidarem com os públicos; que é

necessário proporcionar experiências multissensoriais para o público. Por fim, apresentam-se propostas práticas para que os museus possam potencializar a fruição cultural das pessoas com deficiência visual. Portanto, pode-se dizer que a acessibilidade é um caminho para uma sociedade inclusiva e os museus fazem parte desse processo, sobretudo porque todas as pessoas têm direito à cultura em igualdade de condições.

### **Palavras chave**

Acessibilidade, Museus, Pessoas com deficiência visual

## ABSTRACT

The theme of this investigation focuses on accessibility in museums in the specific context of visual disability, since there are still barriers that make it difficult for these individuals to benefit from museological institutions. Barriers persist, even though paradigm shifts have occurred in relation to people with disabilities and in the scope of museums, which have contributed to people becoming the center of concerns. However, museums are places where the sense of sight is predominant. Therefore, this study was developed, which has the following central question: How can museums enhance the cultural fruition of people with visual disability? In order to answer the question, a general objective was presented - to describe strategies to enhance the cultural fruition of people with visual disability in museums - and three specific objectives: to describe the accessibility resources currently offered to the public with visual disability in museums; to know the strategies used in museums, from the perspective of its professionals; and to present proposals that enhance the accessibility and cultural fruition of people with visual disability in museums. This is an exploratory-descriptive study, in the light of the qualitative paradigm, which included the analysis of four museological institutions, being the first one from Portugal and the others from Brazil: Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB), Pinacoteca do Estado de São Paulo (PINA), Centro de Memória Dorina Nowill (CMDN) and Museu da Inclusão (MI). The data collection instruments used were a diagnostic form - to describe the resources the museums offer to visitors with visual disability - and a semi-structured interview with the professionals from the institutions - to get to know the strategies they adopt. The results mostly pointed to accessibility practices that also serve people without disabilities; that the participation of people with visual disability in discussions on matters that concern them is essential;

that teams need to be trained to deal with audiences; that it is necessary to provide multisensory experiences for the audience.

### **Keywords**

Accessibility, Museums, People with visual disability

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	v
Índice Geral	vii
Índice de Figuras	x
Índice de Tabelas	xi
<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>I Enquadramento teórico</b>	<b>8</b>
1.1 A Deficiência visual	8
1.1.1 Do modelo médico ao biopsicossocial	8
1.1.2 Deficiência e terminologia	12
1.1.3 Cegueira e baixa visão	15
1.1.4 Além da visão	17
1. 2 Acessibilidade Cultural às pessoas com deficiência visual	19
1.2.1 Conceitos de acessibilidade	19
1.2.1.1 Acessibilidade e Desenho Universal	22
1.2.1.2 Tecnologia Assistiva	24
1.3 Museus na contemporaneidade	30
1.3.1 Antecedentes históricos	30
1.3.2 Públicos e não públicos de museus	33
1.3.3 Pessoas com deficiência visual, fruição cultural e museus	34
<b>II Metodologia</b>	<b>37</b>
2.1 Tipos de estudo	37
2.2 Caracterização dos museus	38
	vii

2.2.1 Museu da Comunidade Concelhia da Batalha	38
2.2.2 Pinacoteca do Estado de São Paulo	40
2.2.3 Centro de Memória Dorina Nowill	41
2.2.4 Museu da Inclusão	42
2.3 Técnicas e Instrumentos de recolha e análise de dados	43
<b>III Apresentação e discussão de resultados</b>	<b>49</b>
3.1 Acessibilidade a pessoas com deficiência visual em museus: fichas diagnóstico	49
3.1.1 Acessibilidade no espaço do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha	49
3.1.2 Acessibilidade no espaço da Pinacoteca do Estado de São Paulo	52
3.1.3 Acessibilidade no espaço do Centro de Memória Dorina Nowill	53
3.1.4 Acessibilidade no espaço do Museu da Inclusão	54
3.2 Acessibilidade a pessoas com deficiência visual em museus: entrevistas	55
3.2.1 Categoria 1: Dimensão atitudinal	56
3.2.1.1 Subcategoria 1: Formação das equipas	57
3.2.1.2 Subcategoria 2: Demandas das pessoas com deficiência visual	58
3.2.1.3 Subcategoria 3: Profissional com deficiência visual na área educativa/ recepção	60
3.2.1.4 Subcategoria 4: Desenvolvimento de parcerias	61
3.2.2 Categoria 2: Dimensão informacional/ comunicacional	62
3.2.2.1 Subcategoria 1: Recursos e ações acessíveis	63
3.2.2.2 Subcategoria 2: Procedimentos do atendimento/ visita	66
3.2.3 Categoria 3: Percepção sobre o público com deficiência visual	68
3.2.3.1 Subcategoria 1: Frequência de pessoas com deficiência visual	69
3.2.3.2 Subcategoria 2: Experiências significativas	70
3.2.3.3 Subcategoria 3: Aspectos que precisam de melhorias	72
3.2.3.4 Subcategoria 4: Desafios	74

3.3 indicadores para potencializar a fruição cultural de pessoas com deficiência visual	
em museus	76
<b>IV Conclusões</b>	80
<b>Referências bibliográficas</b>	89
<b>Anexos</b>	1
Anexo 1 – Ficha diagnóstico aplicada às instituições	2
Anexo 2 - Guião de entrevista (Museu de Portugal)	6
Anexo 3 - Guião de entrevista (Museus do Brasil)	7
Anexo 4 - Ficha diagnóstico: Museu da Comunidade Concelhia da Batalha	8
Anexo 5 - Ficha diagnóstico: Pinacoteca do Estado de São Paulo	12
Anexo 6 - Ficha diagnóstico: Centro de Memória Dorina Nowill	16
Anexo 7 - Ficha diagnóstico: Museu da Inclusão	19
Anexo 8 - Entrevista: Museu da Comunidade Concelhia da Batalha	22
Anexo 9 - Entrevista: Pinacoteca do Estado de São Paulo	34
Anexo 10 - Entrevista: Centro de Memória Dorina Nowill	50
Anexo 11 - Entrevista: Museu da Inclusão	52
Anexo 12 - Grelha de Análise de Conteúdo	55

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Dimensões da acessibilidade no Modelo Contextual de Aprendizagem	77
---	----

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Terminologias utilizadas na ICF/ CIF - Inglês e português	13
<b>Tabela 2.</b> Conceitos de Acessibilidade de Patrícia Martins (2013, 2017)	22
<b>Tabela 3.</b> Recursos de Tecnologia Assistiva para pessoas com deficiência visual	27
<b>Tabela 4.</b> Categorias e subcategorias da análise de conteúdos	55
<b>Tabela 5.</b> Dimensão física da acessibilidade	78
<b>Tabela 6.</b> Dimensão atitudinal da acessibilidade	78
<b>Tabela 7.</b> Dimensão informacional/ comunicacional da acessibilidade	79

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação é resultado do Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS/ IPL), que tem como tema de investigação a acessibilidade em museus no âmbito específico da deficiência visual.

De acordo com a Lei nº 11.146 de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) - também intitulada Estatuto da Pessoa com Deficiência - o acesso à cultura deve ocorrer em igualdade de oportunidades para todas as pessoas, com e sem deficiência. Não tão explícito como na citada lei, mas a Declaração Internacional de Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) em Paris, em 10 de dezembro de 1948, já anunciava que todas as pessoas têm o direito de participar da vida cultural da comunidade. Ao longo desses 67 anos que separam o documento internacional e a lei brasileira, aconteceram mudanças no campo da acessibilidade às pessoas com deficiência, inclusive na área cultural. No entanto, é um assunto novo no âmbito das políticas, programas e ações culturais (Dorneles, Carvalho, Silva & Mefano, 2018).

Mais especificamente em relação aos museus no Brasil, ainda que documentos do campo da museologia tenham destacado mudanças de entendimento sobre a função social da instituição museu e sua relação com a sociedade, especialmente a partir da segunda metade do século XX. A Política Nacional de Museus, já deste século e datada de 2003, aborda a democratização do acesso aos museus e menciona a necessidade de acessibilidade aos imóveis onde está localizado o patrimônio museológico, como forma de ampliar o acesso à sociedade.

Para Cohen, Duarte e Brasileiro (2012), no Brasil, a preocupação com a acessibilidade nos museus ganhou força quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) estabeleceu um documento - no caso, a Instrução Normativa nº1 - também de 2003, com o intuito de verificar a acessibilidade dos espaços culturais do país, para buscar se adequar à legislação nacional.

Em 2009, foi criado o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que assumiu as ações referentes aos museus federais que antes eram de responsabilidade do IPHAN. No mesmo ano, foi instituído o Estatuto de Museus (Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009), o qual refere que

“os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos, de acordo com a legislação vigente”.

Ressalta-se que o conceito de museu sofreu transformações ao longo do tempo, tanto a nível internacional quanto nacional. Um dos avanços nessa área está relacionado ao entendimento contemporâneo de que essas instituições devem estar a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, como pode ser visto no excerto abaixo, que é o conceito de museu presente no Estatuto de Museus:

(...) instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009)

As transformações caminharam para uma direção de maior preocupação com o contexto social e com questões da atualidade (Martins, 2017). Se antes os museus estavam centrados em suas coleções e sua preservação, agora ampliaram sua atenção para o público e para a busca do entendimento de suas demandas - e isso se reflete no aumento da atenção para a acessibilidade aos distintos públicos das instituições.

As mudanças no campo dos museus também vieram para atender às leis nacionais, conforme tratado um pouco mais acima. Vale ressaltar que as leis também sofreram alterações como um reflexo do que acontecia na sociedade, especialmente no que tange a luta das pessoas com deficiência no Brasil e no mundo, como a mudança de paradigma: do modelo médico para o social, mais especificamente a partir da década de 1980. O modelo médico tem o foco na deficiência, trata as pessoas como doentes e incapazes e a deficiência é vista como um problema do indivíduo com deficiência. Já o modelo social identifica que a sociedade é responsável por não permitir totalmente o desenvolvimento das pessoas com deficiência, além de focar no indivíduo e não na sua deficiência (Martins, 2013).

Embora as mudanças estejam acontecendo de modo significativo ultimamente, os museus ainda estão distantes de alcançar as metas desejadas no que tange a acessibilidade (Costa, Castro, Studart, Dahmouche & Cruz, 2021). Essas instituições são locais em que há a predominância do sentido da visão e, geralmente, onde o toque é proibido (Kastrup, 2015). A partir dessas constatações, fica a questão: como os museus têm se desenvolvido no campo da acessibilidade voltada às pessoas com deficiência visual na atualidade?

Em 2011, o Ibram apresentou um levantamento realizado com 1500 instituições museológicas brasileiras, que responderam a um questionário aplicado sobre a realidade museal. Nesta pesquisa, 50,7% dos museus responderam possuir instalações para pessoas com deficiência, sendo que os recursos mais citados foram rampa de acesso (78,8%), sanitários adaptados (38,2%), elevador adaptado (24%), etiquetas/ textos em braile<sup>1</sup> (7,4%), sinalização em braile (5,7%) e outras instalações (5%).

A referida pesquisa identificou que não há, ou há em pouca escala, recursos acessíveis a pessoas com deficiência visual em museus. Destaca-se que o único item que leva a acreditar em algum tipo de acessibilidade em exposições são as etiquetas em braile, porém não há informações que expliquem o que representam as “outras instalações” informadas.

Em 2015, o Guia de Museus e Centros de Ciências da América Latina e do Caribe foi publicado pelo Museu da Vida, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), onde foram apresentados 464 espaços científicos-culturais, sendo que 268 pertencem ao Brasil (Massarani et al., 2015). Em 2017, no intuito de verificar os espaços acessíveis, foi publicado o Guia de Museus e Centro de Ciências Acessíveis da América Latina e do Caribe e, desta vez, 110 instituições científico-culturais participaram da pesquisa. Das 69 instituições brasileiras participantes, 64 responderam de forma positiva à existência de recursos voltados para atender a "acessibilidade visual", conforme apresentado no guia (Rocha et al., 2017).

Considerando as 64 instituições como a totalidade para respostas sobre "acessibilidade visual", tem-se a seguinte distribuição de recursos oferecidos: 31,2% apresentam piso tátil, 84,3% disponibilizam equipamentos para manipulação e/ ou peças para tocar (réplicas, peças originais, maquetes), 43,7% conta com guia vidente<sup>2</sup>, 23,4% disponibilizam materiais em braile, 18,7% têm textos em braile e/ou fonte ampliada, 39% oferecem audiodescrição (materiais audiovisuais, espaços, exposições e/ou acervo) e 4,6% disponibilizam equipamentos com software de sintetizador de voz.

Os dois mapeamentos são distintos, uma vez que o primeiro teve participação de 1500 instituições, mas não contou com detalhamento de recursos oferecidos ao público. Já o

---

<sup>1</sup> De acordo com Sasaki (2019, p. 146), utiliza-se ensino do braile, e não "braille" ou "Braille". Para tratar do nome do método, adota-se, no presente estudo, a grafia "Sistema Braille".

<sup>2</sup> De acordo com o glossário do Guia de Museus e Centros de Ciências Acessíveis da América Latina e do Caribe, "guia/ mediador vidente é aquele que através de técnicas conduz a pessoa com deficiência visual no espaço. O guia vidente pode descrever, relatar e informar as características, os conteúdos e ainda fornecer informações relevantes e úteis sobre as exposições, serviços e obstáculos encontrados no percurso que possam interessar ao visitante" (Rocha et al., 2017)

segundo, com foco nos museus e centros de ciências, contou com a participação de menos instituições, no entanto houve maior detalhamento acerca da acessibilidade. A coordenadora da pesquisa, na apresentação da publicação, considera uma conquista importante a participação de 110 instituições, visto que isso representa que as mesmas têm preocupação com a acessibilidade (Rocha et al., 2017).

O detalhamento dos recursos no mapeamento mais recente pode ser atribuído ao amadurecimento no campo da acessibilidade que vem acontecendo ao longo do século XXI, conforme aponta Martins (2017). No entanto, esta mesma autora refere que há uma defasagem entre prática e questões legais e, então, ainda há desigualdade de acessos nos museus para pessoas socialmente excluídas.

Aliada à contextualização e à justificativa, tem-se a motivação pessoal da autora do presente trabalho, também apresentada para posicionar o seu "lugar de fala"<sup>3</sup>. Quem vos fala é uma mulher branca, sem deficiência, que começou a estudar Museologia em 2001 na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Brasil, e, em 2002, iniciou seu estágio no Museu Geológico da Bahia. É uma perspectiva diferente de uma pessoa com deficiência visual, além disso, faz-se importante destacar que este estudo não exclui ou se sobrepõe às lutas das pessoas com deficiência. Entende-se que é um estudo realizado por uma profissional de museu, a qual visa ampliar seu conhecimento e atuação profissional no âmbito da acessibilidade, bem como contribuir para que as instituições museológicas sejam cada vez mais inclusivas e cumpram com sua função social.

Durante o estágio no Museu Geológico, especialmente a partir da experiência junto ao público, observou-se a ausência de pessoas com deficiência como visitantes. Em uma visita de um grupo escolar de crianças, havia um aluno, de cerca de 10 anos, em cadeira de rodas. Como o museu tem dois andares e o acesso entre os pavimentos é realizado por meio de escada, o estudante não visitou a exposição do andar superior. Aquela situação originou uma sensação de impotência, mas algo foi iniciado ali para que, enquanto profissional de museu, fosse desenvolvido o interesse pelo tema da acessibilidade às pessoas com deficiência, assunto que não costumava fazer parte das ementas das disciplinas da graduação.

---

<sup>3</sup> Lugar de fala é de onde vem a voz que trata do tema. De acordo com a filósofa e escritora feminista Djamila Ribeiro, em seu livro "O que é lugar de fala?", refere que "(...) o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas." (Ribeiro, 2017)

Em um segundo momento, em conversa com outras estagiárias e colegas do curso de Museologia, entre 2002 e 2003, optou-se por realizar um projeto de exposição para o Museu Geológico que explorasse as possibilidades táteis de amostras de rochas, minerais e fósseis. Já era comum que as mediações estimulassem o toque em alguns elementos expostos, especialmente para identificação de suas características. Então, o grupo pensou: por que não pensar em um projeto que foque nas explorações táteis para que pessoas cegas visitem o museu? As então estudantes da época visitaram o Instituto de Cegos da Bahia (ICB) para conversar com profissionais e entender como poderia ser desenvolvido um projeto acessível que atendesse as demandas das pessoas cegas.

O projeto não saiu do papel, mas deixou marcas nesta investigadora, que voltou ao tema durante sua atuação no Núcleo de Educação do Museu Histórico Nacional (MHN/ Rio de Janeiro, Brasil), por ocasião do estabelecimento de parcerias com o Instituto Benjamin Constant (IBC), em 2013, para planejar e desenvolver visita mediada de estudantes com deficiência visual. Ao longo do processo, percebeu-se as potencialidades e as limitações do espaço, que apresenta muito material voltado para a exploração visual. Passou-se a realizar visitas com experiências táteis a partir do acervo, considerando as questões de conservação e segurança do acervo e dos visitantes. Em momento posterior, já em 2016, a equipe do MHN passou a contar com um educador cego, o que veio a ser um grande aprendizado para todos. A constatação da necessidade de mudança passou a habitar a mente desta autora, que não vislumbra uma atuação profissional que exclua a acessibilidade e a inclusão e, percebe, ainda que muitas mudanças são necessárias para que os museus estejam de fato e de direito a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Acredita-se que é possível viver sob o que Romeu Sasaki chamou de paradigma da inclusão:

(...) é o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana - composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações. (Sasaki, 2009, p. 10)

Por perceber, a partir das vivências profissionais e com base na literatura, que as pessoas com deficiência visual ainda encontram muitas barreiras, especialmente porque os museus exploram em demasia o sentido da visão em detrimento de outros e porque, até o momento, o maior esforço dessas instituições foi eliminar barreiras físicas ao espaço - conforme apontou o levantamento realizado pelo Ibram, 2011 -, surge a necessidade entender, neste estudo,

como a inclusão de pessoas com deficiência visual em museus acontece nos dias de hoje, no intuito de verificar possibilidade de melhorias.

Com base no problema de investigação exposto acima, definiu-se a seguinte questão central: "Como os museus podem potencializar a fruição cultural de pessoas com deficiência visual?". Para responder a esta questão, foram traçados os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

Descrever estratégias para potencializar a fruição cultural de pessoas com deficiência visual em museus.

Objetivos específicos:

- Descrever os recursos de acessibilidade oferecidos ao público com deficiência visual em museus atualmente.
- Conhecer estratégias utilizadas em museus, a partir da perspectiva de seus profissionais.
- Apresentar propostas que potencializem a acessibilidade e a fruição cultural das pessoas com deficiência visual em museus.

Para alcançar os objetivos propostos e responder à questão central, o presente estudo está organizado da seguinte forma, logo em seguida desta seção introdutória: Enquadramento Teórico, Metodologia, Apresentação e Discussão dos Resultados e Conclusões.

O enquadramento teórico, compreendido como PARTE I, buscou apresentar referenciais teóricos que abordam, em primeiro lugar, "deficiência e deficiência visual", a partir da discussão sobre modelo médico, social e biopsicossocial; as principais terminologias empregadas na atualidade, compressão sobre cegueira e baixa visão, além do entendimento da percepção de mundo das pessoas com deficiência visual. Em seguida, tratou-se da "acessibilidade cultural às pessoas com deficiência", por meio dos principais conceitos do campo, perpassando pela noção de Desenho Universal e Tecnologia Assistiva. Para finalizar o enquadramento, discorreu-se sobre os "museus na contemporaneidade", percorrendo seus antecedentes históricos, seus públicos e não públicos e, no último item, buscou-se apresentar uma conexão entre pessoas com deficiência visual, fruição cultural e museus.

A PARTE II, intitulada metodologia, apresentou o caminho metodológico da pesquisa, compreendida como um estudo qualitativo, do tipo exploratório-descritivo, na medida em que

se aprofundou na investigação da realidade de quatro instituições museológicas: Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB), localizado em Portugal, Pinacoteca do Estado de São Paulo (PINA), Centro de Memória Dorina Nowill (CMDN) e Museu da Inclusão (MI). As três últimas instituições se localizam no estado de São Paulo, no Brasil. Para estudá-las, optou-se por coletar dados por observação direta, via ficha diagnóstico, e inquérito, por entrevista semiestruturada, juntos às profissionais responsáveis pelo tema deste estudo. Os instrumentos de coleta de dados refletem as dimensões física, informacional/ comunicacional e atitudinal da acessibilidade, e estão ancorados nos estudos de Tojal (2007); Martins (2017); Negreiros (2017) e Sasaki (2009, 2019). Ressalta-se que ao longo do desenvolvimento deste estudo, o mundo foi interpelado pela pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (Covid-19). No caso do Brasil, as instituições culturais fecharam suas portas ao público em março de 2020, fazendo com que algumas metodologias desta investigação fossem revistas, como pode ser visto, mais detalhadamente, no tópico em questão.

A PARTE III - apresentação e discussão dos resultados - discorreu sobre os resultados obtidos por meio dos instrumentos de coleta de dados. Os dados obtidos via fichas diagnóstico foram apresentados em texto e indicaram elementos referentes às dimensões física e informacional/ comunicacional da acessibilidade de cada instituição. Já os dados obtidos junto às profissionais participantes foram apresentados através de análise de conteúdo (Bardin, 2016) e divididos nas categorias: dimensão atitudinal, dimensão informacional/ comunicacional e percepção das participantes. Por fim, foi feito um cruzamento entre os dados coletados para apresentar três quadros - de acordo com cada dimensão apresentada - com propostas para que os museus potenciessem a fruição cultural das pessoas com deficiência visual, o que pode contribuir para uma sociedade mais inclusiva.

Por fim, na PARTE IV, tem-se o que corresponde às conclusões desta investigação, item responsável por relembrar alguns pontos-chave desenvolvidos ao longo do trabalho, responder aos objetivos de investigação, apresentar as limitações da pesquisa e propostas para futuros estudos.

# I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

No âmbito do enquadramento teórico, buscou-se apresentar um aporte pautado na deficiência visual, na acessibilidade e nos museus. Em relação a deficiência visual, é abordado um pouco do histórico sobre como as pessoas com deficiência foram e são compreendidas na sociedade, por meio dos paradigmas médico, social e biopsicossocial. As terminologias também são abordadas, na medida em que ainda existe desinformação acerca dos termos utilizados nos dias de hoje. Em seguida, entra-se nos conceitos de cegueira e baixa visão e no entendimento da existência de formas diferentes para compreender o mundo.

Para tratar da acessibilidade cultural às pessoas com deficiência, procura-se trabalhar os distintos conceitos existentes, destacar as dimensões da acessibilidade e sua relação com o Desenho Universal, sempre tão atrelado aos estudos desta área. No que se refere a museus e fruição cultural, busca-se abordar um breve histórico dos museus, tratando da relação destas instituições com seus públicos e públicos pouco usuais, além de refletir sobre a fruição cultural dos distintos visitantes nos espaços museais.

## 1.1 A DEFICIÊNCIA VISUAL

Nesta seção, procura-se abordar a mudança de paradigmas em relação às pessoas com deficiência, de forma geral; esclarecer a utilização de algumas terminologias, especialmente conceituar deficiência, cegueira e baixa visão; e abordar a experiências de mundo para além da visão.

### 1.1.1 Do modelo médico ao biopsicossocial

As pessoas com deficiência, ao longo dos tempos, estiveram à margem da sociedade e fora do convívio social, viveram escondidas em instituições de assistência ou em suas casas, além disso eram consideradas estranhas, doentes, inúteis, incapazes, monstruosas e pecadoras (Assis, 2012).

Patrícia Martins (2017) apresenta a proposta de quatro fases da deficiência na história, desenvolvida por Berthold Lowenfeld, no livro *The Changing Status of the Blind: From*

*Separation to Integration*, de 1975: separação, proteção, emancipação e integração. Na fase da separação, desde muito tempo, as pessoas consideradas incapazes para contribuir com as sociedades ancestrais, pautadas na subsistência, podiam ser abandonadas ou mortas. Na Roma e na Grécia antigas, era comum acontecer a eliminação por sacrifício ou abandono de crianças que nasciam com deficiência e que estavam fora dos padrões de perfeição do período (Martins, 2017).

A fase da proteção se deu no período medieval e esteve atrelado à ideia de caridade e proteção de pessoas consideradas "mais fracas", especialmente por conta do cristianismo. Em contrapartida, ainda neste período, também se concebia que as pessoas com deficiência eram impuras e pecadoras. Tanto um aspecto quanto outro faziam com que as pessoas ficassem isoladas e segregadas (Martins, 2017). Assis (2012) refere que durante a Idade Média surgiram os primeiros hospitais para pessoas com deficiência.

A emancipação veio entre os séculos XVIII e XIX devido a alguns avanços no campo, especialmente da deficiência visual, como a criação do Sistema Braille pelo francês Louis Braille e, também, pela forma que Diderot - na obra "Cartas sobre os cegos para o uso daqueles que vêem", de 1749 - aborda a temática envolvendo pessoas cegas, ou seja, não colocou o foco das atenções na deficiência e sim nas possibilidades de experiências sensoriais para perceber o mundo (Martins, 2017). Ainda na Europa, no século XVIII, surgiram instituições voltadas para o atendimento de pessoas cegas e com outras deficiências (Mazzotta, 2011).

No Brasil, em 1854, foi criado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos - atual Instituto Benjamin Constant (IBC) - no Rio de Janeiro. O fato ocorreu pouco tempo depois que o Imperador d. Pedro II tomou ciência do Sistema Braille, por meio de um encontro que teve com José Álvares de Azevedo, um jovem que havia concluído recentemente os estudos no Instituto de Meninos Cegos de Paris (Mello & Machado, 2017).

De acordo com Romero e Souza (2008), a sociedade passou a entender a pessoa com deficiência enquanto um indivíduo, porém não digna de conviver nos mesmos espaços que as pessoas consideradas no padrão de normalidade, sem deficiência. Os mais aceitos seriam os que atingissem ao máximo os padrões de normalidade. É nessa perspectiva que surgem, a partir de 1900, instituições de ensino de caráter excludente, já que eram voltadas para a educação específica das pessoas com deficiência, também com foco na assistência social e proteção (Silva, 2006).

A fase da integração ocorreu no século XX após as duas Guerras Mundiais, que contribuíram para o aumento de pessoas com deficiência, ou seja, pessoas que antes tinham ativa participação social. Muitos indivíduos foram considerados "heróis" de guerra, como nos Estados Unidos, por exemplo (Martins, 2017). No pós-guerra, foi promulgada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, cujo 1º artigo refere que "todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos" (ONU, 1948). No entanto, ainda que neste período tenha ocorrido avanço nos assuntos relacionados aos direitos humanos, reabilitação e acessibilidade devido ao aumento da quantidade de pessoas com deficiência, as pessoas continuavam em situação vulnerável, à margem da sociedade (Martins, 2017).

Até cerca da década de 1960 imperava o modelo integracionista, centrado no tratamento da deficiência com o intuito de adequar as pessoas aos padrões considerados de normalidade (Assis, 2012). O modelo em voga ficou conhecido como modelo médico<sup>4</sup>, que foi desenvolvido por pessoas sem deficiência, cujo centro das discussões era a deficiência e seu tratamento. Neste modelo, as pessoas com deficiência eram consideradas incapazes, além de serem responsabilizadas pela sua adaptação e integração ao meio social (Martins, 2013, 2017), a saber:

O modelo médico considera a incapacidade como um problema da pessoa, causado directamente pela doença, trauma ou outro problema de saúde, que requer assistência médica sob a forma de tratamento individual por profissionais. Os cuidados em relação à incapacidade tem por objectivo a cura ou a adaptação do indivíduo e mudança de comportamento. A assistência médica é considerada como a questão principal e, a nível político, a principal resposta é a modificação ou reforma da política de saúde (OMS, 2004, p. 21).

Na década de 1960, em contraposição ao modelo médico, surgiu o modelo social, no Reino Unido, segundo ao Centro de Reabilitação Profissional de Gaia, de Portugal (CRPG, 2007), caracterizado por ser um movimento de envolvimento das pessoas com deficiência, que entende que a sociedade é responsável pelas suas mudanças estruturais para que ocorra a

---

<sup>4</sup> Alguns autores (Martins, 2013, 2017; Oliver & Barnes, 2010; Cohen, Duarte & Brasileiro, 2012) e documentos (CRPG, 2007) intitulam-no como modelo da deficiência. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS), por meio da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), utiliza o termo modelo médico de incapacidade (OMS, 2004).

inclusão dos indivíduos em questão (Martins, 2013, 2017), como aponta a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF):

O modelo social de incapacidade, por sua vez, considera a questão principalmente como um problema criado pela sociedade e, basicamente, como uma questão de integração plena do indivíduo na sociedade. A incapacidade não é um atributo de um indivíduo, mas sim um conjunto complexo de condições, muitas das quais criadas pelo ambiente social. Assim, a solução do problema requer uma acção social e é da responsabilidade colectiva da sociedade fazer as modificações ambientais necessárias para a participação plena das pessoas com incapacidades em todas as áreas da vida social. Portanto, é uma questão atitudinal ou ideológica que requer mudanças sociais que, a nível político, se transformam numa questão de direitos humanos. De acordo com este modelo, a incapacidade é uma questão política. (OMS, 2004, p. 22)

De acordo com Martins (2017), grupos diversos, organizações e movimentos sociais de pessoas com deficiência apontaram que o modelo médico não era satisfatório por ser excludente e por focar na deficiência e não nas pessoas. Enquanto o modelo médico percebe a pessoa com deficiência como um indivíduo com inadequação em relação ao meio social, o social coloca a falta de inclusão na sociedade como a principal questão; sobretudo porque por este viés a deficiência é resultado da interação entre as características dos corpos das pessoas com deficiência e a sociedade, pouco inclusiva à diversidade de corpos (CRPG, 2007).

Destaca-se que em 1974, permeada pelo modelo social, foi criada no Reino Unido a organização *The Union of the Physically Impaired Against Segregation* (UPIAS), que tinha fins políticos e não apenas assistenciais. Esta organização foi importante para as discussões sobre o entendimento acerca da deficiência, na medida em que indicava não existir uma relação direta entre lesão e deficiência, ampliando os debates para outras áreas além da saúde, como social e política (CRPG, 2007).

O modelo social trouxe bastante impacto na vida das pessoas com deficiência e na sociedade, ainda que a inclusão social não tenha sido garantida por completo, especialmente porque historicamente é um assunto novo (Martins, 2017). No entanto, esse modelo passou por uma revisão no fim da década de 1990, pois, ao indicar que as limitações são geradas pela sociedade, anula um pouco as questões específicas das pessoas com deficiência. A própria independência absoluta proposta como essencial pelo modelo social é colocada em xeque, na

medida em que, à luz dos movimentos feministas, coloca-se que a interdependência é inerente à vida em sociedade (CRPG, 2007).

Assim, surge um novo paradigma: o biopsicossocial, que foi incorporado na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)/ OMS, de 2001. Esse modelo busca integrar o médico, no que tange às implicações físicas, e o social, no que se refere às implicações sociais, políticas e culturais. Nessa abordagem, não se pode desprezar a reabilitação no entendimento da deficiência, no entanto, deve-se ir para além do fornecimento de uma prótese, por exemplo. Precisa-se que as barreiras e as desvantagens sejam eliminadas das vidas das pessoas com deficiência, para que tenham igualdade de condições que as demais as pessoas em todos os aspectos da vida em sociedade (Santos, 2018).

Ainda hoje, em diversos aspectos, o modelo médico não foi totalmente superado. Contudo, a luta das pessoas com deficiência tem sido de extrema relevância para que as percepções acerca da deficiência não se restrinjam às questões médicas, a qual precisa ser considerada como resultado de fatores físicos, individuais, sociais e políticos (Santos, 2018). Portanto, ao unir elementos dos modelos médico e social, o biopsicossocial tem o entendimento de que existe a interação entre as dimensões biológica, individual e social (OMS, 2004).

### **1.1.2 Deficiência e terminologia**

Romeu Sasaki é um dos estudiosos que partilha destas ideias e define a inclusão como um paradigma da sociedade (2009). Sasaki também realizou um histórico das terminologias acerca da deficiência (2002), que traduzem o entendimento sobre o tema ao longo do tempo e que refletem os modelos apresentados. Aleijado, defeituoso, incapacitado e inválido já foram termos utilizados para se referir às pessoas com deficiência (Sasaki, 2002). Hoje, o termo utilizado mundialmente é pessoa com deficiência, em que se percebe que a palavra 'pessoa' surge antes de 'deficiência', no intuito de ter em primeiro lugar o reconhecimento do indivíduo enquanto ser humano.

A busca pela compreensão do termo "deficiência" esbarra em outra palavra, a "incapacidade", especialmente quando se ancora em documentos internacionais, como a publicação *International Classification of Functioning, Disability and Health (ICF)/ World Health*

Organization (WHO), de 2001. A ICF foi traduzida para o português, em 2004, como *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)*/ Organização Mundial da Saúde (OMS). Assim, "incapacidade" foi a palavra escolhida para a tradução de "disability" e, no documento, encontram-se definições correspondentes de *functioning*/funcionalidade, *disability*/ incapacidade e *impairment*/ deficiência, conforme Tabela 1 abaixo.

**Tabela 1.** Terminologias utilizadas na ICF/ CIF - Inglês e português

<b>Versão em inglês ICF</b> (World Health Organization, 2001, pp. 220-221)	<b>Versão em português CIF</b> (Organização Mundial da Saúde, 2004, pp. 186-187)
<b>Functioning</b> an umbrella term for body functions, body structures, activities and participation. It denotes the positive aspects of the interaction between an individual (with a health condition) and that individual's contextual factors (environmental and personal factors).	<b>Funcionalidade</b> termo genérico ("chapéu") para as funções do corpo, estruturas do corpo, actividades e participação. Ele indica os aspectos positivos da interacção entre um indivíduo (com uma condição de saúde) e os seus factores contextuais (ambientais e pessoais).
<b>Disability</b> an umbrella term for impairments, activity limitations and participation restrictions. It denotes the negative aspects of the interaction between an individual (with a health condition) and that individual's contextual factors (environmental and personal factors).	<b>Incapacidade</b> termo genérico ("chapéu") para deficiências, limitações da actividade e restrições na participação. Ele indica os aspectos negativos da interacção entre um indivíduo (com uma condição de saúde) e seus factores contextuais (ambientais e pessoais).
<b>Impairment</b> a loss or abnormality in body structure or physiological function (including mental functions). Abnormality here is used strictly to refer to a significant variation from established statistical norms (i.e. as a deviation from a population mean within measured standard norms) and should be used only in this sense.	<b>Deficiência</b> perda ou anormalidade de uma estrutura do corpo ou de uma função fisiológica (incluindo funções mentais). Na CIF, o termo anormalidade refere-se estritamente a uma variação significativa das normas estatisticamente estabelecidas (como um desvio de uma média na população obtida usando normas padronizadas de medida) e deve ser utilizado apenas neste sentido.

Fonte: elaborado pela autora, com excertos dos conceitos apresentados em *World Health Organization*, 2001, pp. 220-221 e *Organização Mundial da Saúde*, 2004, pp. 186-187.

Ao analisar a tradução do documento da OMS da língua inglesa para a portuguesa, Diniz, Medeiros e Squinca (2007) acreditam que seria melhor utilizar os termos "deficiência" para *disability* e "lesão" para *impairment* e apostam em algumas possibilidades para que os tradutores tenham feito tais escolhas. Destaca-se que a ICF/ CIF - que tem uma abordagem mais sociológica e política da deficiência - é uma revisão da *International Classification of*

*Impairments, Disabilities, and Handicaps* (ICIDH), de 1980 - que apresenta caráter biomédico da deficiência.

A ICIDH traz os termos *impairments* (perdas e anormalidade corporais), *disabilities* (habilidade restrita gerada por lesões) e *handicaps* (desvantagens geradas por *impairments* ou *disabilities*). Devido à relação direta entre lesões, habilidades e desvantagens apresentada no documento, parece que se buscava a cura dos corpos tidos como "anormais". A visão extremamente biomédica da ICIDH recebeu críticas da área de estudos sobre deficiência, a qual se pautava numa perspectiva em que a desigualdade que as pessoas com deficiência enfrentavam tinha maior relação com a forma como o tema era abordado na sociedade do que pelas diferenças dos corpos (Diniz, Medeiros e Squinca, 2007).

A ICF/ CIF procurou trazer as discussões em questão e *disability* passou a indicar, como apresentado na tabela acima, aspectos negativos da interação entre as pessoas com alguma condição de saúde, vinculada ao termo *impairment*, e os fatores de contexto (ambientais e pessoais). A tradução para "incapacidade" não tem uma justificativa explícita, mas os autores acreditam que uma das possibilidades se deve pelo fato de "incapacidade" ser um termo novo, o que poderia facilitar sua aceitação no documento ou porque poderia representar a proposta de um conceito "guarda-chuva" da ICF/ CIF. No entanto, os autores acreditam que tais escolhas ignoram as discussões acadêmicas e políticas, especialmente as contribuições do modelo social, no qual *impairments* representa as variações corporais (e não "deficiências", como na CIF) e *disability* é a interação dos corpos com a ambiente social. Ao defenderem que tradução mais aceitável para *disability* é deficiência, os pesquisadores também ressaltam que o termo "deficiência" foi ressignificado devido à contribuição de distintos saberes.

Na mesma linha de investigação, a pesquisadora portuguesa Patrícia Martins (2017) indica que a CIF incorporou as discussões do modelo social, que entende deficiência ligada às condições biológicas e incapacidade vinculada aos fatores ambientais. Ainda refere que no campo da terminologia inglesa também há a proposta de substituição do termo deficiência para incapacidade. No que tange à utilização dos termos em Portugal, Martins diz que não há um consenso, no entanto, "deficiência" é mais utilizado, apesar de existir a recomendação do uso do termo "incapacidade" pelo Plano de Ação Para a Integração das Pessoas com Deficiência ou Incapacidade (PAIPDI), de 2006. A própria pesquisadora utiliza os dois termos em simultâneo: deficiência/ incapacidade.

No Brasil, o termo utilizado na legislação é deficiência/ pessoa com deficiência, em referência às características dos corpos em conjunto com o ambiente, como por exemplo a Lei nº 13.146, de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que considera pessoa com deficiência "aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas". As barreiras mencionadas na lei são: urbanísticas, arquitetônicas, nos transportes, nas comunicações e na informação, atitudinais e tecnológicas.

Assim, adota-se o termo "deficiência" para este estudo, em concordância ao que Diniz, Medeiros e Squinca (2007) dizem sobre seu sentido: diz respeito à interação dos corpos com o ambiente social, além de ser o termo adotado na legislação brasileira.

### **1.1.3 Cegueira e baixa visão**

Os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2019 indicam que há 2,2 bilhões de pessoas com deficiência visual no mundo (World Health Organization, 2019). No Brasil, de acordo com dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 e por meio da releitura desses dados realizada em 2018, 6,7% da população, - 12,7 milhões de pessoas - vivem com algum tipo de deficiência e a visual representa 3,4% das deficiências declaradas.

Segundo a Fundação Dorina Nowill para Cegos (2021), a deficiência visual corresponde à perda total ou parcial da visão, seja congênita ou adquirida, compreendida por dois grupos: cegueira e baixa visão. Sob uma perspectiva clínica, o Ministério da Saúde (Brasil), através de sua portaria nº 3.128/2008, considera como baixa visão quando a acuidade visual é menor que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20º no melhor olho, mesmo após realização de procedimentos de correção. Já a cegueira é caracterizada pela acuidade visual menor do que 0,05 ou campo visual menor do que 10º (Ministério da Saúde, 2008).

Couto Júnior e Oliveira (2016) realizaram um estudo em escolas voltadas às pessoas com deficiência visual, para indicar as principais causas da deficiência visual. No âmbito da cegueira, destacam-se: retinopatia da prematuridade, atrofia de nervo óptico, glaucoma congênito, distrofias retinianas e neoplasias. Entre as causas da baixa visão, estão: catarata congênita, glaucoma congênito e cicatriz de retinocoroidite.

No âmbito do Ministério da Educação, a cegueira é apresentada como uma alteração de pelo menos uma das funções elementares da visão que interferem na percepção da cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento, podendo ser congênita ou adquirida, tanto por conta de causa orgânicas como acidentais (Sá, Campos & Silva, 2007). A cegueira congênita é aquela que ocorre desde o nascimento até os primeiros anos de vida, enquanto que a que se manifesta após os primeiros anos de vida é conhecida como adquirida ou adventícia (Soares, 2018).

Já a baixa visão ocorre quando há uma grande variedade e intensidade de comprometimento das funções visuais (Sá, Campo & Silva, 2007), que podem ser: alteração na acuidade visual, dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, perda da visão central ou periférica, alterações nas percepções de contrastes, cores e formas (Veitzman, 2000; Soares, 2018). As alterações não podem ser corrigidas com recursos - lentes de contato ou óculos - e são consequências de enfermidades, traumas e alterações da função visual, podendo ocorrer desde o nascimento ou ao longo da vida (Soares, 2018).

Soares (2018) refere que no âmbito da educação, considera-se que as pessoas cegas são aquelas que acessam os materiais fornecidos por esta área por meio de recursos sonoros e táteis, enquanto que as pessoas com baixa visão são as que se pautam em materiais com letras ampliadas, contrastes, cores e iluminação adequadas e, também, utilizam recursos sonoros. A cegueira e a baixa visão fazem parte da diversidade humana e suas especificidades estão muito além da limitação ou completa ausência da visão, ainda que seja importante considerá-las para que a participação social com equidade em relação às demais pessoas se concretize de fato (Soares, 2018).

Apesar da cegueira e da baixa visão se constituírem em subgrupos da deficiência visual, existem diferenças entre elas, como já apontado, mas ainda hoje há pouca assimilação por parte da sociedade. No caso das pessoas com baixa visão, ora são tratadas como cegas, ora como pessoas que enxergam, fazendo com que, nas duas situações, sintam-se desconfortáveis. Na área médica e da educação, desde os anos de 1970, tem-se dado mais atenção para que indivíduos com baixa visão possam fazer melhor uso da visão que possuem por meio de recursos ópticos, tecnológicos e educacionais devido às seguintes questões (Amiralian, 2004):

- Entre 70% e 80% das pessoas com deficiência visual possuem visão útil;
- Não utilizar o resíduo visual contribui para a redução da eficiência visual;
- Utilizar resíduo visual contribui para percepção do espaço em que estão e sua relação com ele, bem como as pessoas que ali estão; coordenação de movimentos; mobilidade

e locomoção; aprendizagem de crianças pautada na imitação visual; e aprendizagem de leitura e escrita.

#### **1.1.4 Além da visão**

De acordo com Joana Belarmino Sousa (2004), a sociedade ocidental é predominada pelo paradigma visuocêntrico devido à centralidade dada à visão em detrimento dos outros sentidos - audição, olfato, paladar e tato. Aquele sentido exerce, inclusive, uma função de controle. Nas pessoas normovisuais<sup>5</sup>, ocorre o que se chama de sobrecodificação sensorial, ou seja, a visão domina e coloca os outros sentidos como coadjuvantes, já que sintetiza as percepções captadas por eles. Esta dominação da visão nas pessoas que enxergam acaba por ser considerada a "padrão", a "natural" e a "adequada", fazendo com que as percepções das pessoas com deficiência visual sejam consideradas limitadas e incompletas (Kastrup, Carijó & Almeida, 2009).

As pesquisas do biólogo chileno Humberto Maturana, na década de 1960, juntamente com seu ex-aluno Francisco Varela, originaram a teoria da *autopoiese*, que considera que:

Os seres vivos são máquinas autopoieticas, ou seja, máquinas que continuamente especificam e produzem sua própria organização por meio da produção de seus próprios componentes, sob condições de contínua perturbação e compensação dessas perturbações (produção de componentes). (Moreira, 2004, p. 598)

Na perspectiva autopoietica, a preocupação centra-se no modo como as pessoas interpretam o mundo e compreendem a realidade, tendo como prerrogativa que se deve compreender *COMO* as pessoas compreendem; a forma como fazem uso da própria compreensão. Assim, sem excluir as interações, a participação e a influência do meio sobre as pessoas, a autopoiesis diz que cada indivíduo atribui sentido à realidade, a partir de sua organização interna (Andrade, 2012).

A partir da autopoiese de Maturana e Varela, a visão pode ser entendida como uma prática cognitiva que produz um sistema cognitivo pautado em uma plataforma visual; enquanto que uma prática cognitiva tátil é pautada em uma plataforma tátil. Assim, a interpretação do

---

<sup>5</sup> Normovisual é um termo utilizado para se referir às pessoas sem deficiência visual. No Brasil, utiliza-se o termo "vidente", mas em Portugal não é utilizado. Assim, para evitar interpretações equivocadas e como a dissertação é apresentada em uma instituição portuguesa, optou-se pelo uso do termo normovisual.

mundo pode acontecer a partir de diferentes plataformas e uma pessoa que perde a visão ao longo da vida, por exemplo, pode reconfigurar seu sistema interno e gerar novas plataformas de compreensão (Kastrup, Carijó & Almeida, 2009).

Nessa perspectiva, a visão é uma das formas possíveis para o indivíduo se conectar ao mundo, então não justifica ela ocupar uma posição central, ser percebida enquanto um sentido superior ou o mais adequado. Os corpos cognitivos de pessoas com e sem deficiência visual são distintos, mas todos percebem o mundo integralmente, cada um da sua maneira (Kastrup, Carijó & Almeida, 2009).

A forma de perceber e estar no mundo por meio do tato, que exige um tempo próprio, de proximidade, contato físico e com foco nos detalhes foi chamado de "mundividência tátil" por Sousa (2004). Esta autora ainda critica que, no âmbito da educação de pessoas cegas, há uma tentativa de aproximar as práticas pedagógicas pensadas para pessoas que enxergam, ignorando-se a "mundividência tátil". Para ela, o caminho para a inclusão social está no diálogo entre o mundo da visualidade e a "mundividência tátil" (Sousa, 2004).

Ao contrário da visão e da audição, que operam à distância, o tato é o sentido do contato, que explora cada parte do que está sendo tocado até "construir" o seu todo - fazendo com que o processo seja mais lento do que a percepção por meio da visão (Kastrup, 2015). Por considerar o sentido do contato, Evgen Bavcar diz que por meio do toque é que se confirma a presença de um objeto, a saber:

O olhar físico que quer ver não é aquele olhar da verdade, pois a presença de um objeto só pode ser confirmada pelo toque físico. Por essa razão, o tato permanece o único órgão da verdade. Poder-se-ia defini-lo como um olhar chegado, ou encostado, aquele que não provoca ainda a separação inelutável entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Não nos resta senão examinar esta separação, a fim de que o pensamento permaneça o único princípio verificador de uma possível verdade. O toque tátil continua sendo o sentido da verdade, dado que ele não pode negar a materialidade das coisas. Ele não pode confundir a imagem com o seu substrato material. (Bavcar, 2001, p. 4)

O tato não é um sentido por si só, pois envolve pele, movimentos de dedos, mãos e braços, bem como a posição do corpo em relação ao que é tocado. Assim, pode-se dizer que o toque pressupõe ritmo, movimento, contato, propriocepção, articulação e pressão. Através do tato, percebe-se forma, tamanho, espaço, textura, temperatura e vibração (Candlin, 2004). Devido

a esta complexidade, Ballesteros (1994) defende a existência de uma percepção háptica, ou seja, uma forma de adquirir informação de algo por meio do tato ativo, o qual combina elementos táteis e cinestésicos - sem separá-los. A percepção tátil é referente às informações percebidas por meio dos receptores cutâneos da pele, que ocorrem quando a pessoa mantém uma postura estática enquanto a informação se processa. Com relação à percepção cinestésica, as fontes de informação são os movimentos e posições de partes do corpo, gerados por músculos, tendões e articulações. Ainda de acordo com Ballesteros (1994), a mão é o órgão por excelência da percepção háptica devido a sua possibilidade de manipular objetos.

O sistema háptico, ou seja, o tato ativo, é uma forma de se relacionar com o mundo e é válido para todas as pessoas. No entanto, para algumas, pode ser um meio mais importante ou até mesmo o principal para interagir com o mundo que as rodeia (Ballesteros, 1994).

## **1.2 ACESSIBILIDADE CULTURAL ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Procura-se, aqui, apresentar conceitos de acessibilidade de forma geral e no âmbito cultural, bem como suas dimensões; discute-se, ainda, a relação com o desenho universal e com a tecnologia assistiva, com foco nas pessoas com deficiência visual.

### **1.2.1 Conceitos de acessibilidade**

Devido a sua morfologia, a palavra "acessibilidade" – do latim *accessibilitas* – quase que instantaneamente é remetida a "acesso", que, no latim, – *accessus* - tem sentido de aproximação (Michaelis, 2021). Apesar dos termos estarem relacionados, não são sinônimos, visto que "acesso" apresenta ideia de movimento para chegar a algum lugar, alcançar algo ou alguém. Já o termo "acessibilidade", ainda de acordo com o dicionário, diz respeito à facilidade de acesso.

Romeu Sasaki (2009, 2019) indica que essa facilidade é o que se espera ter em todos os contextos da sociedade, ou seja, o quão facilitado é o acesso em escolas, bibliotecas, hotéis, parques, teatros, museus, locais de trabalho, espaços urbanos, meios de transporte, entre

outros. para todas as pessoas, com ou sem deficiência. Assim, apresenta sete dimensões da acessibilidade, nomeadamente: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática, atitudinal e natural. O autor associa cada dimensão a uma barreira responsável por impedir os distintos acessos. Abaixo, as dimensões inspiradas na proposta de Sasaki (2019):

- **Arquitetônica:** quando não há barreiras físicas nos espaços e todas as pessoas podem acessar as áreas disponíveis, sem restrições. Para que esse acesso seja concretizado, deve-se considerar rampas, corrimãos, pisos táteis, elevadores, espaços amplos, boa iluminação, a localização e altura de mobílias e objetos diversos referentes à cada espaço, dentre outros elementos.
- **Comunicacional:** esta dimensão é compreendida como sendo a responsável pela ausência de barreiras no campo da comunicação; ou seja, faz-se necessário garantir que as relações interpessoais e informações dos e nos espaços estejam disponíveis em múltiplos formatos, considerando as distintas demandas. Neste aspecto, pode-se utilizar língua de sinais de cada país e/ou língua, textos em letras ampliadas e em braille, formatos digitais de textos, recursos de linguagem não-verbal e diversas outras possibilidades que permitam o acesso à comunicação.
- **Metodológica:** refere-se à ausência de barreiras em métodos e técnicas em diversas esferas. Por exemplo, no campo profissional, pensar em treinamentos, execução de tarefas, os fluxogramas e outros a partir das necessidades dos envolvidos. Nas escolas e em outros espaços onde se pode considerar a educação, focar nos diversos tipos de aprendizagens e nas teorias de inteligências múltiplas para o desenvolvimento de projetos, trabalhos e ações diversas.
- **Instrumental:** quando não há barreiras para utilização de instrumentos, ferramentas, equipamentos e utensílios diversos. É apresentar soluções para o uso de canetas, dispositivos de anotações, computadores e seus acessórios, equipamentos audiovisuais, entre outros.
- **Programática:** quando não há barreiras no âmbito das políticas públicas, leis, decretos, portarias, normas, regulamentos, programas, dentre outros documentos. As barreiras invisíveis presentes em documentos oficiais contribuem para a não participação plena de muitos indivíduos na cultura, na educação, no trabalho e em outros meios.
- **Atitudinal:** diz respeito à ausência de comportamento preconceituoso, carregado de estigmas, estereótipos e discriminações por parte da sociedade como um todo em relação às pessoas com deficiência.

- Natural: esta dimensão se refere ao acesso sem barreiras ao ambiente natural, de forma harmoniosa e sem danos.

Sasaki (2009, 2019) ainda reforça que a acessibilidade pode beneficiar todas as pessoas, com ou sem deficiência, caso seja pautada no desenho universal - que será abordado adiante.

Discutindo acessibilidade no âmbito cultural, mais especificamente nos museus, destaca-se a reflexão de Duarte e Cohen (2007 conforme citado por Cohen, Duarte e Brasileiro, 2012), as quais, na mesma direção de Romeu Sasaki, referem que a acessibilidade não está associada apenas às pessoas com deficiência:

(...) pode ser a porta que dá entrada à equiparação de oportunidades, inclusive a de participação nas atividades culturais, para todas as pessoas. Não deve assim ser compreendida como um conjunto de medidas que favorecem apenas as pessoas com deficiência - o que poderia até aumentar a exclusão espacial e a segregação desses grupos - mas como medidas técnico-sociais destinadas a garantir o acolhimento de todos os usuários em potencial. (p. 40)

O termo "acessibilidade", como já dito anteriormente, é referente à qualidade de acesso, mas não é consensual e pode ser aplicado a diversos grupos e em distintos contextos, a depender dos referenciais teóricos e das metodologias escolhidas, como destaca Gabriela Aidar (2019), educadora da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Esta autora menciona que o estudo realizado no Brasil, em 2017, organizado por João Leiva e Ricardo Meirelles, sobre os hábitos culturais dos brasileiros evidencia que a maioria das pessoas que nunca visitou um museu possui baixa escolaridade e baixa renda. Assim, considerando que existem distintos grupos excluídos das instituições museológicas, Aidar (2019) questiona o motivo da maioria destas instituições desenvolverem ações de acessibilidade exclusivamente para pessoas com deficiência e defende o uso ampliado do termo.

Viviane Sarraf (2018) também acredita que as oportunidades precisam ser equitativas para todas as pessoas, independente de suas condições sociais, físicas, sensoriais e cognitivas. No entanto, a mesma refere que é necessário considerar principalmente as pessoas com deficiência, sobretudo porque são elas que demandam mais adequações nos espaços e serviços. Assim, acessibilidade cultural diz respeito a "(...) um conjunto de adequações, medidas e atitudes que proporcionem bem-estar, acolhimento e acesso à fruição cultural para pessoas com deficiência, beneficiando públicos diversos" (Sarraf, 2018, p.25).

Na mesma direção, Patrícia Roque Martins (2013) utiliza o termo "acessibilidades", no plural, aplicado aos museus, e diz que sua efetivação está condicionada a programas e atividades que promovam a possibilidade de participação ativa das pessoas com deficiência. Além disso, também indica que as acessibilidades são um meio para alcançar a inclusão das pessoas, tenham elas deficiência ou não (Martins, 2017). Enquanto Sasaki (2019) apresenta a acessibilidade através de sete dimensões, Patrícia Roque Martins (2013, 2017) traz um modelo que agrupa três conceitos de acessibilidades, conforme apresentado na Tabela 2:

**Tabela 2.** Conceitos de Acessibilidade de Patrícia Martins (2013, 2017)

Acessibilidade de espaço	facilidades de acesso para entrada em um edifício e para utilização de seus serviços sem nenhum impedimento.
Acessibilidade de informação	referente à maneira como os museus fazem chegar a mensagem às pessoas, sem bloqueios.
Acessibilidade atitudinal	diz respeito ao desempenho social dos funcionários dos museus perante às pessoas com deficiência.

Fonte: elaborado pela autora, com base em Martins (2013, 2017)

Para Martins (2013), é bastante comum o tratamento das pessoas com deficiência de forma homogênea; então a mesma reforça que, nas acessibilidades destacadas, há que se considerar as características de cada deficiência, na medida em que as estratégias utilizadas para atender as demandas de pessoas com deficiência física, por exemplo, não necessariamente atendem por completo pessoas cegas e com baixa visão. Além disso, esta investigadora indica a necessidade de trabalhar com os conceitos acima conectados às suas respectivas barreiras incapacitantes (Martins, 2013, 2017).

### **1.2.1.1 Acessibilidade e desenho universal**

O termo desenho universal (universal design) foi cunhado por uma pessoa com deficiência, o arquiteto americano Ronald Mace (Ron Mace), em 1985. Seu objetivo, por meio do desenho universal, não era propor algo exclusivo às pessoas com deficiência, mas sim conceber

ambientes e produtos para atender o maior número de pessoas possível, independente de suas características (Cohen, Duarte & Brasileiro, 2012; Cambiaghi, 2018).

Pesquisadores da *North Carolina State University*, juntamente com Mace, através do *Center for Universal Design da School of Design*, aprofundaram os estudos e propuseram sete princípios e diretrizes para o Desenho Universal, que podem ser aplicados aos projetos da área de construção civil e elaboração de produtos (Cambiaghi, 2018; Cohen, Duarte & Brasileiro, 2012), a saber:

1. Uso equitativo: oferecer produtos, espaços e serviços que tenham a mesma forma de utilização por todas as pessoas sempre que possível; e, quando não for possível, devem ser equivalentes.
2. Flexibilidade no uso: o design precisa atender às preferências e habilidades das pessoas, com possibilidade de adaptação ao uso. Por exemplo, um produto precisa atender destros e canhotos.
3. Uso simples e intuitivo: o design precisa ser facilmente compreendido, independente do idioma das pessoas, conhecimento, formação, experiência e/ou capacidade de concentração.
4. Informação perceptível: a comunicação do design deve ser eficaz para as pessoas; isto é, uma mesma informação apresentada em diferentes modos e/ ou formatos para ampliar sua legibilidade, através de elementos táteis, visuais, verbais, pictográficos, por exemplo.
5. Tolerância ao erro: o desenho universal visa diminuir riscos, erros e possíveis acidentes em consequência do uso.
6. Mínimo esforço físico: tem foco em um design utilizado com eficiência, de forma confortável e com o mínimo de esforço.
7. Dimensão e espaço para aproximação e uso: os espaços e dimensões precisam ser apropriados à aproximação, alcance, manipulação e uso, independente do tamanho do usuário e/ ou de sua mobilidade.

Por meio do desenho universal, é possível que todos tenham melhor qualidade de vida, na medida em que se propõe que pessoas com distintas características utilizem produtos e espaços sem discriminação. Todavia, para que os objetivos do desenho universal sejam atingidos, segundo Cambiaghi (2018), há a necessidade de uma mudança nas atitudes dos agentes envolvidos em seu processo - arquitetos, engenheiros, designers, instituições do governo, empresas e usuários.

Enquanto Cambiaghi (2018) aponta a necessidade de mudança nos agentes envolvidos, Aimi Hamraie (2017) aposta em um realinhamento na relação entre desenho universal e deficiência, na medida em que o mesmo passou a apresentar um discurso neutro em relação à deficiência, sem explicitá-la e sem considerar as histórias de luta dessas pessoas. Ainda, ao trazer um discurso que visa atender a todos, torna-se difícil conhecer quem está sendo considerado e como os profissionais envolvidos poderão saber. Por isso, esta autora defende a proposta de um desenho universal crítico, com foco em compreender as lacunas do senso comum do acesso.

Há referência ao desenho universal em documentos internacionais e em normas brasileiras, como a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, de 2006, e a norma técnica NBR 9050/ 2020, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Ao abordá-lo, o primeiro reforça a busca por atender todas as pessoas, sem que seja necessário adaptação ou um projeto específico; já o segundo, foca no atendimento à maior variedade de características das pessoas, tanto antropométricas como sensoriais.

### **1.2.1.2 Tecnologia Assistiva**

Em 1988, surgiu o termo *Assistive Technology* no contexto da legislação estadunidense - no caso, a lei: *Public Law 100-407* - em um conjunto de leis referentes às pessoas com deficiência conhecido como *American with Disabilities Act (ADA)*. No Brasil, a Tecnologia Assistiva (TA) se fez presente na legislação com foco nas pessoas com deficiência sob o termo Ajudas Técnicas no Decreto 3.298/ 1999. Posteriormente, o Decreto 5.296/2004 - que trata da promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida - além de abordar as Ajudas Técnicas, indicou, também, a criação do Comitê de Ajudas Técnicas (CAT). Assim em 2006, foi criado o CAT, no âmbito da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, com o objetivo de melhorar o desenvolvimento da Tecnologia Assistiva (TA)<sup>6</sup> no país (Scatolim et al., 2016).

O CAT, então, definiu TA como uma área do conhecimento interdisciplinar que contempla produtos, metodologias, estratégias, práticas e serviços com vistas a proporcionar a participação social das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, por meio da

---

<sup>6</sup> Na época de criação do CAT, utilizava-se o termo Ajudas Técnicas para abordar Tecnologia Assistiva (Scatolim et al., 2016). Em Portugal, observa-se a utilização do termo Tecnologia de Apoio (Amorim et al., 2009).

ampliação ou obtenção de habilidade para realizar as mais distintas atividades (Amorim et al., 2009). Manzini (2005) refere que os recursos de TA fazem parte do cotidiano e podem tanto se destacar pela alta tecnologia como podem não serem notados devido a sua simplicidade.

Existem várias categorias para organizar os recursos de TA, como a ISO 999:2002, uma classificação internacional usada em inúmeros países<sup>7</sup>; o modelo HEART (*Horizontal European Activities in Rehabilitation Technology*), da União Europeia; e o Sistema Nacional de Classificação dos Recursos e Serviços de Tecnologia Assistiva, dos Estados Unidos da América (Bersch, 2017).

Em 1998, José Tonolli e Rita Bersch desenvolveram uma classificação brasileira, que foi atualizada em 2017, baseada em outras existentes e a partir da formação que tiveram no Programa de Certificação em Aplicações de Tecnologia Assistiva, da *California State University Northridge*. Esta classificação chegou a ser utilizada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República, em 2012, para tratar de crédito para aquisição de produtos e serviços de Tecnologia Assistiva com foco nas pessoas com deficiência. A seguir, a referida classificação (Bersch, 2017):

- Auxílio para a vida diária e vida prática: materiais e produtos para a realização de tarefas do cotidiano (talheres modificados, barras de apoio, abotoadores, suportes para utensílios domésticos, etc.);
- Comunicação Aumentativa e Alternativa: pranchas de comunicação para atender pessoas com dificuldades na fala e/ ou escrita, por meio de materiais impressos e softwares específicos;
- Recursos de acessibilidade ao computador: por meio de hardware e software, busca-se tornar o equipamento acessível às pessoas com deficiência - software de reconhecimento voz, movimento de olhos e ondas cerebrais, órteses e ponteiras para digitação, leitores de tela, impressora braile, etc.;
- Sistema de controle de ambiente: sistemas eletrônicos remotos permitem que as pessoas controlem equipamentos de som, luz, ventiladores, abram e fechem portas, etc.;

---

<sup>7</sup> A ISO 999:2002 foi atualizada e a versão mais recente é a de 2016, conforme aponta o site da Associação Brasileira de Normas e Técnicas - ABNT: <https://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=361892>

- Projetos arquitetônicos para acessibilidade: para adequar estruturalmente espaços para atender as demandas de todas as pessoas, diminuindo ou excluindo as barreiras físicas - elevadores, rampas, mobiliário, dentre outros;
- Órteses e Próteses: membros artificiais (próteses) ou peças junto a uma parte do corpo (órteses) são utilizadas para melhorar sua função, posicionamento e/ou estabilização.
- Adequação Postural: adequações em cadeiras de rodas e recursos utilizados para estabilizar postura das pessoas - almofadas, assentos, encostos anatômicos, etc.;
- Auxílios de mobilidade: elementos utilizados para otimizar a mobilidade das pessoas, como bengala, muleta, andador, cadeira de rodas manuais ou motorizadas, dentre outros;
- Auxílios para otimizar a habilidade visual e recursos que traduzem conteúdos visuais em áudio ou informação tátil: recursos com lentes, lupas, materiais em braile, material gráfico com textura e relevo, mapas táteis e outros;
- Auxílios para pessoas surdas, com déficit auditivo e recursos para traduzir os conteúdos de áudio em imagens, texto e língua de sinais: aparelhos para surdez, material de texto em língua de sinais, sistema de legendas, aplicativos que traduzem para língua de sinais, etc.;
- Mobilidade em veículos: adequações para que pessoas com deficiência física possam dirigir, embarcar e desembarcar de veículos - rampas e elevadores para cadeira de rodas, serviços em autoescola voltado para pessoas com deficiência;
- Esporte e Lazer: recursos para a prática de esporte e atividades de lazer, como bolas sonoras, produtos para segurar baralho, etc.

Conforme já apontado anteriormente, existem diferenças entre as pessoas cegas e com baixa visão, inclusive se a deficiência é congênita ou adquirida (Kastrup, 2010). Assim, alguns recursos que beneficiam um grupo podem não beneficiar outros. Em relação às pessoas com baixa visão, os recursos de TA focam na utilização de resíduo visual e habilidades remanescentes (Gasparetto et al., 2012), enquanto que em relação às pessoas cegas, o foco é a utilização de recursos que traduzem conteúdos visuais em áudio ou em informação tátil (Bersch, 2017). Existe um número elevado e diversificado de recursos de TA direcionados para pessoas com deficiência visual devido às crescentes inovações tecnológicas e estudos no campo. Barqueiro e Barqueiro (2010), apresentam os recursos considerando as seguintes divisões: vida diária, pedagógico, óptico, eletrônico e de informática. Já Ferroni e Gasparetto

(2012) e Gasparetto et al. (2012) dividem os recursos em: ópticos, não ópticos, eletrônicos e de informática.

A seguir, apresenta-se a Tabela 3, com alguns dos recursos de TA direcionados às pessoas com deficiência visual, baseado em Ferroni e Gasparetto (2012); Gasparetto et al. (2012), Barqueiro e Barqueiro (2010), Vigentim (2014) e Salasar (2019), independente das divisões de categorias adotadas por alguns dos pesquisadores.

**Tabela 3.** Recursos de Tecnologia Assistiva para pessoas com deficiência visual

<b>Recurso</b>	<b>Função</b>	<b>Público-alvo</b>
Sistemas telescópicos monoculares ou binoculares	Permite aproximação do objeto, mas reduz o campo visual.	Pessoas com baixa visão
Óculos especiais, lentes de contato	Permite aproximação do objeto, mas reduz o campo visual.	Pessoas com baixa visão
Lupas manuais	Ampliam materiais de leitura, ilustrações e gráficos. Indicadas para uso de curta duração, já que são portáteis e segurá-las por muito tempo pode ser cansativo.	Pessoas com baixa visão
Lupas de apoio	Ampliam materiais de leitura, ilustrações e gráficos. Podem ser aplicadas em uso prolongado, já que possuem base de apoio.	Pessoas com baixa visão
Textos impressos em letras ampliadas	As ampliações favorecem a leitura	Pessoas com baixa visão
Representações em relevos, mapas gráficos, esquemas e maquetes (táteis)	Proporcionam a compreensão de elementos visuais	Mais utilizados por pessoas cegas, mas pode beneficiar pessoas com baixa visão
Audiodescrição (AD)	É uma tradução intersemiótica, que transforma o visual em palavras. Descreve-se imagens, gráficos, ambientes, etc. Pode ser gravada, ao vivo ou escrita.	Pessoas cegas e com baixa visão
Suportes para leitura, como pranchas inclinadas	Como auxílio de recursos ópticos, favorecem o conforto e a postura das pessoas ao realizarem leituras.	Pessoas com baixa visão
Suporte para a escrita, como cadernos com pautas ampliadas;	Favorecem a ampliação das letras e os instrumentos de escrita aumentam o	Pessoas com baixa visão

lápiz 6B ou 3B e canetas hidrográficas	contraste.	
Iluminação	A iluminação com foco direcionado e a possibilidade de controlá-la podem melhorar o contraste, resolução do objeto/ texto e diminuir o desconforto visual.	Pessoas com baixa visão
Reglete (e punção)	Utilizada de forma manual para a escrita do Sistema Braille.	Pessoas cegas
Lupas eletrônicas (de mesa e portátil), digitalizadores, vídeos ampliadores (constituído por câmera, fonte de luz, sistema ótico e monitor)	Ampliam materiais impressos que as lupas ópticas não conseguem ampliar de forma suficiente, já que os eletrônicos ampliam em maior proporção, sem distorção. Além disso, mudam cores e contrastes, a depender da necessidade da pessoa.	Pessoas com baixa visão
Softwares ampliadores de tela	Funcionam como uma lupa virtual ao ampliarem os textos, imagens, ilustrações, etc.	Pessoas com baixa visão
Ajustes de configurações de computadores para tamanhos e tipos de fontes, alteração de contraste, dentre outros.	Facilitam a leitura e a escrita, com ajustes necessários para cada pessoa.	Pessoas com baixa visão
Softwares leitores de tela e OCR	Por meio de um sintetizador de voz, transmitem as informações textuais de aplicativos e conteúdos da tela do computador. O OCR ( <i>Optical Character Recognition</i> ) reconhece textos a partir de uma imagem, ampliando as possibilidades dos leitores de tela	Pessoas com baixa visão e cegas
Linha braile	Equipamento (hardware) de saída com celas braile eletromecânicas que transforma os textos do computador para o sistema braile.	Pessoas cegas
Impressora braile (e seus produtos)	A partir de software específico de transcrição em braile, a impressora imprime, em papel, textos, gráficos, planilhas, desenhos, etc.	Pessoas cegas
Bengalas	Para orientação e mobilidade no espaço, facilitando o encontro de obstáculos e mudanças de sentido.	Pessoas cegas e com baixa visão

Cão-guia	Para orientação e mobilidade no espaço	Pessoas com baixa visão e cegas
Piso podotátil	Sinalização por meio de dois padrões de piso em relevo: de alerta e direcional. O de alerta (pontos) indica a existência de barreiras físicas e o direcional (traços paralelos) indica que é possível seguir o caminho.	Pessoas com baixa visão e cegas
Mapa tátil	Representa a planta-baixa de um espaço, facilitando, assim, a localização da pessoa. Apresenta legenda dos espaços com fontes ampliadas e braile, além de ser possível inserir cores para apresentar espaços diferentes.	Pessoas cegas.  Com recursos de cores e fontes ampliadas, também foca nas pessoas com baixa visão.

Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Ferroni e Gasparetto (2012); Gasparetto et al. (2012), Barqueiro e Barqueiro (2010), Vigentim (2014) e Salasar (2019).

Apesar de serem fundamentais para as pessoas com deficiência visual, alguns deles beneficiam outras pessoas com ou sem deficiência, na medida em que possibilitam experiências diferentes das regularmente encontradas em muitos espaços. As maquetes, por exemplo, podem beneficiar pessoas com deficiência intelectual, idosos, crianças e todas pessoas que tenham interesse em experimentar uma experiência multissensorial (Salasar, 2019).

Os recursos de TA apresentados acima são algumas das possibilidades que contribuem para a participação das pessoas com deficiência visual na sociedade, no âmbito da educação, trabalho, lazer e cultura, visando acessibilidade e inclusão social, conforme previsto na Lei Brasileira de Inclusão/ Lei 13.146 de 2015. De acordo com Scatolim (2016), apesar do quantitativo e da existência de leis, as pessoas com deficiência ainda enfrentam significativas barreiras, há pessoas que não têm condições de adquirir os recursos de TA e muitos ambientes da sociedade não oferecem recursos de TA que promovem acessibilidade e inclusão, como escolas, museus, ambientes de trabalho, espaços urbanos, etc.

## 1.3 MUSEUS NA CONTEMPORANEIDADE

Neste tópico, será abordado um pouco do breve histórico dos museus, bem como a importância que se passou a atribuir aos diversos tipos de público; para além disso, discutir-se-á a fruição cultural das pessoas com deficiência visual nos espaços museológicos, considerando as possibilidades multissensoriais.

### 1.3.1 Antecedentes históricos

O museu surge a partir da coleção de objetos diversos. Na Grécia antiga, o *mouseion* - o templo das musas - era dedicado ao saber e ao deleite da filosofia (Vasconcellos, 2006). Nesses templos, encontravam-se doações, ex-votos e oferendas para as divindades (Giraudy & Bouilhet, 1990). No século III a. C, no Egito, Ptolomeu I e seu filho Ptolomeu II criaram o Mouseion de Alexandria, onde também funcionava a Biblioteca de Alexandria. O *mouseion* comportava salas de reunião, laboratório, observatório, jardim zoológico e botânico (Carreño, 2004), além de possuir obras de arte, equipamentos astronômicos, rochas, minerais, peles de animais, dentre outros itens (Suano, 1986).

Durante a Idade Média, o cristianismo dá sentido pedagógico e moral para a formação de seus fiéis, contando especialmente com coleções de relicários, elementos litúrgicos, manuscritos e plantas medicinais. A Igreja era a grande receptora de doações de objetos oriundos de saques das cruzadas (Carreño, 2004). Já na época das Grandes Navegações e do Renascimento, a partir do século XV, tem-se notícia das coleções principescas, constituídas por objetos diversos da Antiguidade, obras de arte, curiosidades e tesouros das Américas e Ásia (Julião, 2006). Os gabinetes de curiosidade datam desse período e reuniam objetos ou obras raras, animais, camafeus, objetos exóticos, fósseis, minérios, múmias, entre outros, geralmente sem organização, com foco no exótico (Giraudy & Bouilhet, 1990; Julião, 2006).

No final do século XVII, algumas galerias de palácios reais foram abertas à visita, como por exemplo a Galeria de Apolo, no Palácio do Louvre, em Paris, a partir de 1681, aberta para artistas e estudantes. No entanto, o primeiro museu público europeu de que se tem notícia é o *Ashmolean Museum*, de Oxford, na Inglaterra, de 1683 - podendo ser visitado por especialistas e estudantes universitários. Ressalta-se que foi no final do século XVIII que as coleções passaram a ter caráter público efetivamente, marcando o surgimento dos museus nacionais, cujo objetivo era a instrução da nação com base no civismo, especialmente contribuindo com a legitimação dos Estados Nacionais (Suano, 1986).

A acumulação de objetos dos séculos XVII e XVIII dá lugar a museus com salas de exposições um pouco mais organizadas no século XIX, sobretudo porque havia o entendimento de que os museus eram lugares de contemplação das obras ali presentes. Ainda assim, os museus estavam centrados na aquisição de itens para suas coleções e na conservação das mesmas (Hernández, 2006).

Em 1923, o escritor Paul Valéry publicou o texto "O problema dos museus", no qual escreveu suas impressões enquanto visitante. Para ele, o museu é um lugar de acúmulo de objetos, os quais são mostrados todos juntos e sem relação entre eles, gerando efeitos negativos nos visitantes. Com sua postura crítica, Valéry acredita que os museus são lugares tristes, preocupados em aumentar suas coleções e colocá-las à mostra. Sob essa perspectiva, a visita ao museu não proporciona fruição e não desperta interesse no visitante (Hernández, 2006). Francisca Hernández (2006) indica que foi na segunda metade do século XX que os museus passaram por transformações mais profundas, com o objetivo de mudar a imagem do museu do século XIX, que já vinha sofrendo críticas.

No século XX, os museus se viram diante do desafio de “tornar suas coleções e suas propostas cada vez mais acessíveis para os visitantes de qualquer faixa etária e segmento social” (Vasconcellos, 2006, p.24). Ao fim da Segunda Guerra Mundial, há um questionamento maior acerca da função social dos museus, que, até então, estavam distantes da sociedade. Na Europa da década de 1960, os museus começaram a se reestruturar com foco em estar mais conectados à sociedade, desenvolvendo ações junto a comunidades de seu entorno, populações rurais e em situação de vulnerabilidade social. O objetivo era estreitar os laços com a população (Vasconcellos, 2006).

Na década de 1970, essa abertura dos museus se intensificou, na medida em que há uma mudança no entendimento do processo museológico: o foco passa a ser o papel dos museus na sociedade, a relação ser humano – patrimônio – memória. Em 1971, aconteceu a IX Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM), em Paris, com o tema “O Museu a Serviço do Homem, Atualidade e Futuro – o Papel Educativo e Cultural”. Neste evento, discutiu-se o papel dos museus na sociedade, bem como a qualidade dos serviços oferecidos pelas instituições museais (Santos, 2002).

Neste período, na França, em Portugal e no Canadá surgiram os ecomuseus<sup>8</sup>, em um contexto de crítica aos museus tradicionais da forma como se apresentavam para a sociedade. Em 1972, em Santiago, Chile, aconteceu um encontro promovido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), conhecido como Mesa-Redonda de Santiago. Neste encontro, o objetivo era pensar como os museus poderiam se tornar “mais próximos dos novos anseios da sociedade, colocando em evidência a prioridade da ação museal no campo da intervenção social, abrindo, também, espaço para se repensar a museologia, de forma global, situando-a entre as ciências sociais” (Santos, 2002, p.94). Talvez tenha sido o marco mais significativo da evolução do processo museológico na contemporaneidade, pois acontece “a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade” (Santos, 2002, p.104).

Destacam-se alguns outros documentos do universo museológico, resultados de encontros do campo: A Declaração de Quebec (1984) e a Declaração de Caracas (1992). Em Quebec, há a orientação dos princípios de base da Nova Museologia, que voltada para as relações e não para os objetos, pensa no museu pelo ser humano e para o ser humano e o enfoque é dado à comunidade, à participação e à cidadania. A Declaração de Caracas surgiu no seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, com o objetivo de atualizar os conceitos e renovar os compromissos adquiridos na reunião de Santiago do Chile (Primo, 1999).

De acordo com Chagas e Gouveia (2014), a nova museologia perdeu sua expressão, o que contribuiu para o fortalecimento da museologia social ou sociomuseologia após os anos de 1990, a qual está:

Comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas,

---

<sup>8</sup> Os museus tradicionais desenvolvem suas atividades pautadas em um acervo/ coleção, dentro de um edifício, para o público. A maioria dos museus se enquadra nessa tipologia. Os ecomuseus, fazendo parte das ideias propostas pela Nova Museologia, têm como referência o patrimônio cultural de um território, em que vive uma comunidade, com a qual são desenvolvidas atividades de caráter museológico. O ecomuseu tem como característica a participação ativa da comunidade e a auto-gestão (Hernández, 2006).

dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST<sup>9</sup> e outros (Chagas & Gouveia, 2014, p. 17)

Os autores ainda dizem que o sentido da museologia social não é estar na sociedade, mas os compromissos sociais, acima indicados, que assume com os grupos envolvidos. Dentro dessa perspectiva, nem toda museologia é social (Chagas & Gouveia, 2014). Em consonância com Chagas e Gouveia, Patrícia Martins se refere a Walsh (1992) para indicar que o futuro dos museus precisa estar ancorado na ideia de democracia local e de serviço público, atuando como um "facilitador das comunidades que pretendam conhecer o desenvolvimento do seu local" (Martins, 2017, p. 85).

Devido às transformações ocorridas no campo dos museus e da museologia, às funções de investigar, conservar e expor das instituições, somaram-se outras com foco nos distintos públicos e nas comunidades, o que gerou maior desenvolvimento na sua comunicação, na função educativa e no seu caráter lúdico e de lazer (Martins, 2017).

### **1.3.2 Públicos e não públicos de museus**

Com maior atenção para os visitantes dos museus, torna-se necessário conhecê-los melhor, tanto os que já frequentam os espaços como os visitantes potenciais (Martins, 2017). Marília Xavier Cury (2005) indica que por meio da pesquisa de público é possível conhecer os usos que os visitantes fazem de todos os serviços do museu e suas percepções, aprendizado, motivações, comportamento e interações sociais. Uma das primeiras pesquisas neste campo foi desenvolvida entre 1964 e 1965, por Pierre Bourdieu e Alain Darbel, em 120 museus de arte europeus, a fim de mapear as características sociais e culturais do público visitante de museus (Bourdieu & Darbel, 2007).

De acordo com o livro Conceitos-chave de Museologia, público de museu é o conjunto de seus usuários. Diz respeito, também, àqueles que poderiam beneficiar de seus serviços, mas não o fazem. O interesse pelos visitantes dos museus se estende às pessoas que não o frequentam gerando categorias quanto à visitação, como público amplo, não-público, público distanciado, etc. (Desvallées & Mairesse, 2013).

---

<sup>9</sup> LGBT é uma sigla que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. Atualmente, utiliza-se LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexo, assexual e o "+" para se referir a outros grupos de sexualidade e gênero). Já MST significa Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Em sua investigação sobre públicos de museus, Adriana Mortara Almeida (2004) referenciou os estudos de Marilyn Hood (1993) para abordar os visitantes de acordo com as frequências nas instituições museológicas: público frequentador, que visita o museu pelo menos três vezes ao ano; público eventual, que faz uma a duas visitas por ano; não público, que passa dois anos sem visitar museu. No entanto, Almeida (2004) indica que é possível adotar outras formas de abordagem, de acordo com a realidade do país, das instituições, dos visitantes e da frequência. No caso do Brasil, Chiovatto e Aidar (2015) também se referem aos não públicos como sendo os que não são frequentadores habituais. Já Martins (2017) diz que o público que não vai ao museu é o público potencial, na medida em que o museu tem por responsabilidade chegar a um público cada vez mais diversificado.

No âmbito das pessoas com deficiência, frequentar museus representa ainda enfrentar diversos obstáculos ou barreiras que impedem o processo de fruição, que podem estar presentes na mobilidade no espaço, nos processos de comunicação, no acesso às informações e outros elementos das exposições e no acolhimento dos funcionários (Lima & Berquó, 2012). Desta forma, a acessibilidade - como uma questão de direitos humanos - pode ser compreendida como um meio para se alcançar a inclusão das pessoas com deficiência - ou sem deficiência (Martins, 2017). Além disso, proporcionar o protagonismo das pessoas com deficiência, por exemplo, é uma maneira de assegurar o direito da participação na vida cultural da comunidade (Sarraf, 2018).

Sob o paradigma do modelo social da deficiência, apresentado anteriormente, no campo dos museus, é necessário que haja uma mudança maior na sociedade e nas instituições com o objetivo de garantir o direito das pessoas com deficiência, previsto na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, de 2006 (Martins, 2017).

### **1.3.3 Pessoas com deficiência visual, fruição cultural e museus**

A fruição pode ser entendida como uma ação em decorrência das vivências das pessoas e que dão origem a distintos significados, a partir da experiência (Santos, 2020). No âmbito dos museus, Falk e Dierking (2000) abordam a experiência neste tipo de espaço cultural a partir da apresentação do Modelo Contextual de Aprendizagem, no qual a aprendizagem é percebida por meio da intersecção de três contextos: o sociocultural, o físico e o pessoal.

O contexto sociocultural diz respeito aos contatos que o indivíduo mantém ao longo da visita, com o grupo no qual está inserido, com pessoas de outros grupos que estão no ambiente, com

funcionários da instituição ou qualquer outra pessoa. O contexto físico se refere ao espaço em que acontece a experiência: a exposição, o prédio do museu, o entorno. O contexto pessoal engloba as motivações, conhecimentos do visitante, a seleção e escolha do percurso, atitudes durante a visita e os eventos e experiências que ocorrem após a visita. Assim, para sua fruição cultural, o visitante elabora seu percurso de acordo com seu desejo, motivações, necessidades, a partir de suas companhias e outras variáveis possíveis (Falk & Dierking, 2000).

Kastrup (2015) refere que os museus desenvolvem ações voltadas para a apreciação visual, isto é, explora-se demasiadamente o sentido da visão em detrimento do tato, olfato, paladar e audição. Cardoso e Silva (2017) destacam que as estratégias que privilegiam recursos multissensoriais são eficazes para que o visitante tenha experiências significativas no espaço do museu, inclusive aquele que tem alguma deficiência.

Para tratar da sensorialidade, Almeida, Carijó e Kastrup (2010) distinguem acesso informativo e acesso estético, na medida em que o primeiro se resolve com descrição da obra, audioguia e textos em braile, por exemplo, para que o visitante tenha acesso às informações disponibilizadas. Já o segundo se refere ao acesso aos bens culturais propriamente dito e alguns museus disponibilizam reproduções táteis e toque em peças do próprio acervo (Almeida, Carijó & Kastrup, 2010).

Por ser necessário o contato e envolver o movimento do corpo, Kastrup (2015) indica que o tato opera de forma distinta da audição e da visão, os quais funcionam à distância. No entanto, objetivando acessibilidade, quando o assunto é versão tátil de algum item do acervo, muitas vezes as instituições apenas transpõem elementos essenciais à visão para a reprodução, sem levar em consideração as particularidades do sistema tátil, como por exemplo textura, tamanho, forma e temperatura (Almeida, Carijó & Kastrup, 2010). Alves e Moraes (2018) destacam a importância da acessibilidade sempre contar *COM* as pessoas com deficiência e não apenas *PARA* essas pessoas<sup>10</sup>.

Embora não seja tão frequente que os museus usem o toque dos objetos, pessoas cegas e não cegas costumam utilizá-lo para muitas de suas experiências em suas vidas. O toque é

---

<sup>10</sup> Para destacar as palavras no contexto, Alves e Moraes (2018) utilizam as palavras “COM” e “PARA” em letras maiúsculas e “fazerCOM” como se fosse uma única palavra, porém com parte dela em maiúscula. Adota-se, neste estudo, as mesmas formas de escrita que as autoras em questão, inserindo fonte itálico para identificar que se trata de uma expressão.

compreendido como uma mistura de pele, dedos, mão e braços, posição e movimento do corpo em relação ao que é tocado (Candlin, 2004).

Nos museus, o toque ainda é tabu e é considerado por alguns como uma espécie de ameaça à conservação das coleções. Assim, para proporcionar experiências para além da visão, muitas vezes a introdução de elementos interativos e sensoriais nas instituições museológicas desencorajam os visitantes a tocar em itens do acervo exposto e que não foram previamente selecionados pela instituição para fazerem parte da experiência. Desta forma, não é dado às pessoas a possibilidade de escolher o que tocar ou não, o que é considerado ainda um acesso restrito (Candlin, 2004).

Em pesquisa junto a pessoas cegas e com baixa visão em visita a museus, Fiona Candlin (2004) refere que os entrevistados citaram a importância do toque como meio para de aprender sobre os objetos. Ocorreu também do toque ser parte de um complemento ou confirmações da visão para alguns. Desta forma, o toque foi utilizado para a construção de uma imagem para quem passou pela experiência.

Para os museus como instituições de todas as pessoas, com e sem deficiência, é importante considerar as experiências multissensoriais pautadas na visão, audição e tato, proporcionando às pessoas a fruição cultural e construção do seu conhecimento (Mattos, Machado, Vieira, Braz & Lione, 2019).

## II Metodologia

Neste tópico, apresenta-se a metodologia adotada na pesquisa, como o tipo de estudo, as técnicas e instrumentos de recolha de dados e como se dará a análise dos dados, visando responder os objetivos do estudo.

Trata-se de uma investigação qualitativa, do tipo exploratória-descritiva, que visa descrever os recursos de acessibilidade oferecidos ao público com deficiência visual em museus; conhecer estratégias de acessibilidade a partir da perspectiva de profissionais de museus; e, a partir dos resultados da análise dos dois elementos anteriores, indicar um quadro de referência para que os museus possam potenciar a fruição cultural das pessoas com deficiência visual.

Com o objetivo de montar um enquadramento teórico pertinente a este estudo, foi necessário recorrer a referências bibliográficas no âmbito da deficiência visual, acessibilidade e museus. Além disso, os referenciais teóricos foram essenciais para a elaboração dos instrumentos de coleta de dados e para a análise dos resultados.

Assim, com base no referencial teórico, para o trabalho de campo deste estudo, optou-se por selecionar quatro instituições museológicas, sendo uma em Portugal e três no Brasil, bem como um profissional de cada uma das instituições. As instituições foram selecionadas considerando a experiência que têm no campo da acessibilidade e a temática que desenvolvem no âmbito das pessoas com deficiência. Assim, através do estudo dos referidos museus, pretende-se identificar elementos considerados essenciais para potenciar a fruição cultural das pessoas com deficiência visual.

### 2.1 TIPO DE ESTUDO

A presente investigação é um estudo qualitativo na medida em que se preocupa em descrever e analisar um determinado contexto em profundidade, sem produzir dados quantificáveis (Gil, 2019). Neste tipo de abordagem, a amostra não precisa ser grande, o que realmente importa é a possibilidade de gerar novas informações profundas sobre o tema (Fernandes, 1991). Desta forma, podemos dizer que esta investigação é qualitativa porque busca analisar como os museus promovem acessibilidade para pessoas com deficiência visual.

Os estudos sobre acessibilidade cultural são recentes se comparados com outros estudos, então temos, apesar de crescente, pouca bibliografia e poucas teorias para testarmos, assim, a maioria dos estudos se enquadra no que Fortin (1999) intitulou de nível de conhecimento I, dentro do tipo exploratório-descritivo, pois busca “acumular a maior quantidade de informações possíveis, a fim de abarcar os diversos aspectos do fenômeno” (Fortin, 1999, p. 240); isto é, busca-se ter mais informações sobre como os museus promovem acessibilidade no seus espaços para visitantes com deficiência visual, através dos objetivos acima expostos.

## **2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS MUSEUS**

Para esta seção, pretende-se caracterizar as quatro instituições museológicas, a saber: Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB), localizado em Portugal, e Pinacoteca do Estado de São Paulo (PINA), Centro de Memória Dorina Nowill (CMDN) e Museu da Inclusão (MI) localizados em São Paulo, Brasil. Selecionou-se essas instituições pelos seguintes motivos:

- Museu da Comunidade Concelhia da Batalha: um museu reconhecido como "museu de todos" por ter sido criado já com foco em atender demandas das pessoas com e sem deficiência;
- Pinacoteca do Estado de São Paulo: uma das primeiras instituições museológicas de referência no campo da acessibilidade no Brasil, citada por diversos pesquisadores;
- Centro de Memória Dorina Nowill: o Centro pertence à Fundação Dorina Nowill, uma instituição de referência no atendimento às pessoas com deficiência visual; assim, buscou-se conhecer as estratégias da Fundação dentro da sua própria instituição museológica; e
- Museu da Inclusão: buscou-se conhecer suas estratégias já que seu conteúdo é sobre as pessoas com deficiência, já que surgiu com o objetivo de ser uma instituição voltada para a preservação da história das lutas das pessoas com deficiência do estado de São Paulo.

### **2.2.1 Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB)**

O Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, localizado no Concelho da Batalha (Leiria, Portugal), é vinculado à Divisão da Educação, Cultura e Desporto do Município da Batalha e foi inaugurado em 2011 (Câmara Municipal da Batalha, 2021). O edifício ocupado pela Instituição,

onde já funcionou um banco, foi adaptado para se transformar num museu e, desde o princípio do projeto, conta com um programa de acessibilidade (Moderno, 2016).

O Concelho da Batalha não tinha um museu que tratasse da história regional. Muitos turistas e escolas já visitavam a região por conta do Mosteiro de Santa Maria. Então o MCCB surgiu da vontade de se ter um espaço que tratasse da história local, a qual se mistura com a história do Mosteiro<sup>11</sup>.

De acordo com seu Regulamento Interno, o Museu “assenta a sua matriz na linha da Sociomuseologia, assumindo-se como um centro de divulgação cultural que pretende projectar esta região e suas gentes” (Câmara Municipal da Batalha, 2012, p.3). Dentro desta perspectiva, foi pensada uma exposição de longa duração na qual os batalhenses participaram das escolhas temáticas e da seleção de objetos a serem expostos, os quais, em sua maioria, foram emprestados ao MCCB pela população local.

Além de desenvolver trabalhos em conjunto com a população local, o MCCB surgiu com a proposta de ser um museu inclusivo, isto é, os recursos disponíveis para o público atendem às mais diversas necessidades; além disto, uma mesma ação educativa, por exemplo, pode ser proposta para pessoas com e sem deficiência. Assim, acredita que reconhecendo as diferenças de cada um pode ser compreendido como um “Museu de Todos”, conforme indica o Regulamento Interno (Câmara Municipal da Batalha, 2012).

O MCCB possui uma exposição de longa duração distribuída pelos seus dois andares e está assim dividida, segundo seu website (2021)<sup>12</sup>:

- **Passado:** trata da formação do território ocupado pelo Concelho da Batalha em distintos períodos geológicos, os primeiros vestígios humanos, a Cidade Romana de *Collipo*, a Batalha de Aljubarrota, a construção do Mosteiro de Santa Maria da Vitória e a transformação do território no atual Concelho.
- **Presente:** aborda questões sociais, culturais e econômicas da vida atual e provoca a sensibilização dos visitantes para a preservação do meio ambiente e da cultura local.

---

<sup>11</sup> Informação coletada na entrevista de Ana Moderno, em 2019, conforme Anexo 8.

<sup>12</sup> [EXPOSIÇÃO PERMANENTE - Passado | MCCB - O museu de todos](#) (07 de julho de 2021)

[EXPOSIÇÃO PERMANENTE - Presente | MCCB - O museu de todos](#) (07 de julho de 2021)

[EXPOSIÇÃO PERMANENTE - Futuro | MCCB - O museu de todos](#) (07 de julho de 2021)

- Futuro: através do espaço Laboratório da Memória Futura, divulga trabalhos de investigação da região.

O MCCB oferece visitas orientadas com agendamento prévio, conforme indicado no *webiste*<sup>13</sup>. A depender do interesse do grupo, as visitas podem ser de exploração, visitas-jogo e podem ter oficinas de expressão artística e sensorial. As atividades acontecem nas áreas expositivas e na sala voltada para o desenvolvimento das oficinas, bem como para acondicionamento para materiais diversos.

Com poucos anos de existência, o MCCB já recebeu os seguintes prêmios: “Melhor Museu Português” atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM), em 2012, e o “Kenneth Hudson”, do Fórum Europeu de Museus, em 2013, de acordo com o *website Tur4All*<sup>14</sup> (2021).

## 2.2.2 Pinacoteca do Estado de São Paulo (PINA)

A Pinacoteca, fundada em 1905, é um museu de artes visuais vinculado à Secretaria do Estado de Cultura de São Paulo, localizado no centro da cidade de São Paulo. Atualmente, a PINA é gerida pela Associação Pinacoteca Arte e Cultura, uma Organização Social da Cultura (Oliveira, 2015). De acordo com seu *website*<sup>15</sup> (2021), o acervo conta com cerca de 11 mil peças, desde o século XIX até os dias de hoje, com predominância de artistas brasileiros.

Em 2002, foi criado o Núcleo de Ação Educativa (NAE) da PINA, com o principal objetivo de "atender o 'não público visitante do museu', pessoas com deficiência, pessoas em situação de vulnerabilidade social e o público do próprio entorno" (Oliveira, 2015, p. 109). Ainda de acordo com Oliveira (2015), no ano seguinte, surgiu o Programa Educativo para Públicos Especiais (PEPE), com foco no atendimento qualificado das pessoas com deficiência, de caráter inclusivo, ou seja, com desenvolvimento de ações para pessoas com e sem deficiência.

Após reestruturação do NAE, em 2013, o PEPE passou a integrar a Coordenação de Programas Educativos Inclusivos (COPEI), que também abarca o Programa de Inclusão Sociocultural (como foco em público em situação de vulnerabilidade social), Programa Consciência Funcional (foco nos funcionários do museu) e Meu Museu (foco no público idoso) (Chiovatto, 2016).

---

<sup>13</sup> [Serviço Educativo | MCCB - O museu de todos](#) (07 de julho de 2021)

<sup>14</sup> [Museu da Comunidade Concelhia da Batalha](#) (07 de julho de 2021)

<sup>15</sup> [Sobre a Pinacoteca](#) (10 de agosto de 2021)

Segundo Oliveira (2015), em 2010, devido ao seu destaque no âmbito da acessibilidade, o PEPE conquistou o Prêmio Darcy Ribeiro, do Sistema Brasileiro de Museus/ Instituto Brasileiro de Museus/ Ibram, e o Prêmio Rumos Educação, Cultura e Arte 2008-2010, do Itaú Cultural.

### **2.2.3 Centro de Memória Dorina Nowill (CMDN)**

De acordo com seu *website*<sup>16</sup> (2021), o Centro de Memória Dorina Nowill foi fundado em 2002 e pertence à Fundação Dorina Nowill para Cegos, que é uma organização sem fins lucrativos criada em 1951, localizada na cidade de São Paulo. Sua idealizadora foi Dorina de Gouvêa Nowill, que ficou cega aos 17 anos de idade e que se dedicou à inclusão social das pessoas com deficiência visual, missão que levou para a Fundação. Com foco na educação e cultura, a Fundação produz livros em braile, versão de áudio de livros e revistas, formato digital de produções acadêmicas para distribuição gratuita para pessoas com deficiência visual e instituições diversas. Ainda se dedica à prevenção da cegueira, através de atendimento especializado, reabilitação e colocação profissional.

O Centro de Memória é considerado o primeiro museu brasileiro com foco na luta das pessoas com deficiência visual no Brasil. Seu acervo conta com objetos tiflológicos - máquina braile, regletes e sorobans - fotografias, documentos, material audiovisual e depoimentos diversos. De acordo com Sarraf (2018, p. 238):

O Centro de Memória Dorina Nowill é um museu que preserva o desenvolvimento do movimento de inclusão social das pessoas com deficiência visual no Brasil e desenvolve projetos e programas de ação cultural para inclusão de pessoas com deficiência e novos públicos, com participação de representantes do público-alvo.

A atual exposição de longa duração contou com a colaboração de diversos profissionais da Fundação e foi inaugurada em 2013 sob o título "E tudo começou assim: ações, projetos e histórias que mudaram a vida das pessoas com deficiência visual" (Sarraf, 2018). A visita ao Centro de Memória costuma ser realizada mediante agendamento prévio, mas durante a pandemia as visitas estão suspensas.

---

<sup>16</sup> [Centro de Memória](#) (10 de agosto de 2021)

O Centro de Memória esteve entre os selecionados do Prêmio Darcy Ribeiro de 2008, do então Departamento de Museus e Centro Culturais, do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural (DEMU/ IPHAN), com foco em ações educativas em museus (Nowill, 2009).

#### **2.2.4 Museu da Inclusão (MI)**

O Museu da Inclusão é vinculado à Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência e está localizado na cidade de São Paulo. Em 2009, nas dependências da citada Secretaria, no intuito de comemorar o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, foi criada a exposição de longa duração "Memorial da Inclusão: os Caminhos da Pessoa com Deficiência", que contempla documentos e fotografias de participantes de movimentos pela inclusão social (Carvalho & Silva, 2016). A exposição conta com doze painéis com mais de 700 documentos e audiovisuais.

No *website* do Sistema Estadual de Museus de São Paulo<sup>17</sup> (2021), há o registro de que devido à relevância da temática abordada na referida exposição, a proposta foi ampliada para Memorial da Inclusão. Apesar de se considerar a existência do Memorial da Inclusão desde 2009, de acordo com o website do museu, a criação oficial ocorreu em 2018. Já em 2020, foi institucionalizado como Museu da Inclusão, com o objetivo de preservar a memória da luta por direitos do movimento social das pessoas com deficiência, além de contribuir para uma sociedade menos capacitista.

Atualmente está fechado ao público por conta da pandemia, mas tem investido em ações online nas redes sociais e, recentemente, criou seu novo portal na internet, o qual já recebeu o Selo de Acessibilidade Digital - representa que a página cumpre com os critérios de acessibilidade web. Além do investimento em ações online, uma de suas frentes de trabalho é a proposta de desenvolvimento de ações diversas com participação da sociedade, como por exemplo a formação de sua Comissão de Acervo, composta por representantes de instituições e ativistas pelos direitos das pessoas com deficiência.

---

<sup>17</sup> [Memorial da Inclusão: Os Caminhos da Pessoa com Deficiência – SISEM SP](#) (10 de agosto de 2021)

## 2.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Para estudar as instituições, com vista a responder os objetivos, optou-se por coletar dados por observação direta, via ficha diagnóstico (Anexo 1), e inquérito por entrevista semiestruturada para profissionais das instituições - apontadas como responsáveis pelo tema deste estudo. Foi utilizado um guião de entrevista para o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (Anexo 2) e outro para as instituições brasileiras (Anexo 3).

A construção dos instrumentos de coleta se pautou nas pesquisas de Patrícia Roque Martins (2017), Dilma Negreiros (2017) e Amanda Tojal (2007), a saber:

- Martins (2017) utiliza o termo "acessibilidades", no plural, para apresentar o quadro do "Modelo das acessibilidades em museus", com acessibilidade física, acessibilidade da informação e acessibilidade das atitudes (atitudinal). Para cada acessibilidade, a autora elenca os elementos essenciais para que os museus sejam acessíveis. No entanto, optou-se por utilizar o termo no singular, utilizando o termo "dimensão", conforme apontado por Sasaki (2009, 2019), para abordar os aspectos físicos, da informação e das atitudes.
- Negreiros (2017) criou uma grelha de análise para acessibilidade em ambientes culturais, especialmente para instituições que buscam iniciar o trabalho no campo da acessibilidade para todas as pessoas. Ressalta-se que Negreiros se pautou nas seis dimensões da acessibilidade propostas por Sasaki (2009).
- Tojal (2007), em sua pesquisa, elaborou uma ficha diagnóstico de acessibilidade física e sensorial de museus e instituições culturais, com o objetivo de identificar as possíveis barreiras de acessibilidade e definir metas para implantação de políticas culturais nas instituições.

O trabalho de campo desta investigação se iniciou com a realização de um estágio da pesquisadora no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB), em Portugal, no ano de 2019, com o objetivo de vivenciar o dia a dia da instituição e coletar dados para a presente investigação. Ressalta-se que, após a experiência no MCCB, o guião da entrevista foi reduzido para melhor atender os objetivos da investigação. Após esta etapa, partiu-se para a análise dos contextos das instituições selecionadas no Brasil, em 2020.

O caminho da pesquisa sofreu modificações por conta da pandemia causada pelo novo coronavírus (COVID-19). Em março de 2020, estava agendada a visita técnica a duas das três instituições - para realizar observação direta dos espaços e entrevistas com as profissionais -

mas o período coincidiu com o fechamento das instituições para visitação e seus profissionais entraram em trabalho remoto.

A ficha diagnóstico teve por objetivo descrever, de forma direta e por meio de observação, os recursos destinados às pessoas com deficiência visual presentes nas instituições. Os elementos deste instrumento pretenderam verificar a acessibilidade a partir das dimensões física e informacional/ comunicacional (Negreiros, 2017; Martins, 2017; Tojal, 2007), por meio de doze categorias e distintas subcategorias que são detalhadas abaixo.

No que tange à circulação nos espaços, buscou-se identificar a existência de recursos que favorecem a forma como as pessoas com deficiência visual se movem e interagem nos museus. Observou-se se as instituições possuem piso tátil, espaço suficiente e confortável para a movimentação do visitante nas áreas de exposição (entre os objetos expostos, bases de apoio e painéis) e áreas de descanso ao longo da visita (bancos e cadeiras).

Em relação à sinalização - elementos para orientar as pessoas e identificar os espaços - das exposições e todas as outras áreas de acesso ao visitante, o objetivo era verificar a existência de material em braile, em letras ampliadas e contrastantes e se sua localização está ao alcance visual ou manual - a depender do tipo de recurso utilizado.

As informações gerais na recepção se referem a qualquer material presente nesta área e que pode orientar o visitante e esclarecer suas dúvidas quanto aos serviços e regras do museu. Assim como na categoria anterior, identificou-se se há material em em braile, em letras ampliadas e contrastantes e se sua localização está ao alcance visual ou manual.

Para identificar como os objetos - acervo ou reproduções - são apresentados nas exposições, verificou-se se estão localizados em ambientes iluminados, se os seus suportes (bases e vitrines) permitem o alcance visual, se as suas bases estão ao alcance das mãos (para os itens destinados ao toque) e se essas bases possuem inclinação que facilitam o manuseio dos objetos.

Para analisar as informações das exposições, dividiu-se em duas categorias: textos gerais e legendas (de objetos). Os recursos verificados foram o braile, se os textos possuem letras ampliadas e contrastantes e se a localização das informações favorece o alcance visual e manual. A opção por esta divisão se justifica pelo fato de que uma instituição pode apresentar textos gerais em um formato como o braile, mas pode não o ter em suas legendas.

Por meio da ficha diagnóstica, verificou-se quais os recursos multissensoriais as instituições disponibilizam para o público: maquete tátil do edifício, obras originais da coleção para o toque, reproduções tridimensionais do acervo, relevos táteis, recursos olfativos, recursos sonoros e jogos multissensoriais. Como há possibilidade de inúmeros materiais, deixou-se um campo para a descrição de possíveis outros recursos não mencionados pela pesquisadora.

Para os recursos tecnológicos disponíveis ao público, optou-se por abordá-los em duas distintas categorias, sendo uma de equipamentos interativos (computadores, totens, *tablets* e afins disponíveis para o manuseio do público) e outra de material audiovisual (vídeos, animações e outros). O objetivo foi identificar se os recursos disponibilizados pelas instituições possuem informações em letras ampliadas, textos e imagens em alto-contraste, audiodescrição de imagens e opção de *software* leitor de tela. Já a categoria referente ao equipamento de audioguia buscou identificar se os museus participantes da investigação o disponibilizam ao público com o recurso da audiodescrição.

Além das informações gerais presentes na recepção, dos textos de exposição, verificou-se se as instituições oferecem ao público folhetos institucionais, publicações diversas e qualquer outro material impresso com letras ampliadas e contrastantes e braile. Para esses itens, duas categorias foram apresentadas, sendo uma para os folhetos e outra para as publicações e outros materiais.

A ficha diagnóstica foi apresentada em forma de tabela e, para cada subcategoria, tem-se quatro colunas, sendo a primeira para as respostas positivas (sim), a segunda para as negativas (não), a terceira para ser marcada quando o item não se aplica à realidade da instituição (não se aplica) e a quarta para o caso de faltar informação que impossibilite a resposta<sup>18</sup> (sem possibilidade de resposta). Por fim, há uma última coluna referente à cada categoria, destinada aos comentários adicionais.

No MCCB, o instrumento (Anexo 4) foi preenchido pela investigadora a partir de observação direta, a qual ocorre quando o investigador está presente no local a ser pesquisado (Gil, 2019) e permite descrever um lugar para melhor conhecê-lo (Fortin, 1999). Já nas instituições brasileiras - PINA (Anexo 5), CMDN (Anexo 6) e MI (Anexo 7), por conta do fechamento dos museus, a ficha foi preenchida pelos profissionais das instituições, com base em seus

---

<sup>18</sup> O item "sem possibilidade de resposta" foi inserido porque foi preenchido pelas profissionais das instituições e todas estavam em trabalho remoto. Assim, poderiam marcar este campo, caso não tivessem como responder alguma informação. No entanto, este campo não chegou a ser utilizado por nenhuma participante.

conhecimentos acerca dos recursos, já que estavam em trabalho remoto. Assim, como a presente investigadora não esteve nos espaços brasileiros para essa coleta, destaca-se que, nesses casos, não foi possível aplicar a técnica da observação direta. Assumiu-se esse risco porque foi a maneira encontrada de continuar com a pesquisa em questão durante a pandemia.

Os dados obtidos por meio da ficha diagnóstico foram descritos em forma de texto, para caracterizar os espaços, na medida em que diz respeito aos elementos presentes no espaço das instituições da pesquisa.

No intuito de conhecer as estratégias de acessibilidade, especialmente no campo das dimensões atitudinal e informacional, a partir da perspectiva de profissionais dos museus, idealizou-se a coleta de informações junto a esses sujeitos, por meio de entrevista semiestruturada, constituída por perguntas previamente estabelecidas, porém sem opção de respostas, ou seja, entrevista aberta (Gil, 2019). As entrevistas geraram dados para compreender como os profissionais abordam o tema em seu cotidiano nas instituições.

Como as instituições ficaram fechadas ao público por conta da pandemia, optou-se por uma breve interrupção na investigação para que fosse possível compreender o que estava por vir. Passados alguns poucos meses, o estudo foi retomado e duas opções foram oferecidas às participantes da pesquisa para coleta das informações: entrevista por videoconferência, pela plataforma *Zoom*, ou responder as perguntas da entrevista por e-mail. Uma instituição optou por videoconferência (PINA) e duas optaram por responder às questões e enviar por e-mail (CMDN e MI). De toda forma, optou-se por manter o termo "entrevista" como a técnica de coleta de dados utilizada nesta fase.

De acordo com Gil (2019), durante a entrevista o pesquisador se coloca frente ao entrevistado para fazer as perguntas, em forma de diálogo, o que a caracteriza como uma interação social. No entanto, essa interação aconteceu nas coletas de dados junto ao MCCB e à PINA. As instituições que enviaram suas respostas por e-mail (CMDN e MI) foram mais sucintas, o que pode ter acontecido devido à falta de interação entre as partes neste momento.

A entrevista realizada no âmbito do MCCB, por ocasião do estágio, teve um bloco específico sobre seu processo de criação, foi um pouco mais extensa e detalhada. Para as demais instituições, optou-se por reduzir a quantidade de perguntas, tirar o foco do processo de criação dos museus e, também, modificar algumas formas de realizar as perguntas.

Com exceção do processo de criação, todas as entrevistas contaram com os seguintes blocos: 1. dados gerais; 2. planejamento da acessibilidade; 3. as pessoas com deficiência visual no espaço do museu; 4. pesquisas junto ao público. O primeiro buscou elencar questões sobre o sujeito respondente, como seu nome, formação, cargo e função. O segundo contou com perguntas referentes à frequência de visitação de pessoas com deficiência visual; como a instituição considera as demandas deste público para a realização de suas atividades; se há a realização de parcerias para os projetos; como realiza consulta às pessoas com deficiência visual e se a equipe da instituição possui formação sobre acessibilidade.

O terceiro bloco buscou entender se há profissionais com deficiência visual atuando nas instituições, especialmente em áreas de atendimento ao público; como são os procedimentos de atendimento ao público; e abordou um pouco sobre os recursos e ações oferecidas às pessoas com deficiência visual. O último e quarto bloco buscou verificar como as instituições investigadas realizam avaliação junto ao público, o que os visitantes consideram como mais e menos significativo nas visitas, além disso, o que as participantes consideram sobre esses pontos (significativos ou não). O bloco que tratou do processo de criação - e esteve presente apenas na entrevista do MCCB - contou com questões sobre como surgiu a proposta de criação do museu, de forma a ser inclusivo desde seu princípio; se a equipe envolvida no projeto passou por formação sobre acessibilidade às pessoas com deficiência visual; e quais os desafios nesse processo, considerando o tema deste estudo.

Após ter as transcrições das entrevistas referentes ao Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (Anexo 8) e à Pinacoteca do Estado de São Paulo (Anexo 9) e as respostas via e-mail das profissionais do Centro de Memória Dorina Nowill (Anexo 10) e do Museu da Inclusão (Anexo 11), utilizou-se a análise de conteúdo, que, de acordo com Bardin (2016), é aplicada para dados coletados em pesquisas qualitativas, já que viabiliza o trabalho com um grande conjunto de informação, por meio de organização em categorias, reduzindo a quantidade de informação. As categorias e subcategorias da análise de conteúdo foram criadas a partir dos depoimentos das participantes, com base na literatura já apresentada, e os seus resultados foram apresentados por meio de grelha (Anexo 12) e texto. De forma resumida, este estudo apresenta uma tabela contendo as categorias e subcategorias; porém, para melhor acompanhamento dos dados, optou-se por inseri-la no tópico referente à discussão dos resultados.

Para elaborar os quadros de referências, com elementos para potencializar a fruição cultural das pessoas com deficiência em museus, foi necessário elencar todos os dados referentes às

instituições para realizar um cruzamento entre eles, conectando-os à literatura. Os resultados foram apresentados por meio de texto e tabela.

### **III APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

A seguir far-se-á a apresentação e a discussão dos dados coletados, com base na análise dos ambientes estudados através da ficha diagnóstica e da análise de conteúdo, utilizada para organizar e tratar os dados recolhidos por meio das entrevistas semiestruturadas. Por fim, através do cruzamento dos resultados obtidos por meio das fichas e das entrevistas, pautando-se, também, na literatura, apresentam-se três quadros com indicadores de cada dimensão da acessibilidade, no contexto deste estudo, para potencializar a fruição cultural das pessoas com deficiência visual em museus.

#### **3.1 ACESSIBILIDADE A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: FICHAS**

##### **DIAGNÓSTICO**

Para desenvolver este tópico da pesquisa, utilizou-se uma ficha diagnóstica com o objetivo de conhecer os recursos de acessibilidade oferecidos às pessoas com deficiência visual nos museus em questão. Por meio desse instrumento, buscou-se conhecer a acessibilidade no âmbito das seguintes categorias: circulação nos espaços, sinalização dos espaços, informações gerais na recepção, apresentação dos objetos na exposição, folhetos da instituição, publicações e outros materiais, textos gerais das exposições, legendas das exposições, recursos multissensoriais, audioguias, equipamentos interativos e material audiovisual. Destaca-se que cada categoria apresenta detalhamento por meio de subcategorias, conforme desenvolvido no capítulo da metodologia.

Neste tópico, optou-se por descrever, em forma de texto, os dados coletados de cada instituição, separadamente, para melhor percepção dos espaços.

##### **3.1.1 A acessibilidade no espaço do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB)**

Em outubro de 2018, por meio de participação no Seminário Internacional “Museu e Educação – 60 anos da Declaração do Rio de Janeiro (1958-2108)”, realizado no Museu Histórico

Nacional (IBRAM), no Rio de Janeiro, foi possível conhecer um pouco do trabalho desenvolvido pelo Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB) no âmbito da acessibilidade, através da comunicação oral “Equipes interprofissionais e interdisciplinares no serviço educativo de museus: desafios da acessibilidade cultural”, realizada por Desireé Nobre Salazar, na época, mestranda em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Brasil.

Objetivando conhecer de perto o trabalho do referido museu e realizar a coleta de dados para esta pesquisa, realizou-se o estágio em junho de 2019. O estágio extracurricular foi viabilizado por meio do Mestrado em Comunicação Acessível, da ESECS, Politécnico de Leiria, após autorização da Câmara da Batalha, e orientado pelas professoras Jenny Sousa e Carla Freire.

Com base na ficha diagnóstica, foi possível conhecer o que o MCCB disponibiliza em seu espaço para o público com deficiência visual, a partir de observação direta no espaço. Algumas visitas foram realizadas ao circuito expositivo do MCCB, inclusive com o auxílio do audioguia. Além disso, a responsável pelo MCCB apresentou o espaço e as ações desenvolvidas junto ao público.

Em relação à circulação nos espaços, existe área para boa movimentação do público e há bancos de descanso logo no início do circuito, bem como há cadeiras para sentar para os visitantes que utilizam a estação multimídia, no segundo pavimento. Como parte do acolhimento, existe uma área com pote de água específico para cão-guia. Ainda do lado de fora, na entrada do museu, há uma placa de sinalização levemente inclinada, com informações básicas do museu em português, espanhol e inglês em tinta, além do nome da instituição em braile, nas três línguas, e um *QR Code* que apresenta as mesmas informações. Também há uma placa fixada na parede (sem inclinação), com altura em torno de 1,50m, com o nome da instituição, horário e dias de funcionamento, em tinta e em braile (apenas português).

Quanto à deslocação, há trilhos podotáteis e marcas de direcionamento no piso. Os trilhos são lineares e servem para orientar o caminho. Existem dois tipos de marcas: esferas, que representam que há informação no audioguia, e prismas, que indicam que o item está disponível para experiência tátil, então o visitante pode parar ao perceber esses elementos. De acordo com Salazar (2020), apesar do trilho podotátil e as marcas de direcionamento do MCCB serem soluções inclusivas, pois favorecem a autonomia do visitante, há problemas em sua execução, visto que se encontram muito próximos às paredes e vitrines, então a bengala pode esbarrar nesses elementos.

Quanto às informações disponíveis na recepção, os profissionais são responsáveis por fornecê-las quando da chegada de um visitante, orientando-o sobre a visita. Além disso, existe um folheto impresso a tinta sobre os seus recursos acessíveis. Ainda na área de recepção e acolhimento do visitante, há uma planta-baixa tátil da exposição, com legenda em letras ampliadas e braile.

Antes de iniciar a visita, na recepção é oferecida a possibilidade de utilizar o audioguia, que também tem audiodescrição. A recepção orienta sobre seu funcionamento, mas a primeira faixa do aparelho é para explicar sobre seu funcionamento: é acionado quando a pessoa aponta para o sensor (localizado no teto) e aperta o único botão existente no aparelho para acionar o áudio. Pode ser usado com ou sem fone de ouvido. No caso das pessoas com deficiência visual, sabe-se que é o momento de apontar o audioguia para o sensor quando sentem a esfera que está no trilho que está no piso.

Para o acesso ao acervo no circuito expositivo, o museu conta com peças originais, réplicas, maquetes e relevo de uma pintura disponíveis para experiência tátil. Esses itens possuem legendas em braile, porém em uma versão simplificada, ou seja, com informações básicas sobre as peças e mais detalhadas no audioguia, o qual conta com relatos de pesquisadores e pessoas da região da Batalha.

No que tange a apresentação dos objetos na exposição, estão em ambientes iluminados, em sua maioria localizados em suportes que permitem alcance visual e manual. No entanto, há algumas situações em que as peças táteis não têm uma superfície de apoio, já que há mais de um elemento para o toque em algumas estações. Isso faz com que o visitante precise segurar a peça com uma das mãos, enquanto apenas a outra fica disponível para a exploração tátil.

No circuito expositivo também há vídeos em alto contraste e com legendas em formato ampliado, computador no posto multimídia para todos os visitantes - com funções de ampliação, alto-contraste, e leitor de tela. Em uma sala da exposição, que aborda a fauna e a flora da região, há dois cadernos em braile e fonte ampliada com informações sobre esse assunto.

Para visitas agendadas, como parte das ações educativas, há propostas e jogos sensoriais, que atendem às pessoas com deficiência visual, mas são oferecidas a todos os públicos, como pintura às escuras e visita sensorial. O primeiro busca trabalhar com outros sentidos - além da visão (para pessoas com e sem deficiência) - e com os olhos vendados, os participantes ouvem a audiodescrição de uma pintura e procuram desenhar o que percebem a partir da

audiodescrição. Já no segundo, os participantes são convidados a limitar alguns sentidos para destacar outros ao longo da visita, como, por exemplo, com os olhos vendados (no caso de visitante que enxergam) exploram texturas das peças táteis e de outros itens selecionados para a atividade.

### **3.1.2 A acessibilidade no espaço da Pinacoteca do Estado de São Paulo (PINA)**

Com base na ficha diagnóstica, foi possível conhecer o que a PINA disponibiliza em seu espaço para o público com deficiência visual, a partir do preenchimento realizado pela educadora que participou da pesquisa.

Em relação à circulação nos espaços, há apenas piso tátil na área da Galeria Tátil e no seu acesso, existe área suficiente para boa circulação do público no circuito expositivo e há zonas de descanso, itens que proporcionam mais conforto para os visitantes. Já a sinalização dos ambientes em braile e fonte ampliada está restrita à Galeria Tátil.

Quanto às informações disponíveis na recepção, há profissionais capacitados para fornecer informações aos públicos com deficiência; além disso, caso a pessoa se dirija à Galeria Tátil, recebe um audioguia com audiodescrição e informações sobre este espaço. Os visitantes também têm acesso a um folheto - com informações sobre o museu em braile e fontes ampliadas - e a dois catálogos, sendo um da Galeria Tátil e o outro de oito pinturas do acervo, os quais possuem letras ampliadas e braile e estão disponíveis no formato de áudio - através de CD.

Na entrada da Galeria Tátil, há um texto explicativo, ao alcance visual e manual, em braile e letras ampliadas. Os textos das etiquetas dos objetos seguem os referidos formatos, mas não estão em alto contraste.

Quanto à apresentação dos objetos na exposição, de forma geral, pode-se dizer que estão em ambientes iluminados, localizados em suportes que permitem alcance visual e manual. A PINA conta com obras originais para toque e mapa tátil na Galeria Tátil, reproduções tridimensionais do acervo, relevos táteis, maquete tátil do edifício, recursos olfativos e sonoros. Também na Galeria Tátil, pode-se contar com audioguia com audiodescrição. Além disso, disponibiliza

jogos tridimensionais apenas para pessoas com deficiência visual em visitas previamente agendadas.

### **3.1.3 A acessibilidade no espaço do Centro de Memória Dorina Nowill (CMDN)**

Com base na ficha diagnóstico, foi possível conhecer o que a instituição disponibiliza em seu espaço para o público com deficiência visual, a partir do preenchimento realizado pela educadora que participou da pesquisa.

Em relação à circulação nos espaços, há piso tátil, existe área suficiente para boa circulação do público no espaço expositivo e há pontos de descanso, como bancos e cadeiras. A sinalização dos espaços - localizadas ao alcance manual/ visual - conta com braile, letras ampliadas e contrastantes.

Existe uma recepção para toda a Fundação Dorina Nowill, a qual conta com uma equipe de controle de acesso, que é capacitada para receber o público e contactar o responsável pela visita. Assim, a recepção acaba por ser um local de encaminhamento para as áreas de interesse do visitante. No Centro de Memória, há folhetos com informações sobre a instituição em braile e letras ampliadas e contrastantes.

Os textos da exposição não estão em braile, mas se apresentam em letras ampliadas e contrastantes. No entanto, há textos de apoio do módulo expositivo em dupla leitura (texto em tinta com fontes ampliadas e braile). Os textos das etiquetas dos objetos estão em braile, letras ampliadas e contrastantes, com altura que considera o alcance visual e manual.

Quanto à apresentação dos objetos na exposição no espaço, encontram-se em ambientes iluminados, localizados em suportes que permitem alcance visual e manual. Ressalta-se que o desenho do mobiliário considerou a altura de pessoas em cadeira de rodas, no entanto pode não ser acessível a algumas crianças e/ou pessoas em cadeiras de rodas muito baixas.

O Centro de Memória possui obras originais do acervo para toque, maquete tátil do edifício, recursos olfativos, sonoros e jogos multissensoriais. Ainda há itens utilizados pelo educador para atividades de sensibilização durante as visitas mediadas. Está disponível para o público audioguia com audiodescrição da exposição e apresentação dos textos. Na exposição há

computador, com leitor de tela, que apresenta exemplos de livros acessíveis por meio de tecnologia. Também há um módulo que possui uma televisão que disponibiliza livros com audiodescrição, além de totens com gravações de trechos com audiodescrição, com o objetivo de exemplificar esse tipo de recurso.

### **3.1.4 A acessibilidade no espaço do Museu da Inclusão (MI)**

Com base na ficha diagnóstica, identificou-se o que a instituição disponibiliza em seu espaço para o público com deficiência visual, a partir do preenchimento realizado pela museóloga que participou da pesquisa.

Em relação à circulação nos espaços, há piso tátil, mas o ambiente não é amplo o suficiente para boa movimentação do público no espaço expositivo e também não há pontos de descanso. A sinalização dos espaços e as informações gerais na recepção estão em braile, porém sua localização não atende às demandas do alcance manual.

No Museu da Inclusão, há folhetos sobre a instituição em letras ampliadas e contrastantes. Há publicações e outros materiais em braile. Já os textos gerais da exposição possuem braile, mas não têm letras ampliadas e contrastantes, e sua localização não proporciona o fácil acesso das mãos. As legendas da exposição não possuem dupla leitura.

A exposição de longa duração conta com imagens, material audiovisual e textos, não dispendo de objetos tridimensionais. Assim, não conta com obras originais, reproduções e relevos táteis em seu espaço expositivo. O museu possui uma maquete tátil de seu edifício e conta com recursos sonoros. O material audiovisual não conta com recursos acessíveis para pessoas com deficiência visual.

## 3.2 ACESSIBILIDADE A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL:

### ENTREVISTAS

Neste item, buscou-se conhecer as estratégias de acessibilidade a partir da perspectiva de profissionais de museus, com foco nas dimensões atitudinal e informacional/ comunicacional. Além disso, procurou-se identificar elementos que não se encaixam nessas dimensões, mas que podem ser encarados como consequências da forma como as instituições abordam a acessibilidade.

A pesquisa contou com a participação de quatro profissionais, sendo uma de cada instituição que faz parte do estudo, conforme apontado a seguir:

- MCCB: a entrevistada foi a responsável pela instituição, Ana Moderno é responsável pela instituição e atua no MCCB desde o seu processo de criação. Possui formação em Comunicação Cultural, especialização em Museologia e mestrado em Intervenção e Animação Artísticas.
- PINA: Margarete de Oliveira é formada em Letras, com pós-graduação em Arte e Saúde, mestrado em Museologia e atua no Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca desde 2003.
- CMDN: Silvia Madjarof Sertorio, possui Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais e especialização em Cultura e Arte. É educadora cultural do Centro de Memória desde 2014.
- MI: Renata Cittadin possui graduação em Museologia e é mestre em Museologia também. Coordena o Setor de Processos Museológicos do Museu da Inclusão desde 2018.

As informações coletadas, através das respostas das profissionais, foram organizadas em três categorias e dez subcategorias, com base na análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2010), como podem ser observadas na Tabela 4 abaixo:

**Tabela 4.** Categorias e subcategorias da análise de conteúdos

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
1. Dimensão atitudinal	1.1 Formação das equipes 1.2 Pessoas com deficiência visual: demandas e consultas

	1.3 Profissional com deficiência visual na área educativa e/ ou recepção 1.4 Desenvolvimento de parcerias
2. Dimensão da informação/ comunicação	2.1 Recursos e ações acessíveis 2.2 Procedimento do atendimento/ visita
3. Percepção das entrevistadas sobre a visita de pessoas com deficiência visual	3.1 Frequência de pessoas com deficiência visual 3.2 Experiências significativas 3.3 Aspectos que precisam de melhorias 3.4 Desafios

Fonte: elaborado pela autora

As categorias e subcategorias surgiram a partir dos dados obtidos na coleta, ou seja, não foram estabelecidas previamente. Cada subcategoria possui seus indicadores (ou unidades de registros) e unidades de contexto. Na coluna dos indicadores, estão os elementos reduzidos a partir das unidades de contexto e existe um número ao lado de cada indicador, que representa a frequência com que aparece na unidade de registro.

As categorias dizem respeito a aspectos da acessibilidade atitudinal e da informação/ comunicação com base na proposta de Negreiros (2017), Martins (2017) e Tojal (2007), porém sem a acessibilidade física, na medida em que alguns de seus aspectos estiveram centrados na ficha diagnóstica. A última categoria diz respeito à percepção de cada profissional participante, na medida que são pessoas que atuam na área e que podem apresentar suas experiências no campo.

### **3.2.1 Categoria 1: dimensão atitudinal**

De acordo com Martins (2017), a acessibilidade das atitudes está conectada à responsabilidade social das instituições culturais e ao seu potencial papel enquanto agente de mudança social, no entanto esta tem se demonstrado como uma das maiores problemáticas no que tange a inclusão das pessoas com deficiência.

Assim, nesta categoria, buscou-se abarcar informações conectadas à dimensão atitudinal da acessibilidade, como: formação das equipes das instituições pesquisadas; como cada

instituição consulta pessoas com deficiência visual e considera suas demandas; se os museus contam com profissionais com deficiência visual em suas equipes, especialmente nas áreas de contato com o público, como educação e recepção; e se desenvolvem parcerias com instituições que atendem pessoas com deficiência visual.

### **3.2.1.1 Subcategoria 1: Formação das equipes**

Pesquisadores como Sasaki (2019) e Martins (2017) apontam que investir na formação e sensibilização das equipes é uma estratégia para eliminar barreiras de atitudes negativas. Em muitas ocasiões, o público pode não se sentir acolhido em um determinado espaço por falta de conhecimento dos profissionais sobre acessibilidade e pessoas com deficiência. Caso o profissional da recepção de um museu não tenha conhecimento sobre como orientar uma pessoa com deficiência visual, por exemplo, pode cometer o equívoco de tratá-la como "incapaz", o que é considerada uma atitude capacitista. Cita-se, como um segundo exemplo, um mediador que desconhece as demandas do público, o que poderá gerar uma situação de desconforto e pouco aproveitamento do espaço por parte do visitante ao longo da visita.

Ressalta-se que Falk e Dierking (2000) apontam que todas as relações que podem existir durante uma visita interferem na experiência no museu, já que fazem parte do contexto sociocultural do Modelo Contextual de Aprendizagem. Assim, se o contato entre um visitante com deficiência visual e um funcionário de um museu for carregado de preconceito, poderá resultar em uma experiência museal negativa.

As entrevistas apontaram que as quatro instituições participantes já desenvolveram e/ou desenvolvem ações de formação das equipes. O CMDN, o MCCB e o MI proporcionaram e/ou proporcionam momentos de conversas com as próprias pessoas com deficiência, como uma das possibilidades de capacitação das suas equipes, conforme destacou Ana Moderno, do MCCB: "(...) contactamos diretamente com as pessoas e a melhor aprendizagem eles próprios nos dizem como é que é a melhor forma de orientar uma pessoa cega, uma pessoa com baixa visão". O fato do indicador "conversas com pessoas com deficiência visual" ter sido mencionado pela maioria das instituições pesquisadas reforça o que autores como Alves e Moraes (2018) e Sasaki (2019) e reforçam sobre a importância da participação desses sujeitos nas discussões de assuntos referentes a elas.

No CDMN, promovem conversas entre educadores e outros profissionais da instituição, já que a Fundação Dorina Nowill possui setores com diversos profissionais que atuam junto às pessoas com deficiência visual. No CDMN, há a formação interna realizada pela própria

educadora da instituição, especialmente para abordar as atividades que ocorrem durante a visita, como jogos, desenhos vendados, ações com texturas e cheiros, utilização da bengala e descrição de objetos. A PINA também conta com formação interna de educadores - tanto para a equipe do Programa de Atendimento de Públicos Especiais (PEPE) quanto dos educadores do Núcleo de Ação Educativa - e das equipes de limpeza, vigilantes e de segurança, por meio do Programa de Consciência Funcional. De forma pontual, a equipe de educação da PINA já contou com curso de audiodescrição como parte de sua formação.

Alguns profissionais da PINA foram designados para atuar com acessibilidade porque já possuíam experiência prévia, conforme citou Margarete Oliveira na entrevista: "já trabalhávamos em atendimento de pessoas com deficiência no Museu de Arte Contemporânea da USP [Universidade de São Paulo]." Ainda no quesito formação, também foi destacado a existência de conversas com especialistas e associações de atendimentos às pessoas com deficiência visual por parte do MCCB.

### **3.2.1.2 Subcategoria 2: Demandas e consultas às pessoas com deficiência visual**

Nesta seção, optou-se por unir respostas que trouxeram conteúdos sobre como as instituições consideram as demandas das pessoas com deficiência visual no desenvolvimento de suas atividades e a metodologia de consulta a essas pessoas, para o caso de realizarem. A consulta às pessoas com deficiência visual no que se refere aos assuntos relacionados à deficiência, acessibilidade e inclusão também está na esfera das atitudes (Martins, 2017). Conhecer o que as pessoas apresentam como demandas é um fator essencial para que as instituições possam se munir de recursos para melhor recebê-las e acolhê-las e, então, potencializar sua fruição cultural. Além disso, a consulta favorece que a acessibilidade não seja apenas *PARA* as pessoas com deficiência visual (Alves & Moraes, 2018), mas *COM* a participação delas, especialmente se for de forma efetiva e a longo prazo - e não em um único momento da instituição (Martins, 2017).

Devido à sua natureza, o CMDN tem como princípio a participação das pessoas com deficiência visual no desenvolvimento de suas ações e as propostas consideram as demandas desses sujeitos, conforme destacou Sílvia Sertorio, a saber: "como estamos dentro de uma instituição que atende público com deficiência visual, tudo que é proposto é pensando na interação do público com deficiência visual ou não". Essa instituição, como parte do processo de sondagem, realiza avaliação junto ao público por meio de questionários após a visita.

O MCCB e PINA também realizam sondagem junto ao público, por meio de questionários de avaliação da experiência da visita e para conhecer como foi estabelecida a relação com os recursos oferecidos, conforme apontou Margarete Oliveira, da PINA: "a gente tem uma avaliação que é aplicada na Galeria Tátil, perguntando sobre os recursos que foram utilizados, audioguia, quais foram as obras que eles mais se interessaram".

As entrevistadas do MCCB e da PINA apontaram a existência de consultoria às pessoas com deficiência visual no processo de elaboração de recursos e serviços acessíveis em suas exposições no intuito de validá-los. Neste aspecto, destaca-se o seguinte trecho da entrevista de Ana Moderno acerca do projeto de acessibilidade que foi desenvolvido para o MCCB: "(...) pessoas cegas, pessoas com baixa visão (...) essa validação foi importantíssima, sobretudo no que toca à escolha e posicionamento dos objetos para tocar (...) da barra tátil no chão, a mesma situação para as legendas em braile (...)." Como complemento a esse depoimento, apresenta-se o seguinte trecho da entrevista de Margarete Oliveira sobre a importância da consultoria de pessoas com deficiência visual para a implantação da Galeria Tátil da PINA e para a próxima exposição: "(...) são eles que vão dar esse *feedback* pra gente se está funcionando ou não".

Em relação ao Museu da inclusão, destaca-se que a entrevistada apontou que a acessibilidade tem sido discutida de forma transversal, para fazer parte de todo o processo museológico. Apesar da participante ter mencionado que há poucos recursos que atendem às pessoas com deficiência visual, tem havido esforço para que as pessoas da equipe discutam acessibilidade nas distintas áreas do museu, como pesquisa e documentação de acervo - além das exposições e ações educativas; assim, o museu também reconhece a existência de um público que é pesquisador e prepara-se para contratar profissionais com deficiência para atuar nas áreas em questão.

Dentre os elementos que se destacaram, estão pesquisa junto ao público por meio de questionário e a consultoria às pessoas com deficiência visual, na medida em que as entrevistadas reconhecem a importância dessas metodologias para garantir um serviço de qualidade para a fruição cultural dos sujeitos envolvidos.

### 3.2.1.3 Subcategoria 3: Profissional com deficiência visual na área educativa e/ ou recepção

Para garantir a representatividade e a participação na tomada de decisões sobre a temática em questão, além de ser viável por meio de consultorias, é importante contar com pessoas com deficiência visual no quadro de funcionários das instituições museológicas; o que pode gerar seu protagonismo e a interação entre funcionários e entre funcionários e visitantes, com e sem deficiência. De acordo com Cohen, Duarte e Brasileiro (2012), a convivência com pessoas com deficiência fortalece as trocas de experiências e reduz as diferenças antes estabelecidas.

Pode-se destacar, mais uma vez, devido ao fator da participação, a possibilidade de *fazerCOM*, ao considerar como *experts* as pessoas com deficiência e não apenas como alvo de suas ações (Alves & Moraes, 2018). A atuação destes profissionais fará com que as prioridades sejam indicadas sob a perspectiva das próprias pessoas com deficiência visual e, ainda, poderá aproximar os visitantes com deficiência visual da instituição. Os pontos aqui elencados vão ao encontro da essência do modelo social da deficiência, que vislumbra a participação ativa das pessoas com deficiência em todos os assuntos que as envolvem (Martins, 2017).

Apesar de ser entendido como um aspecto importante para o avanço da acessibilidade, nenhuma das instituições conta com profissionais com deficiência visual de forma efetiva nas áreas de atendimento ao público. O MCCB já contou com estagiários e colaboradores na sua equipe e considerou a experiência bastante relevante para o trabalho de acessibilidade e inclusão que desenvolve. A seguir, o excerto da entrevista que explica as formas de contrato do MCCB: "já contamos com jovens estagiários, um jovem com baixa visão, formado na área de História (...) teve um contrato de trabalho conosco através do centro de emprego e formação profissional. E vários outros estágios, também, com um outro jovem completamente cego".

A PINA nunca teve um profissional com deficiência visual no seu quadro de funcionários, apesar da educadora reconhecer, em vários momentos da entrevista, a relevância da participação dos sujeitos em questão como participantes dos processos. No que tange o CMDN, os educadores com deficiência visual são contratados por projetos e também que há apoio de outros setores da instituição que possuem profissionais com deficiência visual. O MI tem um jornalista e um historiador na instituição, mas não fazem parte da área educativa ou da recepção, apesar de já ter atuado em ações on-line durante a pandemia, conforme

destacou a entrevistada Renata Cittadin: "o museu possui na equipe pessoas com deficiência visual, mas não atuam no setor educativo. Temos um jornalista que no período da pandemia mediou as *lives* do museu realizadas nas redes sociais e recentemente tivemos a contratação de um historiador".

Este estudo identificou que há poucos, ou não há, profissionais com deficiência visual nas instituições, especialmente na área de atendimento. Não se aprofundou nos motivos para o fato junto às participantes, então não será realizada uma discussão sobre o tema.

#### **3.2.1.4 Subcategoria 4: Desenvolvimento de parcerias**

As parcerias desenvolvidas com instituições diversas que atuam com pessoas com deficiência visual são uma possibilidade para garantir a participação das mesmas nas decisões e podem ser compreendidas como um tipo de consulta a longo prazo. As parcerias proporcionam trocas de experiências, melhoria nos serviços prestados, desenvolvimento de novos públicos, divisão de tarefas dentro de um projeto, realização de atividades que poderiam ser inviáveis sem parceria, etc. (Martins, 2017).

Em relação a esta subcategoria, a entrevistada da CMDN mencionou parcerias dentro da própria Fundação, como pedagogos especializados, terapeutas ocupacionais e revisores de braille, sobretudo porque é uma instituição com foco nas pessoas com deficiência visual e conta com profissionais de diversas áreas do conhecimento.

Tanto o MCCB como o MI indicaram parcerias com instituições especializadas para melhorar a acessibilidade em várias áreas do museu. Ana Moderno, do MCCB, mencionou a parceria com a Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) para a realização de cursos de formação com seus especialistas e com as próprias pessoas atendidas pela instituição. No que tange o MI, algumas possibilidades de parcerias a serem desenvolvidas foram apontadas: com a Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência (LARAMARA) para o desenvolvimento de um sistema acessível de gerenciamento de acervos; e com a Fundação Dorina, para uma cooperação de pesquisa entre os acervos das duas instituições. Com a Organização Nacional de Cegos, o MI tem desenvolvido parceria, durante a pandemia, para a divulgação de suas atividades.

O MCCB e PINA apontaram parcerias com instituições com foco na realização de visitas mediadas. Mais uma vez o MCCB indicou a ACAPO, na medida em que é uma instituição de abrangência nacional, a saber: "é aquela com a qual trabalhamos mais, com as suas delegações e são muitas a nível do território nacional. E já fomos visitados ou tivemos atividades em que participaram diversas delegações a nível nacional". Já a PINA indicou parcerias com a LARAMARA, Fundação Dorina e Unidade de Reabilitação para Deficientes Visuais (URDV) para promover visitas mediadas. A entrevistada destacou visita mediada com crianças da LARAMARA e visitas em que as instituições se utilizam da ida ao museu para as aulas de mobilidade, com pode ser visto no trecho a seguir: "em 2009, a gente era muito procurado também pela Fundação Dorina e algumas instituições que estavam muito próximo ao metrô, que é o caso do LARAMARA e Dorina. (...) Tinha aula de mobilidade nessas instituições. (...) Então esse percurso contava também (...) dentro da aula de mobilidade".

Nos casos mencionados, observa-se que há o foco em parcerias para que as instituições visitem os museus com seus grupos, desenvolvendo atividades, que vão para além da fruição cultural e que, inclusive, fazem parte de suas ações específicas, como, por exemplo, exercícios de mobilidade. A visitação por meio dessas instituições pode ser uma forma de fidelizar o público em questão, como mencionou a responsável pelo MCCB ao referenciar a visitação de diversas delegações de Portugal. Salienta-se, também, a existência de parcerias que têm o objetivo no seu processo, tanto para melhoria dos serviços, como para tornar acessível outras áreas dos museus, ainda não tratadas com frequência, como o acesso aos sistemas de gerenciamento de acervos; isto é, a pessoa com deficiência também é percebida como pesquisadora.

### **3.2.2 Categoria 2: dimensão informacional/ comunicacional**

A acessibilidade da informação (ou dimensão informacional) diz respeito à forma como os museus desenvolvem o acesso aos seus conteúdos (Martins, 2017). Sasaki (2019) também denomina de dimensão comunicacional, já que o objetivo desta dimensão é o acesso sem barreiras na comunicação. Para o acesso sem barreiras neste quesito, a tecnologia assistiva e o desenho universal são ferramentas de destaque para as pessoas com deficiência (Mattos et al., 2019).

Os recursos de tecnologia assistiva existentes favorecem a realização das mais diversas atividades, as quais poderiam ser inviáveis sem sua presença. No entanto, é necessário pensar

em projetos, desde o seu início, que atendam o maior número de pessoas possível, independente das características dos usuários, com base nos princípios do Desenho Universal. Apesar de ser necessário ter como foco todas as pessoas, é importante conhecer e considerar as demandas dos distintos públicos para que a fruição cultural dos mesmos seja garantida nos espaços museológicos. Mesmo que os projetos tenham seus pilares no Desenho Universal, os recursos de tecnologia assistiva se fazem importantes.

Dentre as soluções mais utilizadas nos museus com foco nas pessoas com deficiência visual, destacam-se: audioguias, recursos táteis (maquetes, réplicas e itens originais do acervo), audiodescrição, textos ampliados, material em braile (Cardoso & Silva, 2019). A utilização de elementos que privilegiam recursos multissensoriais é eficaz para que os visitantes tenham experiências significativas no espaço do museu, tenham ou não deficiência (Cardoso & Silva, 2017).

O contexto físico do Modelo Contextual de Aprendizagem, de Falk e Dierking (2000), além de contemplar questões referentes à arquitetura, organização do espaço e iluminação, engloba os elementos da exposição e atividades diversas que proporcionam a compreensão das suas informações. Tais itens são relevantes para a experiência dos visitantes no espaço do museu, uma vez que se não tiverem acesso a um conjunto de informações de uma exposição, por exemplo, podem sentir que não tiveram uma experiência significativa, devido às barreiras impostas pela instituição e sua fruição fica comprometida.

Assim, nesta categoria de "dimensão informacional/ comunicacional", o objetivo foi elencar subcategorias indicadoras de acesso às informações gerais, conteúdos e ao acervo do museu, a saber: recursos e ações acessíveis e procedimentos de atendimento/ visita do público com deficiência visual.

### **3.2.2.1 Subcategoria 1: Recursos e ações acessíveis**

Apesar de alguns recursos já terem sido destacados na ficha diagnóstico preenchida pelas instituições, o objetivo aqui foi conhecer um pouco mais dos elementos indicados pelas entrevistadas, assim como outros tipos de ações acessíveis, na medida em que se fazem essenciais para fruição das pessoas com deficiência visual nos museus, espaços estes que exploram em demasia o sentido da visão, como apontam autores como Kastrup (2015) e Cardoso e Silva (2019).

Os recursos mencionados por todas as instituições foram audioguia e textos em braille, que podem estar disponíveis ao longo da exposição (MCCB, CMDN e MI)<sup>19</sup> e em outros materiais, como catálogos (PINA). A utilização de textos em tinta com letras ampliadas foi indicada pelo Centro de Memória<sup>20</sup>. O MCCB mencionou a utilização de informações em alto-contraste<sup>21</sup>. Por parte da PINA, houve detalhamento do audioguia, o qual tem como proposta se aproximar de uma visita educativa, a saber:

(...) a gente pensou muito bem esse audioguia (...) é como se tivesse uma visita mesmo com um educador (...) tem o tempo de pausa, tem o tempo para ela poder tocar nas obras calmamente, a gente tem uma trilha (...) pra essa pessoa se sentir realmente no tempo dela de visita no museu.

Todas as instituições apontaram, em diferentes momentos, que possuem equipes preparadas para receber públicos com deficiência, o que favorece a fruição cultural nos espaços analisados. O MCCB, o CMDN e a PINA apontaram que desenvolvem ações educativas acessíveis para pessoas com deficiência visual. O MCCB destacou a existência de experiências sensoriais para públicos com e sem deficiência. Já o CMDN e a PINA indicaram que contam com educadores capacitados para realizar visitas mediadas acessíveis às pessoas com deficiência visual. A museóloga do Museu da Inclusão, apesar de ter relatado que os conteúdos não são tão acessíveis às pessoas com deficiência visual, indicou que existe a possibilidade de descrição nas visitas ou de guia-interpretação para pessoas surdocegas, serviço que não foi mencionado pelas outras duas instituições. Apenas a PINA apontou a oferta de cursos externos de capacitação de profissionais, com temas que envolvem ensino de arte e inclusão, além de já ter sido oferecido curso de fotografia para pessoas com deficiência visual. Fica evidente aqui a variedade de serviços possíveis, para além dos recursos na exposição.

As ações educativas acessíveis foram bastante referenciadas, o que demonstra que são reconhecidas, pelas profissionais participantes, como elementos essenciais para a acessibilidade. Ressalta-se que as respondentes da PINA e do CMDN são da área de educação das instituições, o que pode reforçar o que autores como Martins (2017) indicam sobre essas

---

<sup>19</sup> Apesar de não ter sido mencionado na entrevista da PINA, há textos em braille ao longo da Galeria Tátil.

<sup>20</sup> O MCCB conta com letras ampliadas em alguns pontos da exposição, mas este recurso não foi mencionado na entrevista.

<sup>21</sup> As informações em alto-contraste se encontram em material audiovisual da exposição.

áreas: muitas das ações acessíveis ocorrem por meio das áreas educativas. O MCCB não possui setores divididos e conta com uma pequena equipe, sendo que a responsável pela instituição é uma das pessoas que realizam visitas mediadas para os mais diversos grupos, contando com outra funcionária e estagiárias.

No que tange reproduções e maquetes táteis, destacam-se MCCB, PINA e CMDN. O MCCB possui réplicas do acervo, reproduções de elementos da história, maquete arquitetônica tátil, reproduções de pormenores de elementos arquitetônicos. A PINA e o CMDN contam com maquetes táteis do edifício. A PINA possui reproduções tridimensionais e relevos em resina acrílica<sup>22</sup>, especialmente para contextualizar as pinturas do acervo, conforme apontado pela educadora:

(...) a pintura é algo que, para a pessoa com deficiência visual, ela é imperceptível, então a gente criou essa metodologia, essa didática multissensorial, (...) através das maquetes táteis, dos relevos em resina acrílica de cada uma das pinturas que a gente seleciona.

Nas entrevistas, duas instituições indicaram disponibilizar acervo para o toque: a PINA, através das esculturas da Galeria Tátil, e o MCCB, ao longo do circuito expositivo de longa duração<sup>23</sup>. Já o Centro de Memória foi o único que apresentou a existência de localizadores sonoros e táteis como recursos disponíveis em seu espaço de acesso às pessoas com deficiência visual.

Como observado, três das quatro instituições utilizam elementos que focam em exploração tátil, favorecendo o sistema háptico de percepção trabalhado por Ballesteros (1994) e corroborando com o que autores como Almeida, Carijó e Kastrup (2010), Kastrup (2015), Candlin (2004), Martins (2013, 2017), Sousa (2004) e Cardoso e Silva (2017) apontaram sobre a importância desse tipo de recurso para a fruição cultural de pessoas com deficiência visual.

---

<sup>22</sup> É comum observar que muitas instituições chamam as reproduções de seus acervos de maquetes táteis. Na ficha diagnóstica há um campo para identificar a maquete tátil do edifício e reproduções do acervo. A PINA conta com reproduções do acervo (tridimensionais e por meio de relevos) e maquete do edifício. O CMDN conta com maquete do edifício, mas não possui reproduções do acervo.

<sup>23</sup> Apesar de não ter sido indicado na resposta da educadora do Centro de Memória, na ficha diagnóstica foi apontada a existência de acervo da instituição para exploração tátil.

### 3.2.2.2 Subcategoria 2: Procedimento do atendimento/ visita

Procedimentos de atendimento e de visita podem ser compreendidos como parte da dimensão atitudinal, na medida em que o comportamento dos funcionários perante as pessoas poderá ser livre ou não de preconceitos e estereótipos. A forma como as pessoas receberão esses públicos é um desdobramento das formações oferecidas às equipes, incentivo à participação em eventos sobre o tema, a vivência com pessoas com deficiência e como o tema é abordado institucionalmente.

Ainda que o comportamento se encaixe na dimensão atitudinal, optou-se por abordar "procedimento do atendimento/ visita" em uma subcategoria da dimensão informacional/atitudinal para perceber como os procedimentos adotados favorecem o acesso do público com deficiência visual aos conteúdos tratados pela instituição.

Visitas com ou sem mediação são possibilidades apresentadas por diversos museus aos seus públicos, que optam por aquela que melhor os atende. Assim, ter ou não mediação também deve ser uma escolha dos visitantes com deficiência, garantindo que tenham igualdade de condições que as demais pessoas no espaço.

Em uma visita sem mediação, é possível contato com as pessoas responsáveis pela recepção e acolhimento dos visitantes, com funcionários presentes ao longo do museu e, talvez, com outros visitantes. Já em uma visita mediada, além dos responsáveis pela recepção, o contato se dará com os educadores e com outros visitantes do mesmo grupo - se a visita for destinada a um grupo. Em ambos os casos, as relações existentes - no contexto sociocultural proposto por Falk e Dierking (2000) - irão interferir na experiência do visitante.

Em relação às instituições pesquisadas, têm-se os seguintes indicadores: visitas espontâneas, agendadas, grupos com número limitados, realização de perguntas em momento de pré-visita, orientação sobre a visita e os recursos disponíveis, descrições ao longo da visita, exploração do espaço de forma autônoma, possibilidade de exploração tátil e oferecimento de guia interpretação.

Na visita mediada<sup>24</sup> do MCCB, o tema da acessibilidade e da inclusão é abordado e ocorre a apresentação dos recursos acessíveis disponíveis ao público, tanto numa forma de esclarecer

---

<sup>24</sup> No MCCB, é possível realizar visita com ou sem mediação. Geralmente, as visitas mediadas para grupos são agendadas previamente. Esses elementos não ficaram evidentes na entrevista, mas foram observados durante o período do estágio desta pesquisadora, em junho de 2019.

para que servem esses recursos como para incentivar os públicos a utilizá-los, sejam pessoas com ou sem deficiência, como pode ser observado no excerto da entrevista da responsável pela instituição:

Quando fazemos visitas guiadas, por exemplo, fazemos questão, quer para adultos, quer para crianças, para todos os grupos, de falar e de abordar esta questão da acessibilidade e da política da acessibilidade e da inclusão que o museu tem. E desde logo mostramos, sempre que possível, os recursos existentes. Demonstramos logo esses equipamentos e a forma como eles funcionam.

O CMDN conta exclusivamente com visitas mediadas agendadas<sup>25</sup>. No início, a educadora explica sobre o processo da visita e deixa visitante à vontade para pedir suporte e para explorar a exposição de forma que lhe convém, destacando alguns interesses de visitantes cegos (exploração tátil e descrições) e com resíduo visual (aproximação aos objetos). Além de visitar o Centro de Memória, há a possibilidade do visitante conhecer outros setores da Fundação Dorina. Abaixo, o detalhamento apresentado pela educadora sobre o assunto em questão:

O trajeto acompanha muita descrição também. Pela experiência que tive (...) logo no início da exposição, procurar deixar a pessoa o mais confortável possível, algumas pessoas que possuem um bom resíduo visual não necessitam tanto de descrição ou apoio tátil guiado, eles se aproximam e caminham de forma mais autônoma nos ambientes e bancadas com os objetos. Outras pessoas, cegas, gostam de tocar tudo o que está na exposição, mas algumas não fazem questão de tanta exploração tátil, por via de regra eu pergunto e vou deixando a pessoa bem à vontade conforme ela demonstra interesse e curiosidade. (...) O Centro de Memória e a exposição são uma parte da visita. Com acompanhamento as pessoas podem conhecer outros setores da Instituição e um deles é a imprensa braile, onde é possível ouvir, sentir a vibração e tocar nos equipamentos.

A participante da PINA mencionou que os visitantes encontram profissionais capacitados para realizar o acolhimento de forma inclusiva na recepção. A instituição oferece visitas espontâneas e agendadas, sendo que as espontâneas acontecem na Galeria Tátil e o visitante

---

<sup>25</sup> Como regra, o Centro de Memória conta exclusivamente com visitas mediadas para todos os visitantes porque funciona nas instalações da Fundação Dorina Nowill para Cegos.

realiza o percurso de forma autônoma. Para as galerias de pintura, as visitas são agendadas e têm limite de 10 pessoas; e, durante o agendamento, a equipe da PINA faz perguntas para conhecer o grupo e, assim, pode preparar uma visita que melhor atenda às demandas das pessoas, conforme apontado pela educadora:

Eu tenho que saber detalhes desse grupo: tem deficiência visual, essa deficiência foi tardia ou não, a pessoa nasceu com deficiência visual (...) se é uma criança que nunca teve uma experiência educativa dentro do museu, que nunca teve esse processo de fruição.

Já o MI, como já apontado anteriormente, não apresenta uma área educativa estruturada, apesar de estar nos planos da equipe. Enquanto isso não acontece, a instituição oferece visitas com descrições de elementos da exposição e, também, guia-interpretação, como pode ser visto abaixo.

O setor educativo do museu não possui projetos educativos ou protocolos, estamos estruturando a nossa política de educação museal desde janeiro de 2020. O Museu possuía um guia de orientação ao monitor (...) os funcionários lotados no setor educativo cumpriam uma função de setor de adaptação e improvisado para a acessibilidade às exposições temporárias de terceiros. Até que nossos protocolos sejam amadurecidos (...) nossa conduta é sempre termos o serviço de descrição ou guia-interpretação em casos de surdocegos.

Apesar de ter sido indicada a possibilidade de visita sem mediação e a importância de se respeitar a autonomia do visitante, abordou-se bastante, no campo das visitas e seus procedimentos, as mediações. De acordo com Alves e Moraes (2018), a prática da mediação é uma ação de acessibilidade. Em uma ação educativa, o educador museal pode desenvolver atividades que busquem provocar questões, favorecer as trocas de ideias, proporcionar momentos de reflexão, além de desenvolver estratégias de percepção que vão além da identificação de um objeto da exposição (Kastrup, 2010).

### **3.2.3 Categoria 3: Percepção sobre o público com deficiência visual**

Esta categoria não representa uma dimensão específica da acessibilidade, mas sim a percepção das participantes da pesquisa, a partir de suas experiências, sobre aspectos da

instituição, acessibilidade e pessoas com deficiência, como: a percepção da frequência de visitas de pessoas com deficiência visual; quais as experiências mais significativas na instituição; quais os aspectos que acreditam ser os mais negativos; os principais desafios enfrentados no âmbito da acessibilidade; e considerações sobre acessibilidade e fruição cultural de pessoas com deficiência visual em museus.

Entende-se que a presente categoria agrega informações relevantes que complementam as anteriores, bem como contribuem para o entendimento acerca da fruição cultural das pessoas com deficiência visual.

### **3.2.3.1 Subcategoria 1: Frequência de pessoas com deficiência visual**

Inicialmente, a presente subcategoria tinha por objetivo ter acesso a dados de frequência de visitantes com deficiência visual e pesquisas realizadas junto ao público, mas como as profissionais estavam com acesso limitado às instituições por ocasião da pandemia, optou-se por seguir com o campo a partir da percepção das participantes.

A presença massiva de pessoas na instituição não é sinônimo de qualidade das visitas e dos serviços oferecidos; no entanto, quanto mais acessível e inclusiva for a instituição, maior será o interesse e a participação do público com deficiência visual (Martins, 2011), conforme apontam as respostas das participantes.

Assim, temos quatro diferentes realidades institucionais, a saber: maior frequência de grupos oriundos de instituições; vistas de pessoas que frequentam a instituição para outros fins; aumento de frequência como consequência da aproximação do público-alvo e da implantação de elementos acessíveis.

No MCCB, dentre os públicos com deficiência, a maior frequência é da parte das pessoas com deficiência visual, especialmente vinculadas a instituições, a nível nacional, e a grupos de turismo, no âmbito internacional. Atribuiu-se à frequência a proximidade estabelecida entre esta instituição e as pessoas com deficiência visual, a divulgação realizada pela área turística do país e pelo reconhecimento que o museu tem devido a prêmios conquistados por conta de sua acessibilidade.

O CMDN funciona dentro de uma instituição voltada para pessoas com deficiência visual, que conta com recursos voltados para esse público desde sua origem, então a frequência é

constante. A PINA teve aumento de visitação de pessoas com deficiência visual com a criação da Galeria Tátil, a qual marcou o início do trabalho desta instituição com foco nesse público, segundo indica a educadora: o museu vem atendendo pessoas com deficiência desde 2003, quando o Programa foi implantado (...) Só que esse atendimento se intensificou mais em 2009, quando foi implantada a Galeria Tátil de Esculturas Brasileiras da Pinacoteca.

Já o MI, de acordo com a participante da pesquisa, conta com baixa visitação de pessoas com deficiência em geral, mas tem aumentado por conta da aproximação de coletivos de pessoas com deficiência - o que reforça a importância do estabelecimento de parcerias e o contato mais próximo com as pessoas com deficiência.

Pelas respostas das entrevistas, observa-se um aumento na frequência conforme há maior proximidade com as pessoas com deficiência e, também, conforme há mais recursos acessíveis disponíveis. Desta forma, pode-se apontar, a partir desta subcategoria, que esses dois elementos são essenciais para uma possível fidelização do público em questão, na medida em que se fizeram presentes em outras seções da análise desta pesquisa.

### **3.2.3.2 Subcategoria 2: Experiências significativas**

Entendendo que as experiências significativas são determinantes para o processo de fruição cultural dos visitantes com deficiência visual, este tópico apresenta o assunto a partir da percepção das entrevistadas.

Quanto às experiências mais significativas elencadas pelas participantes, encontram-se: sala da fundadora da instituição (Dorina Nowill) e produção de livros e braile; recursos que promovem autonomia e equidade; momentos de exploração tátil (maquetes, peças originais e reproduções); e encontro e reencontro com obras de artistas conhecidos através de recursos acessíveis.

Observa-se que o "encontro com Dorina Nowill" na exposição do CMDN gera bastante impacto por ela ser uma referência na história da luta pelos direitos das pessoas com deficiência visual. Além disso, conhecer como são produzidos os livros em braile aproxima o público da instituição, por tratar de temas que fazem parte de seu cotidiano, de sua história e de suas referências enquanto sujeitos da história. A representatividade de pessoas com deficiência nos acervos e nas exposições são elementos que contribuem para lhes proporcionar visibilidade (Martins & Semedo, 2017), sobretudo favorecer o protagonismo desses sujeitos, indo ao

encontro do que os modelos social e biopsicossocial apresentam sobre a participação na sociedade, sem a tutela das pessoas sem deficiência e sem o estigma negativo marcado pelo modelo médico da deficiência. Assim, a representação da deficiência nas narrativas expográficas contribui para aproximar o público com deficiência dos museus e para sua inclusão na sociedade.

Outro aspecto de destaque é o acesso a elementos considerados muitas vezes abstratos, como a arquitetura do edifício e de seu entorno, que dificilmente acontece sem uma maquete, devido às dimensões. No caso da PINA, esse elemento se destaca para o público porque se trata de um prédio bastante conhecido da população, especialmente de São Paulo - a Pinacoteca e o entorno, o Parque da Luz.

Já o MCCB destacou como um dos interesses do público a maquete das etapas da construção do seu vizinho, o Mosteiro da Batalha, importante referência da arquitetura portuguesa. Além disso, apontou também as reproduções de elementos decorativos presentes no Mosteiro, que estão em locais inacessíveis ao tato na construção original, a saber:

E também (...) pequenas réplicas, pormenores decorativos do Mosteiro da Batalha e as maquetes do Mosteiro (...) porque a pessoa vai visitar o Mosteiro (...) não tem uma noção da proporção do monumento e a maquete, neste aspecto, fomenta a dimensão espacial do monumento e (...) a relação com as suas distintas fases de construção. O aspecto decorativo e as réplicas que nós temos de gárgulas, de janelas... são, de facto, as peças, também, mais procuradas e que suscitam mais interesse.

A responsável pelo MCCB continuou a destacar os elementos táteis como os fósseis (originais) e a escultura de um Magistrado da época romana, a qual não foi planejada para compor as visitas táteis, mas foi incorporada posteriormente, especialmente por conter muitos detalhes perceptíveis ao tato.

Salienta-se que Almeida, Carijó e Kastrup (2010) indicam que as esculturas, apesar de serem tridimensionais, geralmente são produzidas para serem vistas e não tocadas. Assim, a utilização de um mesmo material na sua elaboração (rocha, madeira, bronze, etc.) pode ser um limitador para a experiência do visitante. Não se pretende indicar ou contraindicar as esculturas em experiências táteis, mas se recomenda que as instituições conheçam suas potencialidades e limitações para que possam apresentar propostas sensoriais que tenham impacto positivo na experiência das pessoas com deficiência visual.

No caso da PINA, o encontro com os artistas através de materiais sensoriais é outro ponto de impacto, pois muitas vezes as pessoas já ouviram falar de determinados artistas ou leram sobre eles, mas não têm acesso às suas produções. Também há casos de pessoas que ficaram cegas ao longo da vida e que perderam o contato com as obras dos artistas e voltam a reencontrá-los por meio dos recursos acessíveis, conforme aponta o trecho da entrevista concedida por Margarete Oliveira:

Uma coisa que também acontece muito é eles ouvirem falar de um artista e eles não terem ideia da produção desse artista. Aí numa apresentação que a gente tem do material sensorial da maquete, dos relevos... eles falam "então é dessa forma que essa artista trabalha?".

Provavelmente por já ter sido destacado que há pouca visitação de pessoas com deficiência na instituição, a museóloga do MI abordou a temática de maneira geral, destacando, como significativo, os recursos que promovem autonomia e equidade dos visitantes.

Reforça-se que o indicador que mais se destacou entre as experiências significativas que as participantes mencionaram foi o que trata da exploração tátil, corroborando o que já foi bastante abordado neste estudo quando o assunto é a utilização da percepção háptica para proporcionar o acesso em um espaço que privilegia o sentido da visão.

### **3.2.3.3 Subcategoria 3: Aspectos que precisam de melhorias**

Este tópico pretendeu identificar o que as participantes declararam, ao longo das suas respostas, como pontos que precisam de melhorias em relação aos seus espaços de atuação, entendendo, também, que eles podem interferir no processo de fruição.

Assim, a entrevistada do MCCB indicou que os recursos de áudio podem ser melhor explorados no circuito, bem como a ergonomia de alguns elementos do mobiliário, para que sejam mais confortáveis e seguros para os visitantes. No que tange à informação, acredita ser importante ter mais materiais em braile, com alto-contraste e alto relevo. Além disso, indicou, conforme apontado no trecho abaixo, como possibilidade, a inserção de mais peças táteis, inclusive pautadas nas novas tecnologias.

Elementos que são chave na compreensão do museu, peças que são chave na compreensão do percurso do museu e que poderiam ser ainda melhoradas. Portanto novos materiais, até com novas tecnologias também estão a ser realizadas a esse nível: impressoras em 3D (...).

A participante do CMDN indicou elementos gerais de museus, como os trabalhos realizados junto às obras arquitetônicas e instalações devido às grandes proporções. Sob sua perspectiva, esses elementos geram impacto pelo seu tamanho, então isso pode se perder por meio de descrição e toque em partes desses itens, não gerando o mesmo impacto que o visual.

A partir do enquadramento teórico deste estudo, pautado na teoria da *autopoiese* de Maturana e Varela (Moreira, 2004) trabalhada por Kastrup, Carijó e Almeida (2009), tem-se como referência que as pessoas com e sem deficiência visual possuem formas distintas de compreender o mundo e todas são completas. Entende-se que a entrevistada não quis referenciar que a percepção das pessoas com deficiência visual não é completa, mas que tais elementos de grandes proporções geram mais impacto no âmbito da visualidade e talvez não tenham as mesmas proporções para o sistema háptico de percepção. Vale lembrar que, na seção anterior, os elementos arquitetônicos em maquetes foram elencados como significativos pela PINA e pelo MCCB. Pode-se dizer que esse assunto precisa ser explorado em outra investigação para conhecer melhor o impacto desses elementos na percepção das pessoas com deficiência visual.

A entrevistada da PINA indicou que seria interessante ter mais representatividade em recursos sensoriais de cada artista que têm obras no acervo da instituição, pois às vezes é difícil captar a essência do artista por meio de uma única obra. Como elemento menos aproveitado durante uma visita em grupo, destacou o mapa tátil da Galeria Tátil, pois o mesmo localiza as obras no espaço e isso é feito ao longo da própria visita. Isso não significa que o mapa tátil não tenha utilidade para os visitantes que queiram se antecipar ao que terá no espaço a ser visitado, mas é um tempo que a profissional disse preferir usar ao longo da galeria.

A participante do MI apontou um aspecto a melhorar, de forma geral, para a acessibilidade nos museus: os projetos adaptados de acessibilidade, na medida em que não são desenvolvidos com foco em todas as pessoas desde seu princípio. Saliencia-se que as orientações mais recentes de acessibilidade e inclusão, pautadas no Desenho Universal, indicam um caminho que considere todas as pessoas, incluindo pessoas com deficiência, desde o princípio dos projetos.

### 3.2.3.4 Subcategoria 4: Desafios

No que se refere à subcategoria 4, buscou-se agrupar elementos que as respondentes indicaram como desafios no âmbito da acessibilidade em museus, como: encontrar soluções para atender o maior número de pessoas possível; o equilíbrio entre acessibilidade e as áreas técnicas do museu; fruição cultural além da visão; acessibilizar pinturas; acessibilidade em exposições temporárias; realizar formações internas durante a pandemia; e fazer com que as pessoas com deficiência se sintam representadas e acolhidas.

Em relação ao MCCB, percebe-se que o projeto de sua criação abordou acessibilidade desde o princípio e que se ancorou no desenho universal, na medida em que a entrevistada destacou que um dos desafios foi encontrar soluções universais e abrangentes para o maior número de pessoas possível, considerando que as pessoas são únicas. Ainda, indicou que outro desafio de destaque foi conectar as demandas da acessibilidade com a das áreas técnicas do museu, como pode ser visto a seguir.

(...) encontrar uma solução ou soluções que fossem mais abrangentes e universais possível (...) como toda a gente, cada um tem os seus gostos, as suas preferências (...) Encontrar o equilíbrio, eu posso... vou chamar de casamento, encontrar esta gestão de união entre acessibilidade e o design, entre acessibilidade e o programa museológico, entre acessibilidade e o programa museográfico.

Tanto a educadora do CMDN como a da PINA abordaram, como desafio, o aspecto da bidimensionalidade de algumas obras, já que foram produzidas sob a perspectiva da estética visual. De acordo com Candlin (2014), tanto pessoas cegas como não cegas costumam experienciar por meio do toque; no entanto, vive-se sob um paradigma visuocêntrico (Kastrup, 2015) e muitas das experiências que poderiam permear o tato e os outros sentidos ficam atreladas às percepções visuais. Abaixo, trecho da entrevista concedida por Silvia Sertorio, do CMDN, que aponta a exploração de outros sentidos como caminho para a fruição:

A fruição não existe se ficar restrita a visão, imagine trabalhos bidimensionais de pintura, gravura ou desenho, mesmo que seja por meio de audiodescrição o uso do sentido da audição é que lhe confere aproximação com a obra, claro que uma boa descrição também fará grande diferença, mas o uso dos outros sentidos é que pode garantir o fruir da arte e da apreciação estética.

A educadora da PINA comentou, ainda, ao longo da entrevista, que a acessibilidade é centrada nas exposições de longa duração, sobretudo porque as propostas multissensoriais têm um custo e é mais difícil conseguir recursos para investir nas exposições temporárias.

A museóloga do MI referenciou, na ocasião desta coleta de dados, que a formação interna das equipes estava comprometida devido ao período de isolamento social que o país se encontrava gerado pela pandemia da COVID-19. Em 2020, muitas instituições adiaram novos projetos para um momento pós-pandemia. Além disso, a participante indicou, de forma geral e não especificamente sobre o MI, que a presença de distintos recursos acessíveis na instituição não é sinônimo de inclusão; é preciso garantir acolhimento e representatividade nos museus, corroborando o que autores como Martins (2013, 2017) e Alves e Moraes (2018) já apontaram sobre representatividade.

Observa-se que os desafios são diversos e apontam para um caminho da necessidade de eliminação de barreiras, porém as físicas não foram indicadas. Como são instituições que já vêm abordando acessibilidade há algum tempo ou já surgiram em um contexto favorável neste aspecto, as questões físicas não foram colocadas como desafios. Percebe-se, também, que há elementos que perpassam a dimensão atitudinal e a informacional/ comunicacional.

### **3.3 INDICADORES PARA POTENCIAR A FRUIÇÃO CULTURAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM MUSEUS**

Neste estudo, buscou-se compreender como as quatro instituições selecionadas abordam o tema da acessibilidade às pessoas com deficiência visual, por meio das dimensões física, informacional/ comunicacional e atitudinal. Em paralelo à coleta de dados junto às profissionais do campo da acessibilidade, que contribuiu para dados referentes à dimensão atitudinal e informacional/ comunicacional, realizou-se o preenchimento de uma ficha diagnóstica para conhecer o que cada instituição possui em seu espaço com foco no público com deficiência visual, especialmente no âmbito das dimensões física e informacional/ comunicacional. Tanto por meio da ficha diagnóstica como por meio da entrevista foram coletados dados referentes à dimensão informacional/ comunicacional, o que foi bastante positivo, pois verificou-se que os dois instrumentos se completaram.

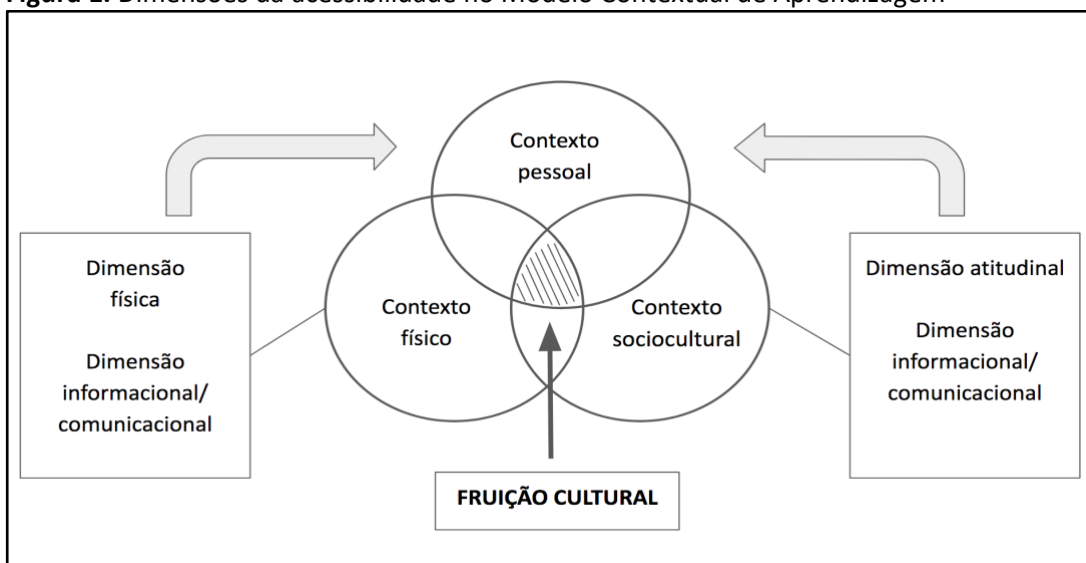
Por meio da coleta dos dados e sua análise, com base na literatura do campo, especialmente apresentada no enquadramento teórico do estudo, foi possível cruzar os dados e apresentar uma proposta, em forma de três quadros, com elementos que podem ser considerados essenciais para que os museus iniciem ou melhorem suas práticas no campo da acessibilidade, no intuito de potencializar a fruição cultural das pessoas com deficiência visual.

Para tratar da experiência em museus, Falk e Dierking (2000) apresentam o Modelo Contextual de Aprendizagem, constituído pela intersecção de três contextos: pessoal (motivações, interesses dos visitantes e suas atitudes e escolhas durante uma visita), físico (características do espaço) e o sociocultural (as relações interpessoais no espaço da visita). Este estudo entende que a acessibilidade nos museus, compreendida a partir das dimensões física, informacional/ comunicacional e atitudinal (Sasaki, 2019; Martins, 2013, 2017), faz-se presente nos contextos do Modelo Contextual de Aprendizagem de Falk e Dierking (2000), que interferem na experiência dos visitantes com deficiência visual.

Pode-se estabelecer uma proximidade da dimensão atitudinal com o contexto sociocultural, considerando as relações interpessoais que engloba. As dimensões físicas e da informação/ comunicação estão bastante próximas do contexto físico. A dimensão da informação/ comunicação também se faz presente no contexto sociocultural, assim como a dimensão atitudinal. As três dimensões da acessibilidade que perpassam os contextos físico e

sociocultural interferem diretamente no contexto pessoal do visitante com deficiência visual, visto que o seu acolhimento na instituição, o acesso que terá às exposições e outros serviços, bem como a forma como se deslocará pelo espaço serão determinantes para suas motivações, escolhas e interesses. Abaixo, um esquema sobre como o estudo percebe a presença das dimensões da acessibilidade no Modelo Contextual de Aprendizagem (Figura 1).

**Figura 1.** Dimensões da acessibilidade no Modelo Contextual de Aprendizagem



Fonte: elaborado pela autora, a partir de Martins (2013, 2017) e Falk e Dierking (2000).

Assim, indica-se que para os museus potenciarem a fruição cultural das pessoas com deficiência visual, uma das possibilidades é tomar como referência a intersecção dos três contextos - físico, pessoal e sociocultural - permeados pelas dimensões da acessibilidade. Para detalhar os indicadores de cada dimensão da acessibilidade no contexto deste estudo, tem-se como proposta os três quadros apresentados abaixo (Tabelas 5, 6 e 7).

**Tabela 5.** Dimensão física da acessibilidade

<b>DIMENSÃO FÍSICA DA ACESSIBILIDADE</b>		
<b>Circulação nos espaços</b>	<b>Sinalização nos espaços</b>	<b>Apresentação dos objetos e textos no espaço</b>
Piso com sinalização tátil;  Espaço amplo para circulação confortável e segura;  Áreas de descanso.	Informações em braile;  Informações em fontes ampliadas e contrastantes;  Mapas táteis;  Informações ao alcance visual e manual.	Em ambientes iluminados;  Ao alcance visual e/ ou manual.

Fonte: elaborado pela autora

**Tabela 6.** Dimensão atitudinal da acessibilidade

<b>DIMENSÃO ATITUDINAL DA ACESSIBILIDADE</b>				
<b>Acolhimento na instituição</b>	<b>Formação das equipes</b>	<b>Consulta às pessoas com deficiência visual</b>	<b>Desenvolvimento de parcerias</b>	<b>Profissionais com deficiência visual</b>
Orientar os visitantes com deficiência visual sobre os serviços da instituição (considerando que a equipe passou por formação sobre acessibilidade).	Conversas/ cursos com pessoas com deficiência visual;  Conversas/ cursos com especialistas;  Cursos de formação interna.	Sondagem junto ao público com deficiência visual;  Envolvimento de pessoas com deficiência visual nas ações;  Consultoria de pessoas com deficiência visual para exposições e outras ações.	Com instituições especializadas para melhorias da acessibilidade;  Com instituições especializadas para realização de visitas mediadas.	Focar na contratação de pessoas com deficiência visual para distintos setores, mas com especial atenção para as áreas de atendimento ao público.

Fonte: elaborado pela autora

**Tabela 7.** Dimensão informacional/ comunicacional da acessibilidade

<b>DIMENSÃO INFORMACIONAL/ COMUNICACIONAL DA ACESSIBILIDADE</b>		
<b>Textos*</b>	<b>Acervo/ elementos visuais</b>	<b>Ações educativas</b>
Braille; Letras ampliadas e contrastantes; Equipamentos com leitores de tela; informações em audioguias.  *Considerar: Informações gerais, textos de exposições, folhetos, materiais diversos, equipamentos interativos, recurso audiovisual.	Audiodescrição de itens do acervo ou qualquer elemento visual em audioguias ou outros equipamentos; Peças originais para exploração tátil; Reproduções do acervo para exploração tátil; Maquete tátil de edifícios.	Oferta de cursos com recursos de acessibilidade para o público com deficiência visual e para educadores; Jogos multissensoriais; Visitas mediadas: realizar levantamento de informações sobre os grupos, grupos com número limitado de pessoas, descrições ao longo da visita, momentos para exploração tátil (se o visitante quiser), momentos de exploração do espaço de forma autônoma (visitante).

Fonte: elaborado pela autora

Apesar do estudo ter contado com a participação de profissionais do campo em questão, não houve a consulta diretamente às pessoas com deficiência visual para a elaboração da sua proposta final. Assim, a recomendação para o uso deste material é que se consulte pessoas com deficiência visual para que a aplicação em cada instituição seja mais eficaz e, de fato, atenda às demandas desses sujeitos, considerando sua participação, representatividade e lugar de fala.

Por último, porém não menos importante, o recorte apresentado neste estudo não teve por objetivo indicar que as ações a serem desenvolvidas pelas instituições museológicas sejam tratadas de forma segmentada ou excludente. A proposta deste recorte de pesquisa se fez necessário para que fosse possível aprofundar nas questões específicas das pessoas com deficiência visual, como uma espécie de imersão. No entanto, para um momento de utilização material aqui apresentado, é imprescindível que o mesmo seja parte de um instrumento de planejamento institucional e que considere outras deficiências e, também, demandas de outros grupos sem deficiência - como de grupos que a instituição identifique que façam parte de seus não-públicos - o que de fato contribuirá para que ao museu caminhe em direção à inclusão de todas as pessoas.

## IV CONCLUSÕES

O presente estudo procurou aprofundar a discussão sobre como potencializar a fruição cultural das pessoas com deficiência visual nos museus, por meio das dimensões física, informacional/comunicacional e atitudinal da acessibilidade desses espaços, as quais estão de acordo com as propostas dos modelos social e biopsicossocial apresentados no campo da deficiência (OMS, 2004). Assim, compreende-se a deficiência como parte da diversidade humana; acredita-se que a sociedade é parte responsável pelas suas mudanças para que seja de fato inclusiva; e considera-se que todo indivíduo é único e é resultado de fatores biológicos, individuais e sociais (OMS, 2004). Estes últimos elementos têm bastante reflexo sobre como o campo da saúde aborda as questões referentes às pessoas com deficiência; porém, no campo cultural, acredita-se que é essencial ter noção sobre as especificidades que se referem à deficiência, no caso do presente estudo, a visual. É relevante reconhecer a deficiência visual como parte da diversidade humana, mas faz-se importante conhecer as características dos indivíduos com esta deficiência para que não ocorram generalizações que as apaguem.

O foco não é colocar a deficiência à frente do indivíduo, mas é não a ignorar a ponto de ser esquecida, corroborando o que Hamraie (2017) apontou na crítica ao desenho universal, que passou a se apresentar de forma neutra, sem explicitar a luta das pessoas com deficiência. A referida pesquisadora aposta no realinhamento entre desenho universal e deficiência, para que o mesmo tenha uma postura crítica e que não caia no senso comum quando se trata de acesso e acessibilidade.

Tanto o Desenho Universal (DU) como a Tecnologia Assistiva (TA) são conceitos que geralmente estão atrelados à acessibilidade, aqui compreendida como um caminho para a equiparação de oportunidades para a participação nas mais diversas atividades da sociedade a todas as pessoas (Cohen, Duarte & Brasileiro, 2012). Mais especificamente no que diz respeito à acessibilidade no âmbito cultural, é "um conjunto de adequações, medidas e atitudes que proporcionem bem-estar, acolhimento e acesso à fruição cultural para pessoas com deficiência, beneficiando públicos diversos" (Sarraf, 2018, p.25).

O DU diz respeito ao planejamento de espaços, produtos e serviços com foco em todas as pessoas, considerando a diversidade humana, sem a necessidade de adaptação ou de projetos específicos (Cohen, Duarte & Brasileiro, 2012; Cambiaghi, 2018). Já a TA é compreendida como a área do conhecimento que busca apresentar produtos e serviços que proporcionem a

realização de diversas atividades com vista à participação social das pessoas com deficiência (Comitê de Ajudas Técnicas, 2009). Enquanto o DU, por meio de seus princípios orientadores, foca no desenho que atenda às distintas necessidades encontradas na diversidade humana, a TA busca o desenvolvimento de produtos para que as pessoas com deficiência adquiram ou ampliem suas habilidades - ainda que um produto seja criado a partir de uma característica de uma deficiência, pode beneficiar pessoas com outras deficiências ou sem deficiência, como é o caso de maquetes táteis, por exemplo (Salasar, 2019). Tanto o DU como a TA são meios possíveis para se alcançar a acessibilidade.

Em relação aos museus, a partir da segunda metade do século XX, começou a haver maior discussão sobre as questões referentes aos seus públicos e à sociedade, de forma geral, tirando o foco único e exclusivo das coleções, uma herança do século XIX. De acordo com Santos (2002), passa-se a acreditar que os museus podem estar mais próximos dos anseios sociais e os sujeitos começam a ser percebidos enquanto parte do processo, que agem e transformam a realidade. Foi nesse contexto que surgiu a Nova Museologia na década de 1980, que visava um trabalho pelo e para o ser humano, com foco na comunidade, participação e cidadania (Primo, 1999). No entanto, Chagas e Gouveia (2014) indicam que esta perdeu sua expressão, fazendo com que a Museologia Social (ou Sociomuseologia) se fizesse expressiva após os anos de 1990. A Museologia Social tem como principais características: comprometimento com a diminuição das desigualdades sociais, dos preconceitos; preocupação com a melhoria na qualidade de vida das pessoas e com a coesão social; e entendimento que o patrimônio deve estar à favor das comunidades populares e dos distintos movimentos sociais.

As transformações apresentadas, e que deram visibilidade aos visitantes, fizeram com que houvesse maior interesse em conhecer as percepções dos públicos e não-públicos acerca dos museus, o que engloba as pessoas com deficiência, ainda que existam poucas pesquisas sobre esses públicos. No entanto, Lima e Berquó (2012) indicam que, para as pessoas com deficiência, visitar museus significa enfrentar muitas barreiras, as quais dificultam a fruição cultural, especialmente no que tange a mobilidade no espaço, a comunicação, os acessos aos elementos das exposições e outras ações e o acolhimento por parte dos funcionários.

Em seus estudos, Kastrup (2015) afirma que os museus exploram em demasia o sentido da visão; ou seja, no geral, tudo é desenvolvido para ser visto, para ser apreciado visualmente, deixando de lado os outros sentidos. O toque ainda é considerado um tabu nos museus, mesmo que seja uma forma de experienciar, independente da pessoa ter ou não deficiência.

No entanto, a percepção via sistema háptico (tato ativo) pode ser um dos principais meios para o acesso estético das pessoas com deficiência visual (Ballesteros, 1994; Candlin, 2004; Kastrup, 2015; Cardoso & Silva, 2017). Ressalta-se que no escopo do que se intitula deficiência visual, há as pessoas cegas e as com baixa visão. Há de se considerar as diferenças entre os grupos para que não sejam tratados de forma homogênea e para que as demandas de todos possam ser conhecidas para que a fruição nos museus seja possível.

A fruição cultural nos museus é consequência das experiências que os visitantes têm. Para abordar experiência nas instituições museológicas, Falk e Dierking (2000) apresentam o Modelo Contextual de Aprendizagem, constituído pelos contextos sociocultural (as relações interpessoais que ocorrem na visita), físico (o espaço onde ocorre a visita) e individual (motivações para a visita e atitudes no processo). No caso, a experiência do visitante estará condicionada à intersecção dos três contextos apresentados.

Considerando que a fruição cultural está condicionada à experiência que os visitantes têm no espaço do museu, que há barreiras que dificultam o acesso das pessoas com deficiência nessas instituições e que os museus exploram em demasia o sentido da visão, surgiu a necessidade entender, neste estudo, como a inclusão de pessoas com deficiência visual em museus acontece nos dias de hoje, no intuito de verificar novas propostas e práticas. Assim, o estudo teve a seguinte questão de partida: "como os museus podem potencializar a fruição cultural das pessoas com deficiência visual?". Para responder a questão inicial, apresentou-se um objetivo geral - descrever estratégias para potencializar a fruição cultural de pessoas com deficiência visual em museus - e três objetivos específicos: 1) Descrever os recursos de acessibilidade oferecidos ao público com deficiência visual em museus atualmente; 2) Conhecer estratégias utilizadas em museus, a partir da perspectiva de seus profissionais; e 3) Apresentar propostas que potencializem a acessibilidade e a fruição cultural das pessoas com deficiência visual em museus.

Ainda que tenham surgido problemas ao longo do processo, especialmente desencadeados pela pandemia de Covid-19, que impediu a coleta de dados nos espaços selecionados para a pesquisa, acredita-se que por meio da metodologia adotada por esta investigação, os objetivos foram alcançados e a questão inicial foi respondida.

Para o desenvolvimento deste estudo qualitativo, do tipo exploratório-descritivo, de acordo com a classificação de Fortin (1999), buscou-se referência na literatura disponível acerca dos temas: museus, acessibilidade, pessoas com deficiência visual para o desenvolvimento do arcabouço teórico e da construção dos instrumentos de coleta de dados. Em relação a este

último, teve-se como referencial os estudos de Tojal (2007), Martins (2017), Negreiros (2017), além de conceitos apresentados por Sasaki (2009, 2019).

Para o trabalho de campo, foram selecionadas quatro instituições, considerando suas características no campo da acessibilidade, sendo a primeira de Portugal e as outras três do Brasil, nomeadamente: Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB), Pinacoteca do Estado de São Paulo (PINA), Centro de Memória Dorina Nowill (CMDN) e Museu da Inclusão (MI).

Para alcançar o primeiro objetivo apresentado - descrever os recursos de acessibilidade oferecidos ao público com deficiência visual em museus atualmente - elaborou-se uma ficha diagnóstica para que fosse possível observar e descrever os recursos oferecidos ao público com deficiência visual pelas quatro instituições participantes do estudo. Inicialmente esta pesquisadora iria verificar *in loco* os recursos oferecidos, mas, devido à pandemia de Covid-19, as fichas foram preenchidas pelas profissionais dos museus. Assim, e no que se refere aos recursos oferecidos pelos museus investigados, as categorias da ficha diagnóstica estiveram dentro das dimensões física e informacional/ comunicacional da acessibilidade, a saber: circulação nos espaços, sinalização dos espaços, informações gerais na recepção, apresentação dos objetos na exposição, folhetos da instituição, publicações e outros materiais, textos gerais das exposições, legendas das exposições, recursos multissensoriais, audioguias, equipamentos interativos e material audiovisual.

Em relação ao segundo objetivo - conhecer estratégias utilizadas em museus, a partir da perspectiva de seus profissionais - buscou-se conhecer as estratégias utilizadas em museus, a partir da perspectiva de seus profissionais, com foco nas dimensões atitudinal e informacional/ comunicacional. Além disso, foram identificados elementos que não foram encaixados nessas dimensões, mas podem ser interpretados como consequências da forma como as instituições abordam a acessibilidade. As informações coletadas junto às profissionais participantes foram organizadas em três categorias e dez subcategorias, as quais foram estabelecidas a partir dos dados coletados (e não preliminarmente), com base na análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2010). As duas primeiras categorias dizem respeito a aspectos da acessibilidade atitudinal e da informação/ comunicação e a terceira diz respeito à percepção de cada profissional participante, na medida que são pessoas que atuam na área e que podem apresentar suas experiências no campo.

O Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, uma instituição jovem, surgiu com a proposta de ser um "museu de todos" e o seu processo de criação envolveu profissionais do campo da acessibilidade ou, então, membros da equipe que não tinham formação ou conhecimento na área passaram por formação, além de contarem com a consultoria de instituições especializadas e pessoas com deficiência visual.

O Centro de Memória Dorina Nowill é parte da Fundação Dorina Nowill para Cegos, ou seja, uma instituição que atua junto às pessoas com deficiência visual. A criação do Centro de Memória teve como foco atender as demandas de seu principal público, mas de forma que todas as pessoas pudessem visitá-lo. Ressalta-se que a própria Dorina Nowill participou do processo de criação, juntamente à equipe de especialista no campo da acessibilidade em museus.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo é a instituição mais antiga do estudo e iniciou, de forma mais sistemática, seu trabalho no campo da acessibilidade às pessoas com deficiência visual a partir de 2003, com a criação de um espaço voltado à exploração tátil de seu acervo, munido de informações em múltiplos formatos para atender o público em questão. Destaca-se a participação de pessoas com deficiência e especialistas no processo de criação da Galeria Tátil.

O Museu da Inclusão surgiu a partir de uma exposição sobre a história da luta das pessoas com deficiência, no âmbito da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência (São Paulo). O conteúdo é representativo das pessoas com deficiência em geral, mas os recursos apresentados em seu espaço, após se tornar uma instituição museológica, ainda são poucos no que tange às pessoas com deficiência visual. Há o reconhecimento disso por parte da equipe e há o esforço para melhoria da acessibilidade, porém não no entendimento de que as pessoas com deficiência apenas visitarão suas exposições e participarão de ações voltadas ao público geral do museu. O foco tem sido acessibilizar o processo museológico como um todo, pensando nas pessoas com deficiência enquanto pesquisadoras, por exemplo, através de estudos para aquisição de sistema de gerenciamento de acervos em formato acessível. Outro destaque é a participação de pessoas com deficiência na Comissão de Acervo, ou seja, um grupo com poderes de decisão sobre assuntos referentes ao acervo da instituição. Ao longo do estudo, foi destacado a proximidade do museu com grupos de pessoas com deficiência e a existência de profissional com deficiência visual na equipe.

Cada instituição, devido a sua própria história e realidade, tem seus pontos fortes e fracos. As profissionais participantes do estudo, em diferentes momentos da coleta de dados, indicaram

questões que são mais desafiadoras nas instituições, o que ainda precisa ser melhorado, o que indicam ser positivo, além de abordarem, questões sobre acessibilidade para pessoas com deficiência visual de forma geral, a partir de suas percepções, experiências e conhecimentos.

Para responder o terceiro objetivo - apresentar propostas que potencializem a acessibilidade e a fruição cultural das pessoas com deficiência visual em museus - foi realizado um cruzamento das informações obtidas por meio dos instrumentos de coleta de dados e, então três quadros foram elaborados, com elementos que podem ser considerados essenciais para que os museus iniciem ou melhorem seus trabalhos no campo da acessibilidade, no intuito de potencializar a fruição cultural das pessoas com deficiência visual, a partir das dimensões física, atitudinal e informacional/ comunicacional.

Os resultados apontaram, em sua maioria, para uma noção de acessibilidade que atende as pessoas com deficiência, mas que serve às pessoas sem deficiência, corroborando com os conceitos apresentados por Cohen, Duarte e Brasileiro (2012) e Sarraf (2018). A utilização de recursos de tecnologia assistiva foi apontada pelas instituições participantes pela pesquisa, ao indicarem quais os recursos que se utilizam para atender o público com deficiência visual. Referências ao desenho universal também foram percebidas, especialmente no que diz respeito à segurança, dimensões apropriadas para o acesso, uso flexível e igualitário dos recursos.

No que tange à dimensão física, foram elencados piso com sinalização tátil; espaço amplo para livre circulação; áreas de descanso; sinalização em braile, fonte ampliada e contrastante; mapas táteis do edifício; informações ao alcance manual; e objetos e textos em ambientes iluminados e ao alcance visual e manual. Os referidos recursos dizem respeito ao ambiente físico dos museus em questão, ou seja, como se dá o deslocamento em seu interior e, fisicamente, como estão disponíveis as informações e o acervo. Os elementos aqui apresentados são essenciais para saber o quão autonomamente o visitante pode circular pelo espaço da instituição, por exemplo (Martins, 2017). Para efeitos desta pesquisa, não foram consideradas as áreas de entorno das instituições.

Em relação à acessibilidade atitudinal, destacam-se elementos distribuídos nas categorias: acolhimento na instituição, formação das equipes, consulta às pessoas com deficiência visual, desenvolvimento de parcerias e presença de profissionais com deficiência visual. O acolhimento do visitante pode ser crucial para os outros momentos da experiência na instituição, na medida em que é no acolhimento que se orienta o visitante sobre os serviços e

recursos disponíveis. Tanto para o acolhimento como para as outras áreas, é essencial que as equipes da instituição passem por formações sobre acessibilidade, especialmente a partir do que a participante do MI destacou sobre a necessidade de ter todos os processos museológicos acessíveis. Nesta e nas outras categorias, o grande destaque é para a participação das pessoas com deficiência, seja por meio de conversas com equipes, por realização de consultorias e consultas distintas a esses grupos. Nenhuma das instituições tem profissional com deficiência visual na equipe voltada para o atendimento ao público, mas uma delas conta com uma pessoa na equipe de comunicação. Apesar da ausência, os depoimentos das participantes apontam para a importância de ter profissionais com deficiência. Assim, este estudo indica que as instituições passem a ter profissionais com deficiência visual, o que pode contribuir para a melhoria das ações que envolvem acessibilidade em todas as dimensões.

Em relação à acessibilidade informacional/ comunicacional, a exploração tátil se destacou no que tange o acesso ao acervo/ coleções dos museus, especialmente se comparada a recursos sonoros e olfativos. O estudo aponta que a maioria das instituições promovem explorações táteis para o acesso ao edifício e ao acervo das instituições, seja por meio de maquetes, peças originais ou algum tipo de reprodução. De acordo com algumas participantes, há necessidade de mais recursos dessa tipologia para melhorar a acessibilidade de seus espaços. O reconhecimento das instituições acerca da exploração tátil e a aceitação desses recursos por parte do público com deficiência visual, a partir do que as participantes declararam, reforçam o que autores já declararam sobre a importância do sentido do tato e do sistema háptico de percepção (Ballesteros, 1994; Almeida, Carijó & Kastrup, 2010; Kastrup, 2015; Candlin, 2004; Martins, 2013, 2017; Cardoso & Silva, 2017), indicando a necessidade de um alinhamento entre o mundo da visualidade e a "mundividência tátil" - em que se percebe as questões inerentes à percepção tátil - para que seja possível seguir no caminho da inclusão social, conforme apontou Sousa (2004).

Outros recursos mencionados dizem respeito às informações textuais, nas quais se destacam o uso do braile e das letras ampliadas e, em menor escala, foi mencionado o uso de letras contrastantes. A utilização de letras ampliadas e contrastantes e a iluminação dos objetos em exposição são essenciais para o acesso das pessoas com baixa visão. A audiodescrição é um dos recursos utilizados para se proporcionar acesso ao acervo, além também de ter sido mencionada para ambientar o visitante nos espaços expositivos.

As ações educativas foram bastante mencionadas como um meio de acesso às exposições e conteúdos abordados pelas instituições. Vale destacar que das quatro participantes, três

atuam junto ao público por meio de ações educativas. Dentre as possibilidades, destacam-se ofertas de cursos com recursos acessíveis para o público com deficiência visual e para educadores que podem vir a atuar com esses grupos; jogos multissensoriais, tanto durante visitas mediadas como para serem utilizados pelo público que visitas espontâneas; e a visitas mediadas com equipe capacitada e com alguns procedimentos que podem ser importantes para a experiência dos visitantes, como: coletar informações previamente sobre o grupo, visitas com pequenos grupos, realizar descrições ao longo da visita, proporcionar experiências táteis (e também que explorem outros sentidos) e separar momentos para exploração do espaço de forma autônoma.

Lembra-se que mesmo entre as pessoas com deficiência visual há distinções entre aquelas que possuem cegueira e baixa visão. No caso da utilização de recursos para exploração tátil, pode ser útil para pessoas cegas, com baixa visão, para pessoas com outras deficiências e sem deficiência, a depender dos interesses de cada indivíduo. Especificamente no que diz respeito às pessoas com deficiência visual, uma das participantes da pesquisa indicou que nem sempre as pessoas com resíduo visual querem tocar nos objetos disponibilizados e há de se respeitar essa decisão do visitante. Esta pesquisa entende que é essencial ter os mais distintos recursos possíveis que atendam às demandas dos visitantes com deficiência visual, mas a escolha por utilizar um recurso ou outro cabe à cada pessoa.

O estudo identificou que as três dimensões da acessibilidade perpassam os contextos compreendidos pelo Modelo Contextual de Aprendizagem (Falk & Dierking, 2000) - pessoal, sociocultural e físico - na medida em que serão determinantes para a experiência dos visitantes - no caso aqui apresentado, dos visitantes com deficiência visual - e, conseqüentemente, para a sua fruição cultural no espaço do museu. Portanto, pode-se dizer que a acessibilidade é um caminho para uma sociedade inclusiva e os museus fazem parte desse processo, sobretudo porque todas as pessoas têm direito à cultura em igualdade de condições.

A presente investigação apresenta algumas limitações, visto que estrutura os indicadores para potencializar a fruição cultural das pessoas com deficiência visual em museus a partir da realidade de quatro instituições. Ainda que também tenha sido pautado na literatura, a quantidade de instituições pode ser considerada baixa e difícil para se tomar como base para definir de forma fechada os indicadores. No entanto, o objetivo não é apresentar um quadro de referências que seja fechado e um fim em si mesmo, mas sim um orientador para as instituições que queiram ter um ponto de partida.

Aproveita-se para esclarecer que é sempre importante considerar que aqui foi feito um recorte na deficiência visual para que se tornasse viável sua concretização. Também para que fossem evidenciadas demandas específicas dos sujeitos em questão a fim de aprofundar o tema, e não com o intuito de uma abordagem excludente. Então, recomenda-se seu uso não de forma segmentada, mas como parte integrante de um programa de acessibilidade institucional.

Distintos autores indicam a relevância da participação de pessoas com deficiência visual nos processos que lhes dizem respeito, bem como respeitando seu "lugar de fala". Assim, outra limitação desta pesquisa foi não ter contado com a participação de pessoas com deficiência visual. Inicialmente, haveria coleta de dados junto a esses sujeitos; no entanto, devido à pandemia, o recorte do estudo foi reduzido à percepção dos profissionais das instituições. Assim, recomenda-se que estudos futuros acerca dessa temática realizem entrevistas com visitantes com deficiência visual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aidar, G. (2019). Acessibilidade em museus: ideias e práticas em construção. *Revista Docência e Cibercultura*, 3(2), pp. 155-175.
- Almeida, M., Carijó, F., & Kastrup, V. (2010, jan/abr). Por uma estética tátil: sobre a adaptação de obras de artes plásticas para deficientes visuais. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22, n.1, 85-100. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v22n1/v22n1a07.pdf>
- Almeida, A. M. (2004). Os visitantes do Museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. *Anais do Museu Paulista*, v. 12, pp. 269-306, São Paulo.
- Almeida, A. M. (2005). O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, v.12, pp. 31-53, Rio de Janeiro.
- Alves, D. A. (2017). *Tecnologia assistiva e inclusão: a construção da consciência espacial-cidadã de deficientes visuais* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba.
- Alves, C., & Moraes, M. (2018, Julho/ Setembro). Entre histórias e mediações: um caminho para acessibilidade estética em espaços culturais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 3, pp. 584-594. Recuperado em 07 de julho de 2020 de <https://www.scielo.br/j/pcp/a/kySF7BcdkSQ4dMpNV7cw6Hb/?lang=pt>
- Amiralian, M. L. T. M. (2004). Sou Cego ou Enxergo?: as questões da baixa visão. *Educar em Revista*, (23), 15-28. Recuperado em 09 de junho de 2021 de <https://www.scielo.br/j/er/a/zrbZkRsyxJTVdv4BgXP8zVw/?format=pdf&lang=pt>
- Amorim, A., Paraguay, A., Barbosa, E., Spelta, L., Martinelli, M., Bersch, R., Filho, G. (2009). Comissão Temática 1 - Conceituação e Estudos de Normas. In Comitê de Ajudas Técnicas. *Tecnologia Assistiva*. Brasília: Corde.
- Andrade, C. C. (2012). A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. *Griot: revista de filosofia*, 6(2), 98-121. Recuperado em 09 de julho de 2021 de <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5766/576665111009/576665111009.pdf>

Assis, E. (2012). *Acessibilidade nos bens culturais imóveis: possibilidades e limites nos museus e centros culturais* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo.

Associação Brasileira de Normas Técnicas (2020). NBR 9050: *Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro: ABNT.

Ballesteros, S. (1994, Junho). Percepción de propiedades de los objetos a través del tacto. *Integración: Revista sobre ceguera y deficiencia visual*, n. 15, pp. 28-37.

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70

Barqueiro, R. R. M.; Barqueiro, A. C. (2010). Inclusão da pessoa com deficiência visual no mercado de trabalho. In Sampaio, M., Haddad, M., Costa Filho, H., & Siaulys, M. *Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão*. Rio de Janeiro: Cultura Médica/Guanabara Koogan, pp. 481-494.

Bavcar, E. (2001). A luz e o cego. *Benjamin Constant*, (19). Recuperado em 02 de junho de 2021 de [http://www.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin\\_constant/2001/edicao-19-agosto/Nossos\\_Meios\\_RBC\\_RevAgo2001\\_Relato.pdf](http://www.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2001/edicao-19-agosto/Nossos_Meios_RBC_RevAgo2001_Relato.pdf)[http://www.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin\\_constant/2001/edicao-19-agosto/Nossos\\_Meios\\_RBC\\_RevAgo2001\\_Relato.pdf](http://www.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2001/edicao-19-agosto/Nossos_Meios_RBC_RevAgo2001_Relato.pdf)

Bersch, R. (2017). *Introdução à Tecnologia Assistiva*. Porto Alegre: Assistiva/ Tecnologia e Educação.

Bourdieu, P., & Darbel, A. (2007). *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público* (2. ed). São Paulo: EDUSP.

Câmara Municipal da Batalha (2012, Janeiro). *Museu da Comunidade Concelhia da Batalha - Regulamento Interno*. Recuperado em 20 de agosto de 2019 de [http://www.museubatalha.com/pic/extra/Anexo\\_12\\_REGULAMENTO\\_INTERNO\\_MCCB\\_566d5418c2411.pdf](http://www.museubatalha.com/pic/extra/Anexo_12_REGULAMENTO_INTERNO_MCCB_566d5418c2411.pdf)

Cambiaghi, S. (2018). *Desenho Universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas* (3ª ed. revista). São Paulo: Editora SENAC São Paulo.

Candlin, F. (2004). Don't touch! Hands off! Art, blindness and the conservation of expertise. *Body and Society*, vol. 10 (1), pp. 71-90.

Cardoso, E., & da Silva, T. L. K. (2017, June). Design para experiência multissensorial em museus: fruição de objetos culturais por pessoas com deficiência visual. In *Livro de Atas da 4ª Conferência Internacional para a Inclusão*, pp. 30-40. Recuperado em 05 de março de 2019 de [https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2590/1/V2\\_Livro%20de%20Atas%20da%204%C2%AA%20Confer%C3%Aancia%20Internacional%20para%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf#page=38](https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2590/1/V2_Livro%20de%20Atas%20da%204%C2%AA%20Confer%C3%Aancia%20Internacional%20para%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf#page=38)

Cardoso, E., & Silva, T. L. K. D. (2019). Diretrizes para o desenvolvimento de recursos táteis e sonoros em museus. *Blucher Design Proceedings*. Blucher. Recuperado em 12 de abril de 2020 de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/195063/001092672.pdf?sequence=1>

Carreño, F. (2004). *Curso de Museología*. Gijón: Ediciones Trea, S. L.

Carvalho, G. S., & Silva, C. G. (2016). Práticas Culturais Acessíveis-Memorial Da Inclusão: Os Caminhos da Pessoa Com Deficiência. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 12, 156-162.

Centro de Reabilitação Profissional de Gaia e Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (2007). *Mais Qualidade de Vida para as Pessoas com Deficiência e Incapacidades - Uma Estratégia para Portugal*. Vila Nova de Gaia: CRPG.

Chagas, M., & Gouveia, I. (2014). Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). *Cadernos do CEOM*, 27(41), 9-22

Chiovatto, M. (2016). Multiplicando ações educativas. In G. Aidar; M. Chiovatto; & D. R. Amaro. *Entre a ação cultural e a social: museu e educadores em formação*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 16-24

Chiovatto, M., Aidar, G. (2015). Pensar a educação inclusiva em museus a partir das experiências da Pinacoteca de São Paulo. *Museologia e Interdisciplinaridade*. Vol 2(6), 135–148, março/abril, Brasília.

Cohen, R., Duarte, C., & Brasileiro, A. (2012). *Acessibilidade a Museus* (Cadernos Museológicos Vol. 2). Brasília, DF: MinC/ Ibram.

Comitê de Ajudas Técnicas. (2009). *Tecnologia Assistiva*. Brasília: CORDE.

Costa, A., Castro, A., Studart, D., Dahmouche, M., & Cruz, W. (2021, Março). Pessoas com deficiência em museus de ciência: perfil e opinião dos visitantes espontâneos. *Interfaces*

*Científicas - Humanas E Sociais*, v. 9, n. 1, p. 55-72. Recuperado em 08 de agosto de 2021 de <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/47653>.

Couto, A., & Oliveira, L. A. G. D. (2016). As principais causas de cegueira e baixa visão em escola para deficientes visuais. *Revista Brasileira de Oftalmologia*, 75, 26-29

Cury, M. X. (2005). Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, v.12, pp. 365-80, Rio de Janeiro.

Desvallées, A., & Mairesse, F. (Eds.). (2013). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.

Diniz, D., Medeiros, M., & Squinca, F. (2007). Reflexões sobre a versão em Português da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 23, 2507-2510.

Dorneles, P., Carvalho, C., Silva, A., & Mefano, V. (2018, Junho). Do direito cultural das pessoas com deficiência. *Revista de Políticas Públicas*, v. 22, n. 1, pp. 137-154. Recuperado em 12 de maio de 2020 de <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/9225>

Falk, J., & Dierking, L. (2000). *Learning from museums: visitor experiences and the making of meaning*. Maryland: Altamira Press.

Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas de investigação em educação. *Noesis* (18). Recuperado a 19 de abril de 2019 de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi2/Fernandes.pdf>

Ferroni, M. C. C., & Gasparetto, M. E. R. F. (2012). Escolares com baixa visão: Percepção sobre as dificuldades visuais, opinião sobre as relações com comunidade escolar e o uso de Tecnologia Assistiva nas atividades cotidianas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, 18(2), 301-318

Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência

Fundação Dorina Nowill para Cegos (2021). *O que é deficiência?*. Recuperado em 10 de maio de 2021 de <https://fundacaodorina.org.br/a-fundacao/pessoas-cegas-e-com-baixa-visao/o->

que-e-deficiencia/?gclid=Cj0KCCQiA-  
eeMBhCpARIsAAZfxZB4HNhotuaV0mTZ1OBZ3WecvpidVrN0HUOd61Y1ngvHqBFMggRGRJAaAj  
5wEALw\_wcB

Fundação Dorina Nowill para Cegos (2021). Centro de Memória. Recuperado em 10 de agosto de 2021 de <http://fundacaodorina.org.br/a-fundacao/centro-de-memoria/>

Gasparetto, M. E. R. F., Montilha, R. D. C. I., de Paula Arruda, S. M. C., Sperque, J., de Azevedo, T. L., & de Souza Nobre, M. I. R. (2012, Julho/ Dezembro). Utilização de recursos de tecnologia assistiva por escolares com deficiência visual. *Informática na educação: teoria & prática*, 15(2).

Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7ed. São Paulo: Atlas.

Giraudy, D., & Bouilhet, H. (1990). *O museu e a vida*. Belo Horizonte: UFMG.

Hamraie, A. (2017). *Building access: universal design and the politics of disability*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Hernández, F. (2006). *Planteamientos teóricos de la museología*. Gijón: Ediciones Trea, S. L.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE (2018). *Nota Técnica 01: Releitura dos dados das pessoas com deficiência no Censo Demográfico 2010 à luz das recomendações do Grupo de Washington*. Recuperado em 21 de junho de 2021 de [https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/metodologia/notas\\_tecnicas/nota\\_tecnica\\_2018\\_01\\_censo2010.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/metodologia/notas_tecnicas/nota_tecnica_2018_01_censo2010.pdf)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE (2010). *Censo Demográfico 2010*. Recuperado em 10 de maio de 2019 de [https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia\\_tab\\_pdf.sht](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.sht)

Instituto Brasileiro de Museus - Ibram (2011). *Museus em Números - Ibram / MinC*. Recuperado em 10 de fevereiro de 2019 de [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus\\_em\\_numeros\\_volume1.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf)

Julião, L. (2006). Apontamentos sobre a história do museu. In *Caderno de Diretrizes Museológicas* (2. ed.). Brasília: MinC/ IPHAN/ DEMU; Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus.

Kastrup, V. (2010). Atualizando virtualidades: construindo a articulação entre arte e deficiência visual. In Moraes, M. e Kastrup, V. (Orgs.). *Exercícios de ver e de não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual*, pp. 32-46. Rio de Janeiro: Nau Editora.

Kastrup (2015). O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Vol. 8, n. 3, pp. 69-85. Recuperado em 10 de março de 2019 de <http://tragica.org/artigos/v8n3/kastrup.pdf>

Kastrup, V., Carijó, F., & Almeida, M. (2009, Julho/ Dezembro). A Abordagem da Enação no Campo da Deficiência Visual. *Informática na Educação: teoria & prática*, v. 12, n. 2, pp. 114-122. Recuperado em 21 de março de 2021 de <https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/9605>

Lima, D. F. C., & Berquó, A. F. (2012). Museu através do toque: a inclusão social da pessoa com deficiência visual. *Benjamin Constant*, (51).

Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009. *Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências*. Recuperado em 12 de fevereiro de 2019 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)BRASIL.

Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015 (2015). *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Recuperado em 12 de fevereiro de 2019 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)

Manzini, E. J. (2005). Tecnologia assistiva para educação: recursos pedagógicos adaptados. In *Ensaio pedagógicos: construindo escolas inclusivas*. Brasília: SEESP/MEC, pp. 82- 86.

Martins, P. R. (2011) *Museus e Públicos com Deficiência Visual: Um Estudo de Caso no Centro de Arte Moderna em Lisboa*. Disponível no repositório online da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes. Recuperado em 20 de fevereiro de 2019 de <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10387.pdf>

Martins, P. R. (2013). A inclusão social tem influência nas práticas museais? O acesso dos públicos com deficiência. *Midas*. Recuperado em 07 de março de 2019 de <https://journals.openedition.org/midas/246>.

Martins, P. R. (2017). *Museus (In)Capacitantes: Deficiência, Acessibilidades e Inclusão em Museus de Arte* (Coleção Estudos de Museus Vol. 7). Casal de Cambra: Caleidoscópio e Direção-Geral do Património Cultural.

Martins, P. R., & Semedo, A. (2017). *Deficiência e exclusão social: o papel da representação no contexto dos museus*. Recuperado em 17 de junho de 2021 de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/110432>

Massarani, L., Almeida, C., Amorim, L., Brito, F., Ferreira, J., Martins, S., ... (Orgs.) (2015). *Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz - COC. Recuperado em 01 de agosto de 2021 de [http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes\\_Educacao/PDFs/GuiaAmericaLatinaPortugues.pdf](http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/GuiaAmericaLatinaPortugues.pdf)

Mattos, M., Machado, S., Vieira, C., Braz, R., & Lione, V. (2019, Out/ Dez). (Re)Pensando a acessibilidade em ambientes culturais para pessoas com deficiência visual e transtorno do espectro autista. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, vol. 15, n. 4, pp. 177-200. Recuperado em 17 de julho de 2021 de <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/13336>

Mazzotta, M. (2011). *Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas* (6. ed). São Paulo: Editora Cortez.

Mello, H.; & Machado, S. (2017). A formação histórica da educação para cegos no Brasil: uma análise contextualizada das leis do Império à República. *Anais do Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão, Porto Alegre, RS, Brasil*. <https://editora.pucrs.br/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-1/completo-2.pdf>

Michaelis, D. (2021). *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. Recuperado em 05 de agosto de 2021 de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/acessibilidade/>

Ministério da Saúde (2008). Portaria de nº 3.128, de 24 de dezembro de 2008. *Define redes estaduais de atenção aos portadores de deficiência visual compostas por ações básicas e serviços de reabilitação visual*. Recuperado em 02 de fevereiro de 2021 de [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt3128\\_24\\_12\\_2008.html](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt3128_24_12_2008.html)

Moderno, A.L.S. (2016). *Família no Museu: uma intervenção através do teatro no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha* (Relatório de Projeto/ Mestrado). Instituto Politécnico de Leiria.

Moreira, M. A. (2004). A epistemologia de Maturana. *Ciência & Educação (Bauru)*, 10, 597-606. Recuperado em 10 de julho de 2021 de <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/tp7frtJVnSrVKnfM4gCYVQq/?lang=pt&format=pdf>

Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB) (2021). *Exposição Permanente - Passado*. Recuperado em 07 de julho de 2021 de <http://www.museubatalha.com/pt/exposicao-permanente-exposicao-permanente-passado>

Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB) (2021). *Exposição Permanente - Presente*. Recuperado em 07 de julho de 2021 de <http://www.museubatalha.com/pt/exposicao-permanente-exposicao-permanente-presente->

Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB) (2021). *Exposição Permanente - Futuro*. Recuperado em 07 de julho de 2021 de <http://www.museubatalha.com/pt/exposicao-permanente-exposicao-permanente-futuro>

Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB) (2021). *Serviço Educativo*. Recuperado em 07 de julho de 2021 de <http://www.museubatalha.com/pt/servico-educativo>

Negreiros, D. (2017). *Potenciar a acessibilidade cultural em ambientes culturais: um estudo exploratório em museus* (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Leiria. Recuperado em 05 de março de 2019 de [https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2914/1/07\\_Dilma\\_Negreiros\\_novembro\\_2017.pdf](https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2914/1/07_Dilma_Negreiros_novembro_2017.pdf)

Nowill, D. (2009). 62 anos de inclusão do deficiente visual. *Comunicação & Educação*, 14(1), 99-106.

Oliveira, M. (2015). *Cultura e inclusão na educação em museus: processos de formação em mediação para educadores surdos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo.

Oliver, M., & Barnes, C. (2010) Disability studies, disabled people and the struggle for inclusion, *British Journal of Sociology of Education*, 31(5), 547-560

Organização Mundial da Saúde (2004). *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*. Direcção Geral da Saúde: Lisboa. Recuperado em 01 de julho de 2021 de

<https://www.dgs.pt/estatisticas-de-saude/documentos-para-download/classificacao-internacional-de-funcionalidade-incapacidade-e-saude-cif-pdf.aspx>

Organização das Nações Unidas (1948). *Declaração Internacional de Direitos Humanos*, proclamada pela Assembleia Geral ONU em 10 de dezembro de 1948

Organização das Nações Unidas (2006). *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, aprovada pela Assembléia Geral da ONU em dezembro de 2006.

Pinacoteca do Estado de São Paulo (PINA) (2021). *Sobre a Pinacoteca*. Recuperado em 07 de julho de 2021 de <http://pinacoteca.org.br/a-pina/7200-2/>

Primo, J. (1999). Museologia e Patrimônio: documentos fundamentais. *Cadernos de Sociomuseologia*, 15(15). Portugal: ULHT.

Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento.

Rocha, J., Massarani, L., Abreu, W., Ferreira, F., Gonçalves, J., Inacio, L., ... (Orgs.) (2017). *Guia de museus e centros de ciências acessíveis da América Latina e do Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz - COC. Recuperado em 12 de agosto de 2021 de [https://grupomccac.org/wp-content/uploads/2017/12/GUIA-PT-Final\\_sem-audiodescri%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://grupomccac.org/wp-content/uploads/2017/12/GUIA-PT-Final_sem-audiodescri%C3%A7%C3%A3o.pdf)

Romero, R., & Souza, S. (2008). Educação Inclusiva: alguns marcos históricos que produziram a educação atual. In *Anais do Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*.

Sá, E. D., Campos, I. M., & Silva, M. B. C. (2007). *Atendimento educacional especializado: deficiência visual*. Brasília: SEESP/ SEED/ MEC. Recuperado em 10 de outubro de 2020 de [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae\\_dv.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dv.pdf)

Salasar, D. N. (2019). *Um museu para todos: manual para programa de acessibilidade*. Pelotas: Ed. UFPel

Salasar, D. N. (2020). *Patrimônio para todos e as políticas culturais no Brasil: os museus federais sob os princípios do Desenho Universal* (Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas.

Santos, M. C. T. M. (2002). Reflexões museológicas: caminhos de vida. *Cadernos de Sociomuseologia*, 18(18). Portugal: ULHT.

Santos, F. L. (2018). Histórias da deficiência: do modelo médico ao modelo biopsicossocial - concepções, limites e possibilidades. In *Anais eletrônicos - XVI Encontro Regional de História -*

*Temas de Transição*. Ponta Grossa: ANPUH PR. Recuperado em 20 de agosto de 2021 de <http://www.encontro2018.pr.anpuh.org/arquivo/>

Santos, A.C.C. (2020). *A fruição cultural de pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (DID) que frequentam instituições de apoio* (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Leiria.

Sarraf, V. P. (2018). Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência: benefícios para todos. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, 6, 23-43. Recuperado em 10 de maio de 2021 de <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/d1209a56/acb3/4bc1/92cc/183d6c085449.pdf>.

Sassaki, Romeu Kazumi mar.-abr. 2002 Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. *Revista Nacional de Reabilitação*, São Paulo, v.5, n.25, p.5-14. Recuperado em 10 de janeiro de 2019 de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000104&pid=S0104-5970200700010000600020&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000104&pid=S0104-5970200700010000600020&lng=pt)

Sassaki, R. (2009, março - abril). Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, São Paulo, Ano XII, pp. 10-16. Recuperado em 6 de março de 2019 de [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI\\_-\\_Acessibilidade.pdf?1473203319](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319)

Sassaki, R. (2019). *As sete dimensões da acessibilidade*. São Paulo: Larvatus Prodeo.

Scatolim, R. L., Santos, J. E. G., Cruz Landim, P., Toledo, T. G., Fermino, S. C. M., Cardozo, D., ... & Sanches, R. S. (2016). Legislação e tecnologias assistivas: aspectos que asseguram a acessibilidade das pessoas com deficiências. *InFor*, 2(1), 227-248.

Silva, C. M. D.(2006). Inclusão: dos limites às possibilidades. In: ROTH, Berenice Weissheimer. *Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.

Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM SP) (2021). *Memorial da Inclusão: os caminhos das pessoas com deficiência*. Recuperado em 20 de agosto de 2021 de <https://www.sisemsp.org.br/banco-de-exposicoes/memorial-da-inclusao-os-caminhos-da-pessoa-com-deficiencia/>

Soares, A. T. C. (2018). *Percepção dos estudantes com deficiência visual sobre o não ver e o aprender na escola inclusiva*. Recuperado em 10 de novembro de 2020 de <https://repositoral.cuaed.unam.mx:8443/xmlui/handle/20.500.12579/5184>

Sousa, J. B. (2004). *Aspectos comunicativos da percepção tátil: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Suano, M. (1986). *O que é museu* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Editora brasiliense.

Tojal, A. P. (2007). *Políticas Públicas de Inclusão de Públicos Especiais em Museus* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. Recuperado em 21 de fevereiro de 2020 de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/pt-br.php>

Tur4All (2021). *Museu da Comunidade Concelhia da Batalha*. Recuperado em 07 de julho de 2021 de <https://www.tur4all.com/resources/museu-da-comunidade-concelhia-da-batalha>

Vasconcellos, C. (2006). *Turismo e museus* (Coleção ABC do turismo). São Paulo: Aleph.

Veitzman, S. (2000). *Visão Subnormal* (1. ed.). Rio de Janeiro: Cultural Médica.

Vigentim, U. (2014). *Tecnologia Assistiva: analisando espaços de acessibilidade às pessoas com deficiência visual em universidades públicas* (Dissertação de Mestrado)– Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

World Health Organization. (2001). *International classification of functioning, disability and health*. Geneva: World Health Organization. Recuperado em 01 de julho de 2021 de <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42407/9241545429.pdf?sequence=1>

World Health Organization. (2019). *World report on vision*. Recuperado em 20 de junho de 2021 de <https://www.who.int/publications/i/item/9789241516570>

## **ANEXOS**

# ANEXO 1 - FICHA DIAGNÓSTICO APLICADA ÀS INSTITUIÇÕES



## FICHA DIAGNÓSTICO / INSTITUIÇÕES

Este instrumento de coleta de dados possui fins acadêmicos para a pesquisa de dissertação de mestrado sobre a fruição de pessoas com deficiência visual em museus. Foi elaborado por Valéria Regina Abdalla Farias e orientado pelas Professoras Doutoras Jenny Sousa e Carla Freire, do Mestrado de Comunicação Acessível, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria (Portugal). Ao final do documento, estão as orientações para o preenchimento da ficha.

Devido à pandemia do novo coronavírus (Covid-19), não será possível a realização de visita técnica para observação do espaço. Assim, peço a colaboração de um(a) profissional da instituição para o preenchimento desta ficha diagnóstico.

### Orientações para o preenchimento:

- Para as respostas positivas, marque “sim”.
- Para as respostas negativas, marque “não” (por exemplo: há material audiovisual na instituição, mas não há audiodescrição).
- Quando o item não se aplicar à realidade da instituição, marque “não se aplica” (por exemplo: se não há material audiovisual no espaço, não há como ter “letras ampliadas”, então marca-se “não se aplica” e não a opção “não”).
- Caso o(a) profissional não tenha resposta sobre algum item da ficha, pode marcar a opção “sem possibilidade de resposta”.
- É possível complementar informações no campo “comentários adicionais”.
- Se tiver dúvida, por favor entre em contato com a mestranda por e-mail ([valeria.abdalla5@gmail.com](mailto:valeria.abdalla5@gmail.com)) ou por telefone/Whatsapp (21 982378966).

Muito obrigada.

Nome da Instituição:  
 Nome do(a) profissional:  
 Data:

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Circulação nos espaços	Piso tátil					
	Espaço para circulação entre objetos, bases e painéis					
	Áreas de descanso (bancos, cadeiras)					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Sinalização dos espaços (áreas de circulação, espaços expositivos e outras áreas de acesso público)	Braille					
	letras ampliadas e contrastantes					
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)					

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Informações gerais na recepção	Braille					
	letras ampliadas e contrastantes					
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Apresentação dos objetos na exposição	Objetos em ambientes iluminados					
	Altura das bases/vitrines permite alcance visual					
	Altura das bases permite alcance manual (toque)					
	Inclinação das bases facilita o toque					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Folhetos	Braille					

(folder geral, temáticos etc.)	letras ampliadas e contrastantes					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Outros materiais/publicações disponíveis	Braille					QUAIS?
	letras ampliadas e contrastantes					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Textos de exposição	Braille					
	letras ampliadas e contrastantes					
	localização da informação em altura adequada (alcance visual ou manual)					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Legendas de exposição	Braille					
	letras ampliadas e contrastantes					
	localização da informação em altura adequada					

	(alcance visual ou manual)					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Recursos multissensoriais	Maquete tátil do edifício					
	Mapas táteis dos espaços					
	Obras originais para toque					
	Reproduções tridimensionais do acervo					
	Relevos táteis					
	Recursos olfativos					
	Recursos sonoros					
	Jogos multissensoriais disponíveis em áreas de acesso do público					
	Outros recursos não mencionados acima					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Audioguia	Audiodescrição					

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Equipamentos interativos	Letras ampliadas					QUAIS?
	Alto-contraste (texto e imagens)					
	Leitor de tela					
	Audiodescrição					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Material audiovisual	Letras ampliadas					
	Alto-contraste (texto e imagens)					
	Audiodescrição					

## **ANEXO 2 - GUIÃO DE ENTREVISTA (MUSEU DE PORTUGAL)**

### **Bloco 1: Dados gerais**

1. Nome completo
2. Formação
3. Setor
4. Função
5. Atuou no processo de criação do Museu desde o início?  
Já havia atuado antes na área de museus/ acessibilidade, especialmente em relação às pessoas com DV?

### **Bloco 2: Processo de criação do museu**

1. Como surgiu a ideia de criação do MCCB? E a proposta de ser um museu inclusivo/ um “Museu de Todos”? Quais os principais objetivos?
2. A equipe do projeto passou por alguma formação para conhecer um pouco mais sobre necessidades de pessoas com DV?
3. O projeto teve participação/ consultoria de pessoas com deficiência visual?
4. Quais foram os maiores desafios ao longo do projeto no âmbito da acessibilidade para pessoas com DV?

### **Bloco 2: Planejamento da acessibilidade**

1. Com que frequência recebe visita de pessoas com DV? Recebe mais grupos agendados ou de forma espontânea? E de onde são os grupos?
2. Há desenvolvimento de parceria com instituições que atendem pessoas com DV? Poderia destacar alguns exemplos?
3. O MCCB costuma consultar pessoas com deficiência visual para desenvolver projetos e ações?
4. Como o MCCB divulga seus serviços junto às pessoas com deficiência, especialmente pessoas com DV?
5. Acredita que a equipe está preparada para receber pessoas com deficiência visual?

### **Bloco 3: As pessoas com deficiência visual no espaço**

1. Já contaram com pessoas com DV na equipa? O MCCB pensa em ter pessoas com deficiência na equipa?
2. Há recursos e propostas educativas pensadas nas pessoas com deficiência visual?

### **Bloco 4: Pesquisas junto ao público**

1. O MCCB já fez avaliação da acessibilidade da exposição?
2. Como o MCCB costuma ter feedback dos visitantes com DV? Realiza pesquisa junto ao público?
3. A partir das experiências de visita no MCCB, o que considera que as pessoas com DV mais aproveitam ao longo da visita à exposição? Que recursos destacaria?
4. A partir da sua experiência, o que considera que deve ser mantido e o que considera que deve ser modificado em algum momento, em relação à acessibilidade da exposição do MCCB?
5. Acredita que poderia ter mais visitas de pessoas com deficiência visual?
6. Destaca alguma experiência marcante de alguma visita com pessoas com DV?

## **ANEXO 3 - GUIÃO DE ENTREVISTA (MUSEUS DO BRASIL)**

### **COLETA DE DADOS PROFISSIONAIS DAS INSTITUIÇÕES**

Este instrumento de coleta de dados possui fins acadêmicos para a pesquisa de dissertação de mestrado sobre a fruição de pessoas com deficiência visual em museus. Foi elaborado por Valéria Regina Abdalla Farias e orientado pelas Professoras Doutoras Jenny Sousa e Carla Freire, do Mestrado de Comunicação Acessível, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria (Portugal).

#### **Bloco 1: Dados gerais**

1. Nome completo
2. Formação
3. Setor
4. Função
5. Data:

#### **Bloco 2: Planejamento da acessibilidade**

1. O museu recebe pessoas com deficiência visual com frequência?
2. Quando a instituição desenvolve novas ações para o público, leva em consideração as demandas das pessoas com deficiência visual? Poderia explicar um pouco?
3. O museu realiza parcerias para desenvolver projetos e ações voltados para pessoas com deficiência visual? Em caso positivo, poderia citar exemplos?
4. A instituição consulta pessoas com deficiência visual quando planeja ações acessíveis?
5. Existe formação para as equipes sobre atendimento de pessoas com deficiência visual? Como é realizada?

#### **Bloco 3: As pessoas com deficiência visual no espaço**

1. A equipe da instituição conta com pessoas com deficiência visual no atendimento ao público, seja na recepção ou na equipe de educação? Se sim, elas costumam atender o público com deficiência visual?
2. Existe algum procedimento específico para o atendimento de pessoas com deficiência visual?
3. O que o museu oferece para as pessoas com deficiência visual (recursos, ações etc.)?

#### **Bloco 4: Pesquisas junto ao público**

1. Existe algum tipo de avaliação sobre experiências dos visitantes, recursos acessíveis, atendimento e ações diversas realizadas junto às pessoas com deficiência visual?
2. Em caso positivo, o que as pessoas apontam como mais e menos significativo na instituição?
3. A partir de sua experiência junto ao público, o que destaca como sendo significativo para a experiência/ fruição cultural das pessoas com deficiência visual no museu? E o que é menos aproveitado pelas pessoas?

**Muito obrigada!**

**Sua participação contribuirá significativamente para a pesquisa.**

## ANEXO 4 - FICHA DIAGNÓSTICO: MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA

Dados coletados durante o estágio no MCCB, em junho de 2019

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SI M	N Ã O	NÃ O SE APLI CA	SEM POSSIBILIDA DE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Circulação nos espaços	Piso tátil	x				<p>Utiliza trilhos e marcas de direcionamento no chão (e não piso tátil).</p> <p>Trilhos de direcionamento no chão para pessoas com deficiência visual – de inox, pintados na cor do piso.</p> <p>Marcas de direcionamento no chão para pessoas com deficiência visual: círculo – de plástico e da cor do piso - representa que há informação no audioguia e triângulo - de metal e da cor do piso - representa que o item está disponível para experiência tátil.</p>
	Espaço para circulação entre objetos, bases e painéis	x				
	Áreas de descanso (bancos, cadeiras)	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SI M	N Ã O	NÃ O SE APLI CA	SEM POSSIBILIDA DE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Sinalização dos espaços (áreas de circulação, espaços expositivos e outras áreas de acesso público)	Braille	x				<p>Placa de sinalização, levemente inclinada, com informações básicas do Museu em português, espanhol e inglês em tinta. Em braille, o nome do Museu, nas três línguas. A placa também possui QR Code que apresenta as mesmas informações.</p> <p>Placa fixada na parede (sem inclinação), com altura em torno de 1,50m, com o nome da instituição, horário e dias de funcionamento, em tinta e braille (apenas português).</p>
	letras ampliadas e contrastantes	x				
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SI M	N Ã O	NÃ O SE	SEM POSSIBILIDA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS

				APLI CA	DE DE RESPOSTA	
Informações gerais na recepção	Braille	x				
	letras ampliadas e contrastantes	x				
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SI M</b>	<b>N Ã O</b>	<b>NÃ O SE APLI CA</b>	<b>SEM POSSIBILIDA DE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Apresentaçã o dos objetos na exposição	Objetos em ambientes iluminados	x				
	Altura das bases/ vitrines permite alcance visual	x				
	Altura das bases permite alcance manual (toque)	x				
	Inclinação das bases facilita o toque	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SI M</b>	<b>N Ã O</b>	<b>NÃ O SE APLI CA</b>	<b>SEM POSSIBILIDA DE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Folhetos (folder geral, temáticos etc.)	Braille		x			O Museu disponibiliza ao público um folheto em tinta sobre os seus recursos acessíveis, na recepção.
	letras ampliadas e contrastantes		x			
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SI M</b>	<b>N Ã O</b>	<b>NÃ O SE APLI CA</b>	<b>SEM POSSIBILIDA DE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Outros materiais/ publicações disponíveis	Braille			x		QUAIS?
	letras ampliadas e contrastantes			x		
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SI M</b>	<b>N Ã O</b>	<b>NÃ O SE APLI CA</b>	<b>SEM POSSIBILIDA DE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Textos de exposição	Braille		x			Não possui todos os textos da exposição, mas há, em braille e
	letras ampliadas e contrastantes	x				

	localização da informação em altura adequada (alcance visual ou manual)	x				fonte ampliada, dois cadernos com informações sobre fauna e flora da região (disponível em uma sala de exposição)
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SI M</b>	<b>N Ã O</b>	<b>NÃ O S E A P L I C A</b>	<b>S E M P O S S I B I L I D A D E D E R E S P O S T A</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Legendas de exposição	Braille	x				As peças para experiência tátil possuem legendas em braille (com informações básicas). Mais informações estão no audioguia.
	letras ampliadas e contrastantes	x				
	localização da informação em altura adequada (alcance visual ou manual)	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SI M</b>	<b>N Ã O</b>	<b>NÃ O S E A P L I C A</b>	<b>S E M P O S S I B I L I D A D E D E R E S P O S T A</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Recursos multissensoriais	Maquete tátil do edifício		x			
	Mapas táteis dos espaços	x				Planta-baixa tátil da exposição
	Obras originais para toque	x				
	Reproduções tridimensionais do acervo	x				
	Relevos táteis	X				
	Recursos olfativos		x			
	Recursos sonoros	x				Depoimentos no audioguia sobre os temas da exposição
	Jogos multissensoriais disponíveis em áreas de acesso do público	x				Os jogos multissensoriais são disponibilizados na sala de atividades educativas para grupos agendados.
	Outros recursos não mencionados acima					
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SI M</b>	<b>N Ã O</b>	<b>NÃ O S E A P L I C A</b>	<b>S E M P O S S I B I L I D A D E D E R E S P O S T A</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Audioguia	Audiodescrição	x				Audioguia com audiodescrição em português, que é acionado quando a pessoa aponta para o sensor

						(localizado no teto) e aperta o único botão existente no aparelho para acionar o áudio. Pode ser usado com ou sem fone de ouvido (auscultadores).
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SI M</b>	<b>N Ã O</b>	<b>NÃ O SE APLI CA</b>	<b>SEM POSSIBILIDA DE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Equipamento s interativos	Letras ampliadas	x				<b>QUAIS?</b> Há um posto multimídia para todos os visitantes, composto por dois computadores, com funções de ampliação, alto-contraste, e leitor de tela
	Alto-contraste (texto e imagens)	x				
	Leitor de tela	x				
	Audiodescrição		x			
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SI M</b>	<b>N Ã O</b>	<b>NÃ O SE APLI CA</b>	<b>SEM POSSIBILIDA DE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Material audiovisual	Letras ampliadas	x				Vídeos em alto contraste e com legendas em formato ampliado
	Alto-contraste (texto e imagens)	x				
	Audiodescrição		x			

Observação: Há um espaço com pote de água para cão-guia.

## ANEXO 5 - FICHA DIAGNÓSTICO: PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Circulação nos espaços	Piso tátil	x				O piso tátil está restrito somente a área que dá acesso a galeria tátil (saída do elevador até a Galeria Tátil e toda extensão da mesma.
	Espaço para circulação entre objetos, bases e painéis	x				
	Áreas de descanso (bancos, cadeiras)	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Sinalização dos espaços (áreas de circulação, espaços expositivos e outras áreas de acesso público)	Braille	x				O Braille na Galeria tátil está presente nas etiquetas que traz informações sobre as obras e também no mapa da Galeria Tátil  As etiquetas com informações técnicas das obras são com escrita em braille e letra ampliada, mas não estão em alto contraste
	letras ampliadas e contrastantes	x				
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Informações gerais na recepção	Braille			x		Na recepção do museu os visitantes com deficiência Visual que chegam ao museu espontaneamente recebem as informações sobre a galeria Tátil por meio de um audioguia que é entregue por um recepcionista treinado para passar essas informações a pessoas com deficiência.
	letras ampliadas e contrastantes					
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)					
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Apresentação dos objetos na exposição	Objetos em ambientes iluminados	x				

	Altura das bases/ vitrines permite alcance visual	x				
	Altura das bases permite alcance manual (toque)	x				
	Inclinação das bases facilita o toque			x		
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Folhetos (folder geral, temáticos etc.)	Braille	x				
	letras ampliadas e contrastantes	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Outros materiais/ publicações disponíveis	Braille	x				<b>QUAIS?</b>  O Museu disponibiliza a cada deficiente visual um catálogo em tinta e Braille com CD de áudio da Galeria Tátil, para que ele possa levar para casa e ampliar seus conhecimentos sobre a exposição; como também um Catálogo com a seleção de oito pinturas do acervo. O catalogo de Pintura Também está em sua versão em tinta e braile com CD de áudio.
	letras ampliadas e contrastantes	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Textos de exposição	Braille	x				Na entrada da Galeria Tátil ao lado do mapa tátil há um texto explicativo da exposição com versão de letra ampliada em tinta e braile.
	letras ampliadas e contrastantes	x				
	localização da informação em altura adequada (alcance visual ou manual)	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Legendas de exposição	Braille	x				
	letras ampliadas e contrastantes	x				

	localização da informação em altura adequada (alcance visual ou manual)	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Recursos multissensoriais	Maquete tátil do edifício	x				
	Mapas táteis dos espaços	x				
	Obras originais para toque	x				
	Reproduções tridimensionais do acervo	x				
	Relevos táteis	x				
	Recursos olfativos	x				
	Recursos sonoros	x				
	Jogos multissensoriais disponíveis em áreas de acesso do público				x	
Outros recursos não mencionados acima						
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Audioguia	Audiodescrição	x				O museu disponibiliza ao visitante com deficiência visual autônomo audioguia para visita da galeria Tátil
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Equipamentos interativos	Letras ampliadas		x			<b>QUAIS? Audioguia</b>
	Alto-contraste (texto e imagens)		x			
	Leitor de tela		x			
	Audiodescrição	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
	Letras ampliadas					

Material audiovisual	Alto-contraste (texto e imagens)					O museu disponibiliza audioguia ao visitante com deficiência visual e também catalogo em tinta e braile com CD de áudio.
	Audiodescrição	x				

## ANEXO 6 - FICHA DIAGNÓSTICO: CENTRO DE MEMÓRIA DORINA NOWILL

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Circulação nos espaços	Piso tátil	x				
	Espaço para circulação entre objetos, bases e painéis	x				
	Áreas de descanso (bancos, cadeiras)	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Sinalização dos espaços (áreas de circulação, espaços expositivos e outras áreas de acesso público)	Braille	x				
	letras ampliadas e contrastantes	x				
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Informações gerais na recepção	Braille			x		A recepção não é apenas do centro de memória e sim de toda a Fundação Dorina. A equipe que faz o controle do acesso é treinada para receber e chamar o responsável da visita.
	letras ampliadas e contrastantes			x		
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)	x				
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Apresentação dos objetos na exposição	Objetos em ambientes iluminados	x				O mobiliário da exposição foi desenhado dentro de normas de altura pensando no público em cadeira de rodas. Porém não é acessível para algumas crianças ou cadeiras muito baixas.
	Altura das bases/vitrines permite alcance visual	x				

	Altura das bases permite alcance manual (toque)	x				
	Inclinação das bases facilita o toque			x		
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Folhetos (folder geral, temáticos etc.)	Braille	x				
	letras ampliadas e contrastantes	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Outros materiais/publicações disponíveis	Braille	x				QUAIS? Textos de apoio dos módulos que compõem a exposição.
	letras ampliadas e contrastantes	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Textos de exposição	Braille		x			
	letras ampliadas e contrastantes	x				
	localização da informação em altura adequada (alcance visual ou manual)	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Legendas de exposição	Braille	x				
	letras ampliadas e contrastantes	x				
	localização da informação em altura adequada (alcance visual ou manual)	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
	Maquete tátil do edifício	x				

Recursos multissensoriais	Mapas táteis dos espaços		x			
	Obras originais para toque	x				
	Reproduções tridimensionais do acervo			x		
	Relevos táteis			x		
	Recursos olfativos	x				
	Recursos sonoros	x				
	Jogos multissensoriais disponíveis em áreas de acesso do público	x				
	Outros recursos não mencionados acima	x				Temos itens para realizações de pequenas atividades de sensibilização que são utilizadas pelo educador mediante trabalho de monitoria e mediação.
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE E DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Audioguia	Audiodescrição	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE E DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Equipamentos interativos	Letras ampliadas	x				<b>QUAIS?</b> Letras ampliadas e em alto-contraste em todas as legendas e textos. Audioguia da exposição e dos textos, um computador com leitor de tela que inclusive demonstra livros acessíveis com esse tipo de tecnologia.
	Alto-contraste (texto e imagens)	x				
	Leitor de tela	x				
	Audiodescrição	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE E DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Material audiovisual	Letras ampliadas	x				Existe um módulo na atual exposição que possui uma TV disponibilizada para assistir títulos específicos com audiodescrição. Existem também Totens com gravações de trechos com audiodescrição, exemplificando o recurso.
	Alto-contraste (texto e imagens)	x				
	Audiodescrição	x				

## ANEXO 7 - FICHA DIAGNÓSTICO: MUSEU DA INCLUSÃO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Circulação nos espaços	Piso tátil	x				
	Espaço para circulação entre objetos, bases e painéis		x			
	Áreas de descanso (bancos, cadeiras)		x			
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Sinalização dos espaços (áreas de circulação, espaços expositivos e outras áreas de acesso público)	Braille	X				
	letras ampliadas e contrastantes		X			
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)		X			
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Informações gerais na recepção	Braille	x				
	letras ampliadas e contrastantes		x			
	Localização da informação atende às demandas (alcance visual ou manual)		x			
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA	SEM POSSIBILIDAD E DE RESPOSTA	COMENTÁRIOS ADICIONAIS
Apresentação dos objetos na exposição	Objetos em ambientes iluminados		x			
	Altura das bases/vitrines permite alcance visual		x			
	Altura das bases permite alcance manual (toque)		x			

	Inclinação das bases facilita o toque		x			
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Folhetos (folder geral, temáticos etc.)	Braille			x		
	letras ampliadas e contrastantes	x				
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Outros materiais/publicações disponíveis	Braille	x				QUAIS?
	letras ampliadas e contrastantes		x			
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Textos de exposição	Braille	x				
	letras ampliadas e contrastantes		x			
	localização da informação em altura adequada (alcance visual ou manual)		x			
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Legendas de exposição	Braille		x			
	letras ampliadas e contrastantes		x			
	localização da informação em altura adequada (alcance visual ou manual)		x			
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Recursos multissensoriais	Maquete tátil do edifício	x				
	Mapas táteis dos espaços		x			

	Obras originais para toque		x			
	Reproduções tridimensionais do acervo		x			
	Relevos táteis		x			
	Recursos olfativos		x			
	Recursos sonoros	x				
	Jogos multissensoriais disponíveis em áreas de acesso do público		x			
	Outros recursos não mencionados acima			x		
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE E DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Audioguia	Audiodescrição		x			
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE E DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Equipamentos interativos	Letras ampliadas		x			QUAIS?
	Alto-contraste (texto e imagens)		x			
	Leitor de tela		x			
	Audiodescrição		x			
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>	<b>SEM POSSIBILIDADE E DE RESPOSTA</b>	<b>COMENTÁRIOS ADICIONAIS</b>
Material audiovisual	Letras ampliadas		x			
	Alto-contraste (texto e imagens)		x			
	Audiodescrição		x			

## **ANEXO 8 - ENTREVISTA: MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA**

**P: Qual seu nome completo, cargo/ função? Qual sua formação?**

R: Meu nome completo é Ana Luisa da Silva Moderno. A minha formação... Então, formei-me em Comunicação Cultural numa primeira fase, depois eu fiz especialização em Museologia e mais recentemente fiz mestrado em Intervenção e Animação Artísticas. O meu nome profissional no Museu é Conservadora do Museu, portanto no fundo acaba por abarcar várias áreas de atividade diária no Museu.

**P: Mas eu posso te caracterizar como a responsável do Museu?**

R: É assim: dentro do Museu seria a responsável. O Museu está sob a tutela do Município da Batalha, Museu da Comunidade Concelhia da Batalha e no organograma... está sob a dependência da Divisão da Cultura. Portanto hierarquicamente dentro do Município.

**P: Imagino que a resposta seja positiva, mas... A Ana atuou no processo de criação do Museu desde o seu início?**

R: Sim, praticamente desde os seus primeiros anos. Sim, sim.

**P: Antes da criação do Museu, já havia atuado antes na área de museus/ acessibilidade?**

R: Não, não. Primeira vez. Aprendizagem e experiência completa com este Museu.

**P: Poderia contar como surgiu a ideia de criação do MCCB? E a proposta de ser um museu inclusivo/ um “Museu de Todos”? Quais os principais objetivos?**

R: Primeiramente havia um objetivo de fazer um museu para a população, um museu de comunidade. Portanto não havia esta resposta em termos turísticos, culturais na Vila e no Concelho, que é um Concelho de longos períodos históricos, de uma carga histórica bastante grande, vai desde o período geológico, portanto havia ali uma necessidade. E a própria população também a referia. Tínhamos o Mosteiro da Batalha, que é um monumento que está inserido na lista do Patrimônio da Humanidade da Unesco, e que de facto atrai muita gente, muito turista anualmente à Batalha e à região, mas havia uma necessidade de dar... de complementar esta visita ao monumento e perceber quem é esta comunidade que cresceu, que nasceu à volta do Mosteiro e que foi produzindo cultura ao longo destes anos. E então criou-se, por iniciativa do Município, uma Comissão Instaladora do Museu, com vários

especialistas, incluindo especialistas na área da museologia e depois especialistas noutras áreas, como geologia, paleontologia, história, arte etc. Simultaneamente, auscultou-se a população, a comunidade, dentro das juntas de freguesia. Juntas de freguesia são pequenas organizações administrativas dentro do Concelho. Associações, pessoas a título individual, com o intuito de tentar perceber que tipo de museu é que nós poderíamos fazer e que temáticas é que deveriam ser essenciais de estarem incluídas neste museu, que no fundo é uma narrativa histórica sobre a Batalha desde as suas origens. Essa narrativa criou-se de uma forma muito participada e simultaneamente foram se angariando objetos, maioritariamente a título de empréstimo, vindos da própria comunidade, a população que nos emprestou os objetos, que tinha também, mas também de outros museus, a nível regional e a nível nacional também. A questão da acessibilidade, esta preocupação com inclusão... ela não vem logo, logo no início do projeto, portanto inicialmente o objetivo era de facto fazer-se um programa museológico e tratar dos conteúdos com esta equipe bastante multidisciplinar. A ideia vem depois, mais tarde, vem ao encontro de uma política autárquica, digamos assim, já também com preocupações a esse nível. Nomeadamente com a criação de um eco parque sensorial, o primeiro em Portugal, segundo na Europa, da Pia do Urso, que é uma localidade que fica região serrana do Concelho, com um percurso, um circuito sensorial, com várias estações sensoriais e pedagógicas, pensado particularmente para pessoas com deficiência visual, com alto relevos, com cheiros, com músicas, com braille etc. Portanto foi um projeto bastante inovador neste ponto de vista e veio em linha também com outras preocupações do Município, nomeadamente era a Vila acessível com rampas, com sinalética vertical, com equipamentos com braille públicos, digamos assim, na própria Câmara Municipal e, pensou-se, do ponto de vista político, pensou-se em criar, por que não fazemos também um museu que seja acessível e que seja inclusivo? Porque entretanto [de cor] o projeto de instalação do museu, enquanto se angariam os objetos, enquanto se faz esse trabalho de investigação, começa-se a tratar do processo da criação do equipamento, do espaço, um equipamento que já existia, era um antigo banco, uma instituição bancária e logo antes... aquando do desenvolvimento do museu, criou-se também uma... acrescentou-se a equipa especialistas na área da acessibilidade. E por isso mesmo, não sei se vai ao encontro das questões seguintes, mas por isso mesmo se contactou logo, em primeira mão, pessoas da ACAPO, pessoas do próprio IPL, no caso, o primeiro contato foi com a professora Josélia Neves, que também é investigadora nessa área e, a partir daí, fomos alargando este leque, envolvendo outras instituições desta área.

**P:É como se o projeto tivesse amadurecido no processo. Enfim, no sentido de amadurecer até pela temática da acessibilidade, pelo o que estava acontecendo no entorno, no Concelho, na região...**

R: Foi sempre com essa linha do amadurecimento. Sentia-se de facto essa necessidade, dar esta resposta, também até numa preocupação até do ponto de vista turístico, dentro da linha do turismo inclusivo, que neste momento ganha mais terreno, está mais consolidado, mas na altura ainda estava a dar os seus primeiros passos e de uma forma muito estratégica teve... fez sentido ser contemplado também no desenvolvimento do Museu.

**P: A equipe do projeto... vocês já contactaram pessoas da área de acessibilidade em determinado momento e, pelo que me respondeu também, teve a participação/ consultoria de pessoas de instituições envolvidas e de pessoas com deficiência, no caso, meu foco acaba sendo um pouco deficiência visual, mas se não for DV e quiseres falar do geral, mas se teve também essa participação, no processo, de pessoas com deficiência. Se puder destacar deficiência visual, agradeço.**

R: Teve, numa primeira fase um contato prévio com a ACAPO, antes de se começar a pensar nos recursos inclusivos a serem incluídos no programa museológico e a medida que já íamos começando a preparar o museu em termos de percurso expositivo, fomos contactando exatamente essas instituições, nomeadamente a ACAPO, que é Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal, com alguns especialistas também dentro da própria instituição, dentro da própria ACAPO, outros parceiros, também pessoas cegas, pessoas com baixa visão, que a título individual também nos acabaram por aconselhar até por outros programas que já nos tinham apoiado, nomeadamente com a biblioteca municipal, que também tem algumas soluções de equipamentos para leitura, para os leitores. E portanto essa validação foi importantíssima, sobretudo no que toca a escolha e posicionamento dos objetos para tocar, a escolha e posicionamento da barra tátil no chão, a mesma situação para as legendas em braille, a mesma situação para a informação a conter no audioguia, portanto aqui a especialista Josélia Neves foi importantíssima nesta fase por causa da audiodescrição, o mesmo se passa com a questão também dos textos a figurar nas paredes e também a figurar nos equipamentos multimedia, e portanto também temos que [contar] com pessoas com baixa visão nesse sentido. Portanto fomos melhorando a medida das suas indicações, das suas instruções. Mesmo após o próprio museu ter aberto ao público, continuamos e continuamos, na verdade, este é um projeto que nunca está acabado, continuamos a contactar com estas pessoas para que nos continuem a validar ou a dar outras propostas porque enfim a solução boa para um nem sempre é uma solução boa para outro, mas o objetivo essencial é que a

mesma solução fosse ao encontro do maior número de pessoas possível, que fosse o mais universal possível na exposição.

**P: E apesar de terem sido especialistas contactados para participar do projeto, a equipe diretamente envolvida pela execução do projeto chegou a participar de alguma formação ou algum seminário sobre o tema de acessibilidade?**

R: Sim. Íamos recebendo essa formação também com os especialistas envolvidos e com as próprias pessoas das instituições, com ACAPO, com a ASAE, que é a Associação dos Surdos, com a Associação Portuguesa de Deficiência e também fomos procurando sim ter alguma formação. Na altura, agora há mais, na altura não havia assim tanto, na altura do desenvolvimento do projeto, estou a falar aqui antes de 2011, portanto havia alguma coisa, não havia muita, mas de facto esta colaboração permanente com estas pessoas foi uma aprendizagem incrível porque contactamos diretamente com as pessoas e a melhor aprendizagem eles próprios nos dizem como é que é a melhor forma de orientar uma pessoa cega, uma pessoa com baixa visão. Estou falando concretamente desta área, como é que deve lá estar a posicionar os objetos, como é que se deve tocar na pessoa, de forma é que devo descrever o objeto e etc, etc, etc. Então foi uma aprendizagem também muito grande, do ponto de vista pessoal e humano necessariamente. E essas primeiras aprendizagens são essenciais para as nossas bases de compreensão, no fundo é isso que estamos a falar também, de compreensão, de comunicação acessível também com estas pessoas, que no fundo são pessoas como quaisquer outras. Eu pelo menos desmistifiquei um pouco o conceito ou o pré-conceito que eu tinha relativamente a estas questões. E percebi que é perfeitamente possível e exequível uma sociedade poder ser muito mais inclusiva, com recursos que não têm de ser nada de extraordinário, não é? Portanto basta comunicar com as pessoas e perceber as suas demandas, as suas necessidades, as suas exigências, o que é que pode ser bom pra elas e às vezes de uma forma muito simplificada, às vezes um simples toque numa mão pode ajudar muito, não é? Então isso foi muito importante, esta aprendizagem com as pessoas no terreno foi a melhor aprendizagem. Claro quando é possível procuramos reciclar estes conhecimentos porque felizmente hoje em dia várias instituições estão a fazê-lo, mesmo do próprio governo. Mas de facto o contacto com estas pessoas no meu ponto de vista e depois com as visitas que fizemos, fomos procurados e somos procurados por muitos grupos com deficiência visual, aliás das pessoas com deficiência, é a maior representatividade que nós temos de pessoas cegas e com baixa visão a nível nacional e também a nível internacional. O que também é muito interessante ter esta ponte com este público internacional, com o turista internacional, o que

é que ele procura, o que é que ele exige, o que é que ele espera num museu inclusivo também. Portanto está a ser de facto uma experiência bastante interessante nesse ponto de vista.

**P: Vamos finalizar esta parte do processo de criação. Destaca algum desafio? Resumindo, pelo o que a Ana já falou, já deu pra perceber um pouco do processo, das etapas de amadurecimento, mas se puder destacar quais foram os maiores desafios ao longo do projeto no âmbito da acessibilidade, pensando em pessoas com DV, apesar de vocês terem dado foco no ser humano como um todo, independente de algum tipo de deficiência, mas se for pensar nessa áreas quais foram os maiores desafios?**

Os maiores desafios foram exatamente, pela experiência que tivemos, foram exatamente os de encontrar uma solução ou soluções que fossem mais abrangentes e universais possível, não é? E de facto, como toda a gente, cada um tem os seus gostos, as suas preferências, o que é bom para si pode não ser tão simpático para mim. E encontrar este equilíbrio foi dos maiores desafios. Encontrar o equilíbrio, eu posso... vou chamar de casamento, encontrar esta gestão de união entre acessibilidade e o design, entre acessibilidade e o programa museológico, entre acessibilidade e o programa museográfico, este foi o maior desafio, na verdade para nós da equipe técnica, que estivemos ali desde o início, mas também para os próprios especialistas que estiveram envolvidos no projeto, no caso do nosso museógrafo por exemplo foi a primeira vez que ele desenhou um museu que fosse inclusivo, portanto... ou que tivesse recursos que pudessem dar essa resposta em parceria com o projeto de acessibilidade. Portanto, no meu ponto de vista, foi o maior desafio no início, desde logo, foi esse, estas tendências de parte a parte. Temos as soluções que não são as ideais, que não são as melhores, mas são as possíveis. De facto ter o possível já é bastante bom, no meu ponto de vista. E nós temos essa resposta agora, passados estes anos e com o retorno do público temos esta resposta e percebemos... Claro, temos exigências obviamente e percebemos que podemos sempre melhorar e passados tantos anos há coisas que poderiam de facto ser melhores, mas ainda assim ainda temos aquela resposta: ainda bem que pensaram nesta solução para mim, porque eu ainda não tinha tido esta experiência noutra museu, e termos este retorno de facto é extraordinário. Claro, nem tudo é unânime, nem tudo é o ideal, mas é o possível, portanto eu creio que os desafios tenham sido, sobretudo, a esse nível e continuam a sê-lo, porque nós somos diversos, somos pessoas com cabeças diferentes pensando.

**P: Alinhar as diversas áreas do conhecimento para pensar em algo comum, porque beneficia a todos, é realmente difícil.**

R: É, em todas as áreas.

**P: Vocês já contaram com pessoas com DV na equipa de alguma forma ou pensam em ter no futuro?**

R: Sim, já contamos. Já contamos com jovens estagiários, um jovem com baixa visão, formado na área de História, colaborou conosco por duas ocasiões. Desenvolveu inclusivamente um... teve um contato conosco, um contrato de trabalho conosco através do centro de emprego e formação profissional que também estimula participação destas pessoas na vida ativa. E vários outros estágios também com um outro jovem completamente cego, que também participou conosco em várias ocasiões nos estágios que ele pode fazer ao longo da sua vida acadêmica e foi muito interessante: como é que ele foi ao nosso encontro? Estas pessoas que foram ao nosso encontro, não fomos nós que os chamamos, quer dizer, poderíamos tê-lo feito, mas de facto é interessante ter sido, ter partido da parte deles. O caso do Leonardo, que foi o jovem cego que colaborou conosco... ele fez uma primeira visita ao Museu com a ACAPO. Foi a visita de olhos vendados em que as pessoas cegas ou pessoas com baixa visão eram os guias. Ele achou tão extraordinária aquela experiência que propôs fazer um estágio conosco. Achou interessante, um espaço onde ele poderia desenvolver o seu estágio... e trabalhou conosco. E depois repetiu a experiência. Portanto para nós é um retorno...

**P: Aqui ele atuou junto ao público também?**

R: Também. Sim, sim. Quando... nós temos uma preocupação que é a seguinte: quando fazemos visitas guiadas, por exemplo, fazemos questão, quer para adultos, quer para crianças, para todos os grupos de falar e de abordar esta questão da acessibilidade e da política da acessibilidade e da inclusão que o museu tem. E desde logo mostramos, sempre que possível, os recursos existentes. Demonstramos logo esses equipamentos e a forma como eles funcionam. Com o Leonardo ali, ele que tem uma bengala, ele que sabe ler braille, ele que sabe utilizar o audioguia, procuramos que fosse ele a fazer essa explicação, exemplificando para quem nos visita, para uma criança, por exemplo... aquela experiência, com certeza, não vai sair da sua cabeça tão depressa.

**P: Representatividade dentro do museu.**

R: Representatividade. Exatamente. E ele próprio também fazia visitas guiadas, não em todo o museu, mas em partes específicas do museu, sobretudo onde os recursos são mais acessíveis, onde há recursos táteis em maior abundância. Era o próprio que demonstrava essa área, em termos de contexto histórico, portanto de conteúdo e, depois, da parte da própria acessibilidade e experiência sensorial que aquele espaço permitia.

**P: Em relação à equipa, eu sei que a equipa é pequena, mas todos atendem o público. Vocês todas quase atendem o público e você acredita que a equipe do museu está preparada para receber pessoas com DV? Você se sente à vontade nesse papel, como que a Ana enxerga isso?**

R: Eu julgo que podemos estar sempre melhor, naturalmente, em qualquer situação, mas creio, e pela experiência, que até o momento essa resposta tem sido boa. A pessoa que nos procura, o visitante, venha ele em família ou venha ele em grupo, porque a maior... é o que acontece na maioria das vezes, mas se a pessoa com deficiência visual vem ao museu e já veio autonomamente ou vem com a família, a partida já sabe ao que vem, sabe que aquele museu está preparado para e, então, portanto, desde logo essa abordagem já é logo bastante facilitada e por norma não tem sido muito complexa essa parte. Antes pelo contrário, mais difícil, na minha experiência, é receber uma pessoa com deficiência auditiva do que com DV.

P: Acaba sendo a barreira da língua, da comunicação...

R: Exatamente, da língua, da comunicação.

**P: Bom, a Ana já me respondeu que o museu continua a consultar pessoas com deficiência visual para desenvolver projetos, ações, novas propostas... isso já foi respondido. E em termos de ações educativas, propostas educativas, melhor dizendo, há propostas pensadas, que pensam especificamente, apesar de pensar em todas as pessoas, mas que identifique: bom, então se uma pessoa com deficiência visual pode utilizar, então isso nós podemos propor para outras. Vocês pensam em ações educativas a partir das necessidades das pessoas com deficiência visual?**

R: Pensamos e fazemos exatamente com este intuito. Quando falamos de um museu inclusivo, ele é para receber, é para formar e é para sensibilizar também, não é? Portanto, e quando fazemos estas propostas educativas incluindo também algumas experiências sensoriais é exatamente com esse intuito. É o caso do 'pintar às escuras' com as vendas ou com o museu com as luzes desligadas para toda a gente. E já aconteceu... juntamos pessoas cegas e pessoas não cegas. É o caso de fotografar às escuras, é o caso de comunicar sem palavras e sem texto e sem voz, este tipo de experiências, esse tipo de ações que também procura, enfim, ter aqui alguma componente lúdica também, acaba por ser uma experiência distinta, mas também visa sensibilizar para esta temática. Não só para público estudantil, mas também para o público adulto de uma forma geral. Eu friso mais uma vez a visita que fizemos de olhos vendados e fizemos lá no mosteiro da batalha, cujo guia era uma pessoa cega e potenciava ali uma ligação entre o cego e o não cego. E o não cego passa, quando vai com as vendas nos olhos, tem uma dificuldade acrescida, portanto está sem poder ver e percebe o quão difícil pode ser muitas

vezes a vida de uma pessoa cega se, de facto, a estrada, a rua, a vila, a cidade, o museu não tiver preparado para si. Portanto é um pouco essa acessibilização que nós pretendemos com estas ações.

**P: Propostas de empatia.**

R: Propostas de empatia. Sim. Exatamente.

**P: Como o Museu divulga os seus serviços junto às pessoas com deficiência, especialmente pessoas com deficiência visual?**

R: Bom, utilizamos as formas tradicionais: as redes sociais, o email também. No caso de algumas iniciativas em específico que nós tenhamos e que achemos que é interessante o envolvimento destas pessoas... Como temos uma delegação da ACAPO, por exemplo, aqui em Leiria, contactamos diretamente com a delegação.

**P: Em relação às parcerias, a Ana já destacou a ACAPO e outras para a execução do projeto. E agora, enfim, por exemplo, o museu contacta também instituições para realizar visitas ou pensar em visitar estas instituições... ou além da ACAPO, há alguma outra instituição que o Museu estabelece algum tipo de parceria, seja ela qual for?**

R: No que toca essencialmente à deficiência visual, é essencialmente a ACAPO. Em termos de estrutura organizada é aquela com a qual trabalhamos mais, com as suas delegações e são muitas a nível do território nacional. E já fomos visitados ou tivemos atividades em que participaram diversas delegações a nível nacional desde o Porto, Braga, Viseu, Coimbra, Leiria, Lisboa, portanto já é uma representação de peso, pois isto também é uma forma de comunicação. Não deixa de o ser, não é?

**P: E Ana já falou também que há uma grande procura de pessoas com deficiência visual pelo Museu. Vocês têm uma ideia com que frequência, se eles vêm mais por grupos, agendados, com instituições, se vem mais com famílias, se é mais de Portugal, de fora de Portugal, como é que tem esse balanço do público?**

A maioria, de facto, através de instituição. Portanto, no caso Portugal com a ACAPO, como disse, normalmente integrado em algum evento, em algum programa, em alguma iniciativa que própria de ligação fomenta. No caso da Batalha: quando vem à Batalha, vem ao museu, portanto é um programa integrado, vem ao museu, à pia do urso – aquele parque de que falava há pouco - e normalmente ao mosteiro. Portanto, enfim, poderão ir a outros equipamentos aqui da região. No caso de internacional, é através de agências de turismo, que

trabalhem também com estas pessoas. Já tivemos da Bélgica, por exemplo, já tivemos de Itália e que, entretanto, têm conhecimento - isto mais ao nível mais de nossa divulgação turística - da existência deste museu, que viu que já faz parte agora também... como foi premiado a nível europeu, já tem também este reconhecimento internacional. Vem mais nesta via. A nível particular é mais difícil. Muitas vezes têm uma realidade... nem sempre, às vezes há pessoas e pessoas naturalmente, mas algumas pessoas têm carências económicas para poder participar. No caso dos institucionalizados também há sempre aquela dificuldade em poder pagar uma atividade ou poder vir com mais regularidade ou a questão dos transportes. Portanto porque já têm outros tipos de despesas também na sua vida e, então, nem sempre é, assim, tão comum, mas ao nível de instituição é o mais frequente.

**P: A partir das experiências de visita no museu, o que a Ana considera que as pessoas com deficiência visual mais aproveitam ao longo da visita à exposição? Se tem algum recurso que destacaria...**

R: Todos os recursos que são táteis, de facto, são os mais... as peças originais, sobretudo, possuímos réplicas também, naturalmente, mas as peças originais, fósseis com milhões de anos, são experiências que eles consideram de facto extraordinárias. Temos uma reprodução de um homínido, de um primeiro habitante, representativo das primeiras comunidades da batalha, que é também... bom, faz a delícia de toda a gente, mas, de facto, poder tocar... é uma reprodução em silicone, é uma das reproduções que mais sucesso faz. E também da época romana, o magistrado, uma peça que está também, enfim, faz parte da coleção e da exposição do museu, não está assumida como uma peça para tocar, mas nestas visitas fazemos questão porque é mármore, tem os panejamentos, os detalhes. E é uma das mais procuradas e das mais... que suscita mais interesse. E também os pequenos, pequenas réplicas, pormenores decorativos do Mosteiro da batalha e as maquetes do mosteiro da batalha porque a pessoa vai visitar o Mosteiro, de facto, pode tocar na pedra, como é evidente, a pedra calcária, mas não tem uma noção da proporção do monumento, portanto e a maquete, neste aspecto, fomenta a dimensão espacial do monumento e fomenta também a relação com as suas distintas fases de construção. O aspecto decorativo e as réplicas que nós temos de gárgulas, de janelas... são, de facto, as peças, também, mais procuradas e que suscitam mais interesse, que complementam exatamente o mosteiro, que muitas vezes é aquele que é o primeiro foco de visita para quem vem de fora.

**P: Dando continuidade... a partir de suas experiências no museu, o que considera que deveria ser mantido e o que considera que poderia ser modificado em algum momento em relação à acessibilidade, pensando no público com deficiência visual?**

R: Melhorado é sempre nosso objetivo, desde que essa melhoria traga benefícios para o maior número de pessoas possível. Portanto, em termos de melhorias concretas e mais práticas daquilo que nós fazemos, daquilo que é a exposição, concretamente do circuito expositivo é ter mais materiais, réplicas, em alguns casos, táteis disponíveis, apesar de haver muitas peças para tocar no percurso expositivo, eu sinto que em algumas que poderiam, em algumas partes da exposição que poderiam serem melhoradas a esse nível. Caso de reprodução de peças escultóricas... daquelas que, por exemplo, das de madeira que são mais frágeis, por exemplo. Caso a reprodução de um brasão, não é? Real, como a própria Valéria estava a dar como sugestão, seria fantástico. Elementos que são chave na compreensão do museu, peças que são chave na compreensão do percurso do museu e que poderiam ser ainda melhoradas. Portanto novos materiais, até com novas tecnologias também estão a ser realizadas a esse nível: impressoras em 3D, por exemplo, que é uma coisa que embora que está a ser muito utilizada, que envolve cada vez mais... tem melhorado. Mas também passa pela informação escrita: o braille... aumento de informação em braille, aumento de informação em alto contraste, aumento de informação em alto-relevo e por aí vai... tudo o que possa melhorar o discurso expositivo e narrativo do museu é sempre benéfico para toda a gente... para toda a gente. Essas reproduções de que eu falo, elas servirão para pessoa com deficiência visual, mas também para contextos de atividades de serviço educativo, por exemplo, não é? Portanto, eu creio que se poderia melhorar a esse nível, aliás é uma das nossas preocupações. Que seja de facto emblemático e que seja o mais usufruído possível pelas pessoas.

**P: E tem algo que a Ana acha que poderia ter sido diferente, que talvez não funcione tanto, que poderia estar de outra forma?**

R: Por exemplo no que toca o áudio, poderia haver áudio em... poderia ser melhorado, podia haver logo de raiz o áudio em idioma estrangeiro, por exemplo. No caso da questão do... por exemplo, na questão do mobiliário, não é, no mobiliário onde estão... nós temos ali alguns problemas com as quinas, com os cantinhos, não é? Portanto com a questão mais da segurança das próprias pessoas, portanto em nível de mobiliário podia ser ainda mais confortável a esse nível, no que toca o conforto da própria exposição, mas quer dizer... melhorado sempre podia ser, mas eu acho que ainda assim, tendo a intenção a altura em que foi, eu acho que conseguimos bons recursos e com boas colaborações.

**P: A Ana falou do retorno que já teve do público positivo em relação ao trabalho, mas costuma ter o feedback dos visitantes através do quê? De algum instrumento? Realiza algum tipo de pesquisa, é através do livro de honra ou Facebook?**

R: Sim, exatamente. É o retorno imediato da visita, isso sentimos desde logo. Também temos os questionários... e estes questionários também questionários para a área da inclusão. E nesses questionários procuramos que as pessoas nos informem e nos deem elementos para que podemos melhorar. Portanto essa preocupação é sempre... é permanente, portanto auscultamos sempre as pessoas que participam para... lá está... para tentarmos elencar recursos ou novos recursos que possam ser mais acessíveis, mais abrangentes possível para toda a gente.

**P: A Ana já me falou que costuma fazer avaliação da acessibilidade da exposição, para conhecer os níveis de acessibilidade, enfim... junto a pessoas com deficiência visual para validar certos elementos. Isto já está respondido.**

R: Sim, temos essa preocupação.

**P: Tem alguma experiência que a Ana destaca... marcante de alguma visita com pessoa com deficiência visual e se acha que, finalizando, poderia ter mais pessoas visitando... se o museu precisa melhorar em alguma estratégia de comunicação. Enfim, alguma experiência marcante que destaca, que lembra... se não lembrar, não lembrar não tem problema.**

R: É que há tantas marcantes que... bom, eu... quando... isto é a puxar um bocadinho para o lado emotivo, não é? Mas quando vemos pessoas a emocionarem-se, não é, com aquilo que estão a viver e dizerem “isto nunca tinha sido feito para mim” ... Isso faz toda a diferença, não é? E, portanto, basta uma pessoa, não é? Basta uma resposta destas, basta uma experiência destas. O caso do... aquela experiência que eu falei há pouco... do Leonardo. Ele participou numa atividade e quis trabalhar no museu e eu acho que isso foi uma resposta extraordinária em relação àquilo que nós oferecemos. Relativamente à outra questão, de formas de promover, não é?

**P: Você acha que poderia ter mais pessoas visitando?**

R: Sim, eu gostaria, eu gostaria. Porque de facto o museu está feito, foi feito este investimento também nos recursos. Faz parte também... nos beneficiamos também de apoio a nível europeu para fazer o projeto no seu todo. E estes recursos também tiveram esse apoio, portanto ele está e existe para ser usufruído. Quantas mais pessoas puderem vir, melhor. E é com a vinda das pessoas que nós podemos melhorar, identificar as nossas lacunas - que são

muitas e temos essa consciência - mas sempre com esta abertura, com esta humildade de reconhecer que podemos fazer mais e melhor.

**P: Mas aí seria mais uma questão do público... um tempo para as pessoas com deficiência visual conhecerem mais o trabalho ou seria talvez aumentar a comunicação, a informação do museu, o que será...?**

R: É um pouco das duas coisas na verdade. Porque não obstante a comunicação que nós fazemos, os canais não serão muito diferentes, não é? Até chega às pessoas. Porque muitas vezes... lá está, para se chegar a estas pessoas é sempre mais fácil ouvir a delegação, não é? No caso de Portugal, via delegação, via instituição que trabalha diretamente com estas pessoas. E eles são sempre o nosso canal. No que toca ao visitante estrangeiro, portanto, será também pela via das operadoras turísticas e da promoção turística que pode ser sempre melhorada. Portanto exige da nossa parte, também, que nós tenhamos um tempo para nos podermos dedicar a isso porque isto tem que ver tudo com o plano comunicacional de uma forma geral do museu. Pode ser sempre melhorado, mas por via dos poucos recursos nem sempre há essa disponibilidade para poder... seria bom ter mais tempo para poder... poder nos dedicar mais à promoção do nosso equipamento, dos nossos recursos.

**P: É isso. Obrigada.**

## **ANEXO 9 - ENTREVISTA: PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**P: Primeiramente, eu gostaria de fazer algumas perguntas gerais antes de começar: o seu nome completo, formação, o setor que trabalha na Pinacoteca do Estado de São Paulo e a sua função. Se você puder falar resumidamente, eu agradeço.**

R: Meu nome é Margarete de Oliveira, eu atuo no Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo. Desde 2003, venho trabalhando lá e sou formada em Letras, tenho uma pós-graduação na área de Arte e Saúde, pela USP também, em Terapia Ocupacional, e fiz o mestrado em Museologia no MAE, no Museu de Arqueologia, o Interunidades. Na verdade não é interunidades, acho é outro nome, estou fazendo confusão, mas eu posso te passar o nome do Mestrado em Museologia da USP.

**P: Temos 11 perguntas. Começando... basicamente, como meu foco é em pessoas com deficiência visual, as perguntas vão direcionadas, então, para esse público. A Pinacoteca costuma receber pessoas com deficiência visual? Como é a frequência? Vocês têm... às vezes você pode não ter números porque agora, né? Enfim, tem essa percepção?**

R: Bom, o museu vem atendendo pessoas com deficiência desde 2003, quando o Programa foi implantado, a gente pensou esse Programa sendo implantado com acessibilidade, com materiais táteis, a maquete tátil do prédio e de seus arredores. Só que esse atendimento se intensificou mais em 2009, quando foi implantada a Galeria Tátil de Esculturas Brasileiras da Pinacoteca. Porque a gente teve um aumento bem significativo em relação ao número de pessoas com deficiência que a gente já atendia. A gente atende esses grupos de forma... na Galeria Tátil, as pessoas visitam autonomamente ou em grupos. Elas têm essas duas formas de visitação, mas a gente também atende esses grupos agendados em visita geral pelo PEPE para conhecer as galerias de pintura, onde a gente tem reproduções em relevo das obras de arte, maquetes táteis que facilitam o processo de aprendizagem e de conhecimento... dessa fruição, né, com a obra de arte, já que a pintura é algo que, para a pessoa com deficiência visual, ela é imperceptível, então a gente criou essa metodologia, essa didática multissensorial, que permite que a pessoa com deficiência visual possa chegar à pintura por esse caminho, através das maquetes táteis, dos relevos em resina acrílica de cada uma das pinturas que a gente seleciona, nesse caso as principais obras do acervo.

**P: Falando de planejamento... a gente está acostumado a ver... as áreas educativas que impulsionam muito o tema da acessibilidade nas instituições museológicas e acabam... não é uma coisa geral, mas a gente percebe muito isso, que as áreas educativas é que acabam trazendo o tema da acessibilidade para dentro da instituição. No caso da Pinacoteca, quando é desenvolvida uma nova ação para o público, pode ser uma exposição, ou enfim, ações em geral, não vou focar numa específica, então quando a instituição desenvolve novas ações para o público, leva em consideração as demandas das pessoas com deficiência visual? Se você puder falar um pouquinho sobre isso...**

R: Então... essa questão é uma questão bem complexa. Por que... o que acontece? A gente pensa a acessibilidade para pessoas com deficiência no museu de uma forma mais geral, não só voltada para pessoas com deficiência visual, mas pra outros grupos também, mas lógico que as pessoas com deficiência visual... ela acaba sendo a primeira que a gente tem que pensar em termos de acessibilidade por causa da questão da obra de arte ser inacessível, a pintura, para pessoa com deficiência visual, Só que assim, a gente pensa essa acessibilidade partindo das exposições de longa permanência, entendeu? A gente acessibiliza as obras que fazem parte do nosso acervo permanente. Porque... o que que acontece... cada reprodução de obra que a gente faz, a gente acredita que ela está ali, a gente vai reprodução essa reprodução, tanto e relevo quanto em maquetes táteis, mas que depois essas obras possam também ser utilizadas em vários momentos, trocando ou não trocando essa exposição de longa, recompondo essa exposição de longa, a gente vai ter esse material lá. Quando a gente lida com a exposição temporária, A gente tem uma questão muito mais delicada. Não é impossível de isso acontecer, já aconteceu, mas só a gente tem que selecionar uma obra, que ela é... De certa forma a gente vai futuramente manter esse material com a gente também. E isso tem um custo, A gente não pode ligar esse custo. Por exemplo a exposição Tarsila Viajante... ela tinha duas obras acessíveis da Tarsila, eu posso até depois recuperar o nome da exposição correta... eu acho que o nome era esse. Então a gente tinha São Paulo, que faz parte da nossa coleção, e tinha também antropofagia, que faz parte da coleção Nemirovsky. Então a gente pode utilizar essas duas obras como reprodução. Aí as pessoas perguntaram assim "por que vocês não reproduziram outras obras da exposição da Tarsila?" Porque essas obras não pertenciam a nossa coleção. Então a gente vai reproduzir em relevo uma obra que não faz parte da nossa coleção... E depois que saiu agora vai ficar lá... Vai ficar lá sem ter... Porque não tem sentido pra gente, a gente ter somente fisicamente esse material, sem que essa obra faça parte da nossa coleção... do acervo, entendeu? A gente sempre faz esse link, que essas obras têm que estar na nossa coleção do acervo. Pode acontecer de alguma exposição temporária trazer alguma obra? Pode, mas aí ela tem que ser analisada dentro do custo dessa exposição, qual é

o custo... se vai entrar acessibilidade, se não vai entrar acessibilidade, como que a gente vai conseguir e porque também as exposições são muito curtas, elas chegam a durar em média três meses. É o tempo de produção e o tempo de visitação... Acaba ficando muito estreito o espaço entre a gente produzir material e a gente começar a utilizar esse material, entendeu? Não dá nem conta da gente fazer as visitas suficientes com esse material.

**P: Com certeza é complicado mesmo. Mas o envolvimento com outras pessoas de outros setores também acontece?**

R: Sim, quando a gente vai pensar a escolha de uma obra, a gente tem que envolver, por exemplo, vou pensar na galeria tátil. Quando eu vou escolher uma obra da galeria tátil para ser acessível, Eu tenho que pensar junto com o pessoal Da conservação e restauro O núcleo de pesquisa do museu, entendeu? A gente tem que envolver todas as áreas, nesse momento atual a gente tá... a galeria tátil que a gente tinha, que foi de 2009 até... acho, se eu não me engano, março, né, por causa da pandemia, acabou antes. Até, quando eu entrei já de licença, a gente já foi afastado, a galeria tátil já estava sendo desmontada. A gente está planejando a próxima galeria, ela nem vai se chamar mais galeria tátil de esculturas brasileiras, ela vai ter outro nome, mas ainda não está definido corretamente. O que que a gente fez? nesse processo de Elaboração dessa nova galeria A gente tá tendo as mesmas questões que a gente trabalhou na primeira Vamos Envolver A Conservação e restauro Primeiro foi feito uma pré-seleção dessas obras Quais seriam as obras que a gente colocaria nesse momento Certo? a mesma coisa Aconteceu no primeiro módulo... da apresentação da galeria Tátil E a gente conversou com o pessoal do restauro do museu para saber: Essas obras podem ser tocados? Qual o nível de toque que a gente pode estabelecer Com ela? entendeu? O tamanho dessas obras, a gente tem que considerar. As esculturas só podem ser esculturas em bronze, No caso do toque, ele aguenta mais o toque. A região onde a exposição vai ficar dentro do Museu. No primeiro ano ela ficou numa área que era muito mais exposta, não sei se você chegou a visitar.

**P: Eu conheci já agora no... é no segundo andar, não é?**

R: Segundo andar, mas ela estava ao redor do octógono. Então o que acontecia... ela recebia uma incidência de luz do sol grande. Mesmo colocando insulfilm. A gente chegou depois de 10 anos à conclusão que isso poderia ser prejudicial às obras. Então agora ela já está mudando de local e vai para o corredor onde dá acesso às galerias, onde não tem incidência de luz de sol. A gente tem que pensar em questões de preservação dessas obras, que são obras originais. Aí entra o núcleo de conservação e restauro o núcleo de pesquisa, a Diretoria que também vai liberar ou não essas obras, vai ter que ter o aval da diretoria, vai ter que ter o aval... esse ano a

gente envolve obras que entram de outra coleção, que está em comodato com a gente, então a gente também tem que pensar isso: se essas obras vão ter ou não autorização para o toque. E pensar que elas vão ficar, no caso da galeria, dez anos. É um período grande. Eu não posso pensar numa galeria tátil e fazer essa galeria durar um ano. É bem complexo. Tem que preparar audioguia, Tem que preparar catálogo Tem que preparar tudo uma questão de acessibilidade Que enviar para fazer isso em um, dois anos. Tem que ter um número maior de tempo para Que as pessoas possam usufruir dela Na parte da pintura já é um pouco diferente Né eu vou selecionar uma pintura A ideia Inicial quando a gente fez a seleção das pinturas era escolher as principais obras do acervo, entendeu? Que todos os visitantes que vão à Pinacoteca querem visitar. Então a gente partiu desse princípio, entendeu? Aí, todo mundo que vai à Pinacoteca quer conhecer o "Caipira picando fumo", então "Caipira picando fumo" vai estar nas obras táteis que a gente vai trabalhar com elas.

**P: Vamos lá. O museu realiza parceria para desenvolver projetos e ações voltados para pessoas com deficiência visual? E se sim, se tiver alguns exemplos para citar...**

M: É, a gente tem parceria com as instituições especializadas que atendem esse público. Por exemplo, a gente tem parceria com a Fundação Dorina Nowill, tem parceria com... em relação ao atendimento do público, entendeu? De onde vem esse público... com a Laramara, Já teve com outras instituições, que no momento... a URDV. É... por exemplo, a Fundação Dorina tem um curso de perfume e eles iam ao Museu visitar a Pinacoteca. Por quê? Mas aí você vai falar o que que tem a ver com curso de perfume com a galeria tátil da Pinacoteca? Eles pensaram essa questão... tem essa percepção que eles trabalhavam lá das Essências, dos cheiros e tudo mais, mas Tinha uma coisa também da estética, entendeu? Dos designs, dos materiais onde vão ficar esse perfume... A gente conversava tudo sobre isso, eles tinham essa relação também.

**P: Então já era uma visita já com uma proposta ajustada, né, ajustada que eu digo assim... tinha uma programação específica, quase que uma parceria de quem fazia o curso de perfumes, no caso...**

R: É. A instituição procura a gente e fala assim: tô desenvolvendo tal ação com meu grupo e queria saber se a demanda do museu vai conseguir me ajudar a dar continuidade em relação a isso. O Laramara há um ano, acho que há mais ou menos um ano, levou crianças pequenas de quatro e cinco anos de idade para visitar o museu. Foi um desafio pra gente porque a gente não atende esse grupo, mas a gente resolveu aceitar porque era muito importante para essas crianças e pros pais que eles conseguissem ver que existe um espaço de acesso pra eles, que

essas crianças... mesmo... é como se você tivesse um espelho na sua frente, assim, olha, eu vou conhecer espaços culturais porque os espaços culturais estão preparados pra que eu possa visitar. E eu preciso esperar acontecer isso quando eu tiver vinte anos de idade? Não, eu posso conhecer isso pequenininho, com quatro, cinco anos de idade... as crianças nem alcançavam nas esculturas, mas a gente pegou no colo e foi uma experiência muito rica, entendeu? Porque pra aquela professora que estava trabalhando com essa questão de sentidos, de apropriação de espaço com essas crianças já pequenininhas... foi muito importante esse trabalho que a gente realizou com elas. Um outro exemplo, também, Valéria, que é muito importante. A história é longa, viu? Porque eu começo a falar, eu gosto do que eu faço. Outra questão também que é interessante, por exemplo, logo quando a gente criou a Galeria Tátil, em 2009, a gente era muito procurado também pela Fundação Dorina e algumas instituições que estavam muito próximo ao metrô, que é o caso do Laramara e Dorina... pra quê? Tinha aula de mobilidade nessas instituições. E aí da Pinacoteca não era só conhecer um espaço cultural. Era assim: sair do deslocamento lá da Fundação Dorina, que está lá próximo da Estação Santa Cruz, pegar o metrô, ir até a Pinacoteca de transporte público e chegar ao museu. Então esse percurso contava também como... dentro da aula de mobilidade. E depois o que acontecia dentro do museu era de certa forma um complemento dessa possibilidade de deslocamento, entendeu, que acontecia. Era um desafio muito grande pra eles.

**P: E no caso, por exemplo, a Pinacoteca também tem experiência ou já realizou/ costuma realizar consulta a pessoas com deficiência visual quando planeja alguma ação ou algum projeto novo... já teve/ acontece com frequência?**

R: Sim. Quando a gente foi implantar o Programa, em 2003, na época a Amanda até tava no Programa também... e agora também nessa, na... em 2009, quando a gente implantou a Galeria Tátil e agora nessa nova implantação a gente vai ter consultoria de pessoas com deficiência. Porque, assim, a gente não pode pensar a partir da nossa percepção. Por mais que a gente tenha experiência de trabalhar com esses grupos há anos, são eles que vão dar esse feedback pra gente se está funcionando ou não, então a gente comece o processo de implantação... agora nessa segunda fase de implantação a gente nem está tendo tanto porque a gente já teve experiência acumulada disso, mas quando a gente for... é... assim que tiver construída a galeria, que já é uma segunda possibilidade nossa, então a gente já teve uma experiência prévia disso, a gente vai chamar... já está previsto em orçamento, até fechei esse orçamento essa semana para dois mil... pro ano que vem, pra gente ter dois consultores cegos nessa galeria. Normalmente esses consultores... um vai de certa forma participar um pouco mais do processo, e o outro não participar do processo e vai avaliar pós-visita, entendeu? Pra

ele poder falar pra gente principalmente em relação... quando a gente produz o audioguia. Essa participação deles vem aí... porque a gente tem que avaliar se esse audioguia vai ter que ter modificações ou não dentro do processo de construção dele.

**P: Ótima notícia, bom saber assim... do áudio... todo esse processo. Achei interessante o que você falou... um vai ficar mais... de uma certa forma verificar mais como ficou o resultado, né?**

R: Essa pessoa tem que ter, de certa forma, distanciamento do que a gente produziu, entendeu? Porque se não ela vai se contaminar com todas as nossas conversas, então ela tem que ser uma pessoa ímpar, que vai entrar nessa história... ela vai conversar com a gente sobre isso... só que também eu não posso é... na hora de escolher essa pessoa, eu também tenho que pensar que essa pessoa tem que ter uma vivência de certa forma dentro dos espaços culturais ou não porque, assim, se não essa pessoa pode chegar pra mim e falar "não, tá tudo muito lindo, é uma experiência maravilhosa" e ela não conseguir analisar erros ou acertos que a gente possa fazer nesse processo, entendeu?

**P: Sim, sim. Em relação... deixa eu ver onde eu parei aqui... tá... em relação à formação, no caso, existe formação para as equipes sobre atendimento a pessoas com deficiência? Estou focando em deficiência visual, mas talvez sua resposta seja mais abrangente. Então, como é que acontece?**

R: O PEPE, como ele já tem um tempo de vida longo, 17 anos de Programa, né... não, 17 anos de curso de formação, que é o ensino da arte na inclusão inclusiva e o Programa já vai pra mais, né? Foi 2003... quase 20 anos aí de história, né, 17 anos de curso. A gente... a equipe desde que ela se constituiu, ela já vem com uma experiência prévia de atendimento de pessoas com deficiência porque quando foi implantado o Programa, em 2003, tanto eu como a Amanda já trabalhávamos em atendimento de pessoas com deficiência no Museu de Arte Contemporânea da USP. Então a gente já trouxe essa experiência prévia. Mas se a gente for pensar hoje, uma instituição fazendo a implantação de um programa de acessibilidade com pessoa com deficiência sem ter conhecimento de nada, ela vai ter primeiro que conhecer qual é essa instituição, qual é a demanda desse grupo, como ela vai atuar com essas pessoas com deficiência visual, quais são as necessidades que essa pessoa traz... e continuar essa formação, entendeu? Essa formação é uma formação continuada, ela não é uma formação que se fecha. "Fiz um curso de formação e pronto". A gente teve, um tempo atrás, mesmo já tendo uma equipe especializada para o atendimento, a gente teve uma formação que se estendeu para outros integrantes do Núcleo de Ação Educativa, que atendiam em outros programas e outras

frentes de atendimento, uma formação sobre audiodescrição com a Livia Motta. Porque a gente tinha que entender que poderia acontecer, de repente, num grupo de atendimento geral aparecer uma pessoa que tivesse uma deficiência visual e ela não tava sendo atendida pelo Programa. E como que essas pessoas que tá atendendo, esse educador iria se... é... tentar compreender essa questão sobre a pessoa com deficiência e saber falar um pouquinho mais sobre isso com essa pessoa, entendeu? Então a gente faz... tem a formação interna do Programa e tem também a formação dos educadores do Núcleo de Ação Educativa para compreender um pouco mais sobre isso também, apesar das visitas estarem focadas nesse Programa.

**P: E vocês também fazem, além da...com a equipe de educadores, mas por exemplo com a equipe que trabalha na recepção, segurança, guarda-sala... também tem? Vai ser uma formação diferente porque os educadores vão ter um papel diferente, né, mas como são equipes que estão em contato com o público também... se vocês desenvolvem uma formação também para essas equipes no caso?**

R: Sim, a gente tem dentro do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca os programas educativos inclusivos e o PEPE faz parte dos programas educativos inclusivos. Esses programas educativos inclusivos... a gente tem um dentro dele que o programa de consciência funcional, que é coordenado pela Estela. A Estela, junto com os setores do museu, ela promove encontros de reciclagem que a gente tem semestrais pra trabalhar com a equipe de atendimento, com a equipe de limpeza, a equipe de vigilantes do museu, seguranças... por que o que que acontece? se essa pessoa com deficiência visual chegar... nem na recepção, nem na bilheteria, na entrada do museu e ela for mal atendida, ela nunca mais volta no museu, entendeu? Então a gente tem que começar desde ali da entrada. Por exemplo, tem uma pessoa com deficiência visual... ela sempre vai no horário do almoço, é uma senhora. Então o pessoal já sabe que eu saí para almoçar e que a outra educadora também tá almoçando... o que que eles fazem, eles já sabem, então eles não vão falar "ela não tá". Eles falam assim "você vai aguardar um pouquinho, a educadora foi almoçar, mas daqui a pouco ela vai tá retornando". Eles sentam com ela... já aconteceu até... de essa pessoa, que eu não vou falar qual é o nome, ela chegar e, como era horário do almoço, a educadora que foi se dirigir a ela junto com o pessoal da recepção... percebeu que ela não tinha se alimentado. A gente foi lá e deu um lanchinho pra ela. Ela comeu e ficou me esperando. E aí quando eu cheguei, eu prontamente já fui atendê-la. Mas é um cuidado que você tem que ter. Se você não treinar essa equipe pra isso, como conduzir essa pessoa com deficiência visual, como identificar uma coisa que parece ser super boba, mas que pode dar... que pode dar problema sério... o que é

um pau de selfie e o que é uma bengala.... Já confundiram isso. Treinar a pessoa e falar assim pra ela "tá vendo aquela pessoa? ela tá com uma bengala, que é branca, ela tem perda total de visão. Aquela outra que tem uma bengala verde, que agora tá utilizando muito, ela tem uma baixa visão". Então você entender um pouco sobre isso, quais as diferenças desses campos visuais que essa pessoa tem, como você vai conduzi-la dentro desse espaço, subir uma escada, descer uma escada, entrar dentro do elevador... tudo isso é treinado... como entregar o audioguia pra ela nesse momento que ela vai ser recepcionada... tudo isso tem que ser treinado, a gente tem essa preocupação sim.

**P: Entrando agora um pouquinho mais na parte do espaço, a equipe da Pinacoteca conta com pessoas com deficiência visual no atendimento ao público... seja na recepção, seja na equipe de educação?**

R: Não, a gente não teve essa experiência. Eu tive essa experiência quando eu trabalhei no Museu de Arte Contemporânea da USP. A gente tinha um estagiário que era deficiente visual e ele acompanhava a gente nas visitas, mas na Pinacoteca a gente não tem essa experiência ainda. A gente tem uma educadora surda que atua com a gente, né, que ela lida com as questões voltadas para grupos de educação bilíngue, de surdos e tudo mais, com deficiência visual não.

**P: Você já respondeu um pouquinho, mas pode ter ficado faltando algo... a próxima pergunta é: existe algum procedimento específico para o atendimento de pessoas com deficiências visual, tem algum preparo? Como é quando chega uma pessoa com deficiência visual?**

R: Uma preocupação que a gente tem... a gente tem uma agenda de visitação e essa equipe do educativo que atende esse público, que sou eu e a Luiza... que atende as pessoas com deficiência visual, a gente tem todo um protocolo para esse agendamento. Primeiro, perguntar: de onde que sua instituição está vindo? Se essa pessoa que está no grupo com deficiência visual, por exemplo, uma instituição veio do interior de São Paulo visitar a Pinacoteca, certo? Eu tenho que saber detalhes desse grupo: tem deficiência visual, essa deficiência foi tardia ou não, a pessoa nasceu com deficiência visual... o que faz muita diferença entre a pessoa nascer com a deficiência visual e a pessoa ter adquirido tardiamente essa deficiência. Se é uma criança que nunca teve uma experiência educativa dentro do museu, que nunca teve esse processo de fruição. Esses detalhes são importantes pra que a gente possa fazer com que o grupo como um todo possa ter um aproveitamento melhor dessa visita. Então isso tudo a gente tem que perguntar. Se eu tenho um grupo de 10 pessoas, que é o máximo que a gente atende de pessoas com deficiência visual. Dez... porque a gente tem

que ter um olhar muito atento para cada um deles. Se eu tiver cinco com baixa visão e cinco com perda total de visão, a gente vai fazer o procedimento no início da visita... passando os materiais, no caso das pinturas, pra todos poderem compreender, as resinas, as maquetes táteis... e vai ter um momento que a gente vai conduzir essas pessoas que têm baixa visão mais próximas das obras para que elas possam ver se elas conseguem enxergar, qual campo visual delas para elas poderem enxergar essa obra. Eu não posso negar essa percepção dela porque eu estou num grupo pensando na deficiência visual total, entendeu? Eu tenho que ir um por um e pensando na necessidade de cada um. Por isso eu não posso ter somente um educador atendendo esse grupo.

**P: Com certeza, precisa de mais equipe. No caso, chegando na recepção, tem algum procedimento, por exemplo, no grupo... vocês vão estar esperando o grupo e já tem uma metodologia de visita, mas se chega uma pessoa como parte do público espontâneo, né, chegando na recepção do museu, na bilheteria, tem algum procedimento ou alguma orientação?**

R: Então, quando a pessoa vem visitar espontaneamente, normalmente ela vem visitar a Galeria Tátil. Porque a visita pra parte de pintura, das galerias de pintura, ela precisa ser agendada. Então, o que acontece? A pessoa que está na recepção, no balcão de recepção, vai primeiro pensar: essa pessoa tem gratuidade na visita, ela já tem que saber isso. Ela não vai pagar nada pra entrar no museu. Nem ela e nem o acompanhante dela, certo? Aí, posteriormente, perguntar pra ela o que ela vai querer visitar dentro do museu, se ela veio pra visitar a Galeria Tátil. Se ela veio pra visitar a Galeria Tátil, explicar que existem duas possibilidades de visita: ou a visita com o audioguia, ou a visita sem o audioguia. Se ela solicitar o audioguia, entregar o audioguia pra ela e explicar como funciona esse aparelho, dar uma bolsinha pra ela, se ela não tiver como carregar isso. Normalmente é fácil porque é um Ipod, que você coloca preso na blusa. Ela tem que deixar um documento para poder receber esse material, faz a visita. Ao término da visita, ela vai devolver esse material e vai receber um catálogo... só que esse atendente que levou ela até o segundo andar, não vai ficar com ela lá. Ela vai fazer a visita sozinha porque ela tem o piso tátil como caminho. A não ser que ela fale: ah, não, eu vim sozinha, mas eu não quero visitar sozinha, eu quero ter uma visita com um educador, não quero usar o audioguia. Aí o que vai acontecer... essa pessoa da recepção vai procurar o educativo pra ver se a gente vai estar em atendimento naquele horário. Se eu estiver em atendimento, ele vai explicar pra ela que naquele momento não é possível, que ela vai ter que fazer a visita com o audioguia, que ela pode ligar... passa

o folder pra ela, com as informações pra ela ligar e agendar uma visita mais precisa, autônoma depois, entendeu? Autônoma não, com o educador ou ela faz a visita sozinha.

**P: Não estava aqui, mas é um desdobramento... você tem essa percepção sobre o que eles preferem mais, o que as pessoas preferem: se é fazer a visita com audioguia na Galeria Tátil, sem o audioguia ou com o educador? Você tem esse "termômetro"?**

R: Então, no início da Galeria... Um dos motivos que a gente criou a Galeria Tátil é que as pessoas queriam ter autonomia de visitar sozinhas, elas queriam chegar no horário que elas quisessem, visitar no momento que elas quisessem, sem necessariamente serem tuteladas, elas falavam. Era uma demanda dessas pessoas. A gente criou a galeria... fizemos 10 anos de visita... no meio desse processo, muitas pessoas falaram: "ah não, eu quero ter o educador porque o educador vai conversando comigo, porque vão surgindo dúvidas e o audioguia não vai conversar comigo". Ou aquela pessoa quer dialogar durante uma visita, entendeu? ela não quer ficar só ouvindo as informações. Apesar de que essa visita do audioguia não é uma visita que simplesmente despeja informações. Ela vai sendo uma visita interativa, a gente pensou muito bem esse audioguia para que ele pudesse ter essa interação. É como se tivesse uma visita mesmo com um educador ali acontecendo, entendeu? Tem o tempo de pausa, tem o tempo para ela poder tocar nas obras calmamente, a gente tem uma trilha... ela foi pensada de um jeito muito especial, muito carinhoso... assim... pra essa pessoa se sentir realmente no tempo dela de visita no museu.

**P: Então de uma certa forma existe essa demanda das pessoas de ter a presença do educador, né? Do diálogo...**

R: Tem, tem, é muito grande. Algumas não querem e outras preferem. Então não dá pra fechar e falar assim: olha, a visita é sozinha. Não é. Depende muito.

**P: Mas tem essa demanda, já é um indicativo, né? Tem o audioguia, mas também tem a demanda, a procura pelo educador. Bom, você já falou um pouquinho, mas se você puder *linkar* agora... o que então a Pinacoteca oferece para pessoas com deficiência visual? Tanto em recursos, você já falou de maquetes táteis, de reproduções em relevo, tridimensionais também, né? Acho que tem mais relevo de pintura, tridimensional de algumas esculturas.... Além de recursos, se tiver destaque de algumas ações educativas, cursos, oficinas... o que você diria, assim, que atende as demandas das pessoas com deficiência visual?**

R: A gente não tem um curso... por exemplo, pro Museu de Arte de São Paulo, o MAM, ele tem oficinas para pessoas com deficiência visual. A Pinacoteca não tem uma oficina, ela teve um

curso de fotografia para pessoas com deficiência visual. Depois eu posso falar um pouquinho mais sobre isso. A gente tem as visitas, tanto visitação com grupos agendados de pessoas com deficiência visual ou visitação autônoma, que é o caso da Galeria Tátil. E a gente tem a possibilidade de profissionais que atuam com deficiência visual e trabalham com essa questão de inclusão poderem ser alunos do nosso curso Ensino da Arte na Educação Inclusiva. Então a gente tem que ter nesse curso os materiais, as apostilas que a gente vai utilizar... a gente tem que pensar ele dentro dessa demanda também. No curso, a gente tem audiodescrição, tem aula com a L via, então a gente já meio que prepara... por exemplo, se essa edição do curso tiver uma pessoa com deficiência visual, eu já tenho que ter uma demanda para todos os professores que vão estar envolvidos nesse curso para eles prepararem a aula deles já pensando nisso. O que a gente tem são as visitas espontâneas na Galeria Tátil, as visitas com grupos agendados nas galerias no geral para visitação do acervo e tem o curso de formação. Em 2015, no finalzinho de 2015, se não me engano, em agosto, acho que foi 2015. Estou meio em d vida, mas posso te passar depois essas datas direitinhos. A gente teve um curso de fotografia para pessoas com deficiência visual. Esse curso foi... a gente selecionou 10 pessoas com deficiência visual, pessoas que tinham baixa visão e pessoas que tinham perda total de visão. Elas se inscreveram nesse curso e frequentaram algumas aulas do curso. Se não me engano, não lembro de chegaram a ser 8 aulas ou não, mas eu tenho tudo isso e posso te passar em termos de número de aulas. Após essas aulas, que foram feitas a partir dos materiais sensoriais que a gente tinha de visitação, com grupos de visitação junto com o professor chamado João Kulcs r... esse professor... ele dava aula de fotografia para cegos no SENAC. A gente convidou ele pra, junto com a nossa equipe, poder pensar essa possibilidade desse curso. Após fazerem esse curso, eles visitaram o acervo, desfrutaram dos materiais multissensoriais que a gente tinha e também trabalharam muito com essa questão da memória que eles tinham desse prédio... antes de algumas pessoas perderem a visão ou pessoas que já tinham perdido a visão e que tinham memória desse prédio, o que que eles recordavam disso, como era o ambiente ao redor desse prédio. E aí eles fizeram uma série de ensaios fotográficos. Cada um escolheu uma fotografia que eles tiraram e essa foto foi passada para o relevo. Aí teve o depoimento deles em QR Code, audiodescrição dessas imagens... e foi uma exposição que teve um impacto muito grande na média, foram muitas matérias feitas sobre essa exposição. Chama Transver: fotografias feitas por pessoas com deficiência visual. Depois você pode procurar. Agora oficinas... a gente tem vontade de desenvolver sim. Apesar do prédio ser enorme, a gente tem problema de espaço ali, n . Espaço e também equipe... porque é uma demanda diferenciada. Talvez, quando a gente tiver a Pinacoteca Contemporânea, que está para vir aí... É que agora mudou tudo, n , com essa história dessa

pandemia. Tudo mudou, a gente não sabe mais o que vai acontecer, vai ter que esperar um tempo. Pode ser que a gente venha a desenvolver algumas outras questões sim futuramente.

**P: Vocês têm também o audioguia com audiodescrição, né?**

R: A gente tem o audioguia, o catálogo em tinta e em braile, que é entregue para a pessoa com deficiência visual. Por exemplo, se ela visita em grupo... cada um do grupo recebe esse catálogo. Ela pode fazer dois caminhos. Ela pode visitar a Galeria Tátil, ela vai receber os catálogos da Galeria Tátil, no término da visita. Um grupo de 10 pessoas, 10 pessoas vão receber. Se ela tiver fazendo visita na parte de galeria de pintura, a gente vai selecionar duas salas para fazer a visita porque é um tempo de visita que é longo. E aí ela vai receber também esse material no término da visita, então ela vai poder levar esse material pra casa. Só recebe esse catálogo quem participou da visita no museu. Não tem porque a pessoa solicitar esse catálogo pra gente sem que ela tenha participado disso.

**P: Na última vez que eu fui à Pinacoteca, no ano passado, também tinha o que estou chamando de reprodução tátil de algumas pinturas... eu vi umas 3 ou 4. Você comentou que as visitas para além da Galeria Tátil são com os educadores, mas eu vi esses recursos...**

R: O que acontece... a gente pensou na possibilidade de pessoas que não tenham deficiência visual também possam entender como acontece essa dinâmica, já que elas não podem tocar nas obras da Galeria Tátil. Então em algumas exposições temporárias, a gente fez esse convite para essas pessoas, a gente teve uma reprodução em relevo de uma das pinturas... a gente teve na exposição do Di Cavalcanti e a gente teve também agora na exposição da coleção Roger Wright. A gente tem uma reprodução em relevo e a gente tem um texto que convida a pessoa que enxerga, o vidente, a poder fazer uma exploração tátil naquela obra que está ali exposta e entender como é essa lógica de você ver e perceber ela por questões sensoriais também, entendeu? Então a gente começou a estender um pouco mais essa possibilidade de exploração, que não fica só para pessoas com deficiência visual, mas também fica pra um grupo de videntes... que está vendo essas pessoas ali no espaço, participando dessas questões. Se você me solicitar, eu posso mandar um pouco mais sobre isso.

**P: Em relação à pesquisa de público, existe algum tipo de avaliação sobre as experiências dos visitantes, sobre os recursos acessíveis de uma forma geral, sobre atendimento, sobre as ações que vocês desenvolvem realizadas junto às pessoas com deficiência? No caso, o foco agora é deficiência visual.**

R: Sim, tem. A gente tem uma avaliação que é aplicada na Galeria Tátil, perguntando sobre os recursos que foram utilizados, audioguia, quais foram as obras que eles mais se interessaram... Eu não tenho como ter acesso a isso agora porque eu teria que ter acesso remoto ao museu e eu não estou tendo. De repente você pode solicitar isso para a Gabriela porque ela é que está com esse acesso remoto. A gente tem o modelo de avaliação da Galeria Tátil e tem também uma avaliação que a gente aplica para grupos gerais, esse grupo geral... na verdade ele não é bem geral, tem uma restrição, que são grupos de visitas continuadas porque é muito complexo você avaliar uma experiência no museu. A pessoa chegou lá... de repente essa experiência até não deu certo e você vai fazer a avaliação disso. Então a gente aplica as avaliações no Programa para todos os grupos com deficiência em visitas continuadas, que é um processo que a gente tem feito muito. Então o grupo visita o museu mais de quatro vezes ao ano, o mesmo grupo. Aí essas avaliações são aplicadas em cada módulo.

**P: E a cada visita deles é uma proposta diferente, objetivo diferente?**

R: Com deficiência visual, a gente conseguiu fazer somente com um grupo do interior de São Paulo. Era um grupo de adultos homens que faziam uma oficina plástica junto com uma artista plástica no interior, que eu não lembro o nome do local direitinho. Acho que eram de Jundiaí, então eles vinham de Jundiaí de trem para a Pinacoteca, então eles fizeram mais de uma visita ao museu. Se eu não me engano, umas três ou quatro. Primeiro para conhecer um pouco sobre o prédio. Aí quando a gente trabalhou sobre o prédio com eles e ao redor, a gente trabalhou com o parque lá da região, que é um patrimônio que eles tinham muito importante.... A gente trabalhou com o Parque da Luz. Depois, conhecer a maquete do prédio, trabalhar o histórico... Depois a gente começou a fazer percursos de sala com eles, aí foi na parte de pintura... até chegar na parte de escultura. E ao término disso, eles passaram por um processo de avaliação. Só tenho como resgatar isso para você quando eu voltar para o museu.

**P: A próxima pergunta tem a ver com isso. Em caso de ter avaliação, o que as pessoas apontam como mais significativo e menos significativo. Na verdade, imagino que a pesquisa de vocês deve ser mais profunda, mas agora é mais para tentar perceber assim o que elas...**

R: Na verdade, a pergunta é feita assim "o que você mais gostou da sua visita à Pinacoteca?". A gente pensa a visita assim de uma forma mais aberta porque a pessoa não fica com muito medo de ficar respondendo... porque ela pode responder de forma escrita, como ela pode gravar ou ela pode de repente expressar isso em um desenho... No caso de uma pessoa com deficiência visual já um pouco mais complexo, mas não é impossível. Então a gente deixa uma pergunta para que ela tenha várias possibilidades de expressão para resposta. Tem pessoas

que ficam com receio de responder. A gente pode gravar e depois transcrever ou a gente pode mandar essas perguntas para o responsável do grupo e ele aplicar essa pergunta, que é uma coisa que a gente não gosta muito, a gente prefere que seja aplicado junto com a gente porque se não a pessoa pode começar a conduzir a resposta e não é isso que a gente quer. Com deficiência visual acaba sendo um pouco mais difícil pelo fato da gente não conseguir fazer muitas visitas continuadas com eles. A gente fez com um grupo de crianças do Padre Chico, mas não foi o mesmo grupo sempre. Eu acho que a gente fez visitas com a mesma série porque eles têm uma dificuldade muito grande porque eles estão naquele âmbito escola, então tem a dificuldade de deslocamento de várias vezes ao museu. Tem grupos que a gente consegue fazer isso... quando eles estão ligados a uma oficina, que não seja no âmbito de educação formal, a gente consegue fazer isso. Quando eles são ligados na educação formal é complexo porque existe toda uma logística para saída deste grupo da instituição.

**P: A última pergunta é parecida, mas é a partir da sua percepção e não resultado de pesquisa junto ao público. A partir da sua experiência junto ao público e acessibilidade, o que você destaca como sendo (mais) significativo para a experiência/ fruição cultural das pessoas com deficiência visual na Pinacoteca e o que você considera que talvez é menos aproveitado?**

R: O que eu percebo muito é quando eles tocam a maquete tátil do prédio. Existe um encantamento muito grande.. porque de reconhecer esse espaço que todo mundo fala e que ele tem uma ideia que é uma ideia meio abstrata. O que é a Pinacoteca? O próprio nome do museu... o que quer dizer Pina? A gente diz Pina é pintura, coteca é coleção. Porque não é museu, não está escrito "museu de arte". Já começa pelo nome. E quando eles exploram esse prédio, existem um encantamento muito grande porque conforme ele vai andando nesse prédio, até chegar onde está essa maquete, existem um caminho que é longo... ele começa a perceber que tem mudança de piso, que tem uma equalização grande... eles percebem que o prédio tem um pé direito muito alto... porque como som reverbera nesse espaço... Essa coisa da gente passar por dentro do octógono, que às vezes quando o dia está ensolarado... eles percebem uma luz no corpo. Então existe todo um mistério em relação a esse prédio. É um momento que é muito encantador para o grupo porque eles ouvem muito falar sobre o Parque da Luz. A gente tem a maquete do prédio e tem a maquete dos arredores. A gente tem prédio do Museu da Língua Portuguesa... eles sempre perguntam muito ali porque a gente tem a Estação da Luz na nossa maquete dos arredores. Aí eles ficam assim "então foi esse que pegou fogo?". Tem um monte de questões que surgem ali na no momento de conhecer um pouco sobre a história do prédio. E alguns que já enxergaram... eles se envolvem muito quando eles conseguem reencontrar uma obra que eles já puderam ver um dia. O Violeiro é uma das obras

do Almeida Junior que eles se encantam muito porque eles falam assim "ah, eu já tive oportunidade de ver essa obra". O meu marido mesmo, o meu marido tem deficiência visual e conheci ele no museu... fazendo uma visita. Ele enxergava e perdeu a visão. Então ele visitou esse prédio... ele fazia Turismo, era turismólogo. Ele conhecia esse prédio de uma forma. Depois ele teve que reconhecer esse prédio de uma outra forma, então surgiu um encantamento muito grande pra ele. Ele fica relembando situações... "Eu lembro que quando eu visitei esse prédio, eu lembro onde ficava essa obra nessa sala, então agora ela está em outra sala? onde ela está agora?". A gente conversa muito sobre isso. Uma coisa que também acontece muito é eles ouvirem falar muito de um artista e eles não terem ideia da produção desse artista. Aí numa apresentação que a gente tem do material sensorial da maquete, dos relevos... eles falam "então é dessa forma que essa artista trabalha?". É uma pena que a gente não tem tantas obras de um mesmo artista. O Almeida Junior é o que a gente mais tem, então a gente tem a "saudade", o "caipira picando fumo", o "violeiro", então a gente consegue ter um conjunto de obras que dá pra eles terem uma ideia estética da produção desse artista. Se a gente conseguisse ter pelo menos três obras de cada artista, seria o ideal... ou mais para eles poderem construir essa imagem de como esse artista produz.

**P: Pelo que eu li no material da Elisa Assis, de 2012, não sei se teve atualização, está marcando que vocês têm recursos de acessibilidade para trinta pinturas.**

R: Ah, hoje tem mais. Tem bem mais. A gente produziu um número "x" de pintura no processo de implantação. À medida que os anos foram passando, a gente foi pedindo mais patrocínio e foi aumentando esse acervo.

**P: E tem algo que percebe que menos utilizado, menos aproveitado, que marque menos a visita?**

R: Na Galeria Tátil, a gente tem o mapa tátil da galeria, mas a gente não utiliza tanto esse mapa quando a gente está em visita com grupo porque se eu for ficar muito tempo dentro do mapa tátil, eu perco tempo de visita. Esse mapeamento tátil acontece dentro da própria visita. Se eu tenho um grupo com dez pessoas com deficiência visual e eu tenho doze esculturas, as dez pessoas precisam passar pelas esculturas. Se eu ficar no mapa tátil explicando "olha, está vendo aqui, tem essa obra, aí vocês vão fazer esse percurso". Esse percurso vai acontecer naturalmente no processo da visita. É um recurso que a gente tem para utilização individual, mas com grupo não há necessidade. A gente faz uma descrição desse espaço no geral para eles se situarem.

**P: Tem alguma coisa que você gostaria de destacar que ficou faltando, que você acha que vale a pena mencionar?**

R: Tem uma coisa que sim. Tem uma coisa que já me emocionou no processo da visita. Ao longo desses anos que trabalho com pessoas com deficiência visual, uma das pessoas que avaliou a galeria Tátil pra gente foi a Jucilene Braga. Uma coisa que me emocionou muito porque eu conheci a Jucilene criança no Padre Chico. E eu nunca imaginava que a Jucilene um dia ia ser minha consultora, adulta, formada na área de... se eu não me engano ela é formada em Pedagogia. E ela nos auxiliou nesse processo, então, ver algumas crianças com deficiência quando eu comecei minha carreira nessa área... Elas estavam ali, aprendendo e o quanto foi importante para elas visitar esse espaço cultural. Elas não diretamente trabalham nesses espaços culturais, mas seguiram caminho profissional que faz com que elas sejam consultoras. Então para mim isso é um retorno muito positivo. É uma experiência que você não pode negar para o outro porque, a partir disso, ele pode desenvolver várias percepções no mundo em que ele vive. Se essa experiência é negada, você não vai permitir que isso aconteça.

**P: Esse relato é realmente muito interessante. Você pode contribuir para esse processo de um museu mais inclusivo E também depois de um tempo a pessoa vira uma profissional que pode prestar um serviço pro museu.**

R: E ela vem com uma percepção crítica em relação a isso. Daquela vez, ela foi lá e usufruiu desse espaço, ela foi recebendo essas informações. Agora não. Ela tá ali com posicionamento crítico sobre aquilo, questionando sobre a forma como eu estou trabalhando com isso, me ensinando a repensar esse espaço. Então isso é uma coisa muito gratificante nesse processo.

**P: Margarete, por enquanto agradeço muito a sua participação.**

## **ANEXO 10 - ENTREVISTA: CENTRO DE MEMÓRIA DORINA NOWILL**

### **Bloco 1: Dados gerais**

1. Nome completo: Silvia Madjarof Sertorio
2. Formação: Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais – Especialista em Cultura e Arte.
3. Setor: Centro de Memória
4. Função: Educadora Cultural
5. Data: Atuo nesse cargo desde 05/01/2014

### **Bloco 2: Planejamento da acessibilidade**

1. O museu recebe pessoas com deficiência visual com frequência? Sim
2. Quando a instituição desenvolve novas ações para o público, leva em consideração as demandas das pessoas com deficiência visual? Poderia explicar um pouco? Sim
3. O museu realiza parcerias para desenvolver projetos e ações voltados para pessoas com deficiência visual? Em caso, positivo, poderia citar exemplos? Sim, como estamos dentro de uma instituição que atende público com deficiência visual, tudo que é proposto é pensando na interação do público com deficiência visual ou não. Trocamos com as demais áreas da Fundação, dicas e informações específicas para a interação do público com deficiência, exemplo, pedagogas especializadas, terapeutas ocupacionais, revisores de braille.
4. A instituição consulta pessoas com deficiência visual quando planeja ações acessíveis? Sim, em muitos casos eles são envolvidos na ação.
5. Existe formação para as equipes sobre atendimento de pessoas com deficiência visual? Como é realizada? Sim, geralmente trabalhamos com textos históricos e o próprio histórico da Instituição. A pessoa passa por alguns setores da Fundação e pode conversar com os profissionais e com várias pessoas com deficiência visual. Eu como educadora da casa oriento a formação e também trabalhos as dinâmicas que usamos nas visitas, como experiências de jogos e desenhos vendados, associação de texturas e cheiros, andar de bengala, descrever objetos.

### **Bloco 3: As pessoas com deficiência visual no espaço**

1. A equipe da instituição conta com pessoas com deficiência visual no atendimento ao público, seja na recepção ou na equipe de educação? Se sim, elas costumam atender o público com deficiência visual? Na recepção pessoas com deficiência pois é uma equipe terceirizada e que compartilha a recepção com toda a Fundação Dorina. No centro de Memória não temos educador fixo com deficiência, eles são contratados por projetos específicos quando acontecem. No entanto, nós temos apoio e eventualmente a participação de pessoas com deficiência guiando visitas, mas eles não são exclusivos do Centro de Memória e sim de outros setores da Fundação.
2. Existe algum procedimento específico para o atendimento de pessoas com deficiência visual? Sim, no geral explico como funciona a visita e peço que ela vá me orientando o quanto ela precisa de auxílio. O Trajeto acompanha muito descrição também. Pela experiência que tive nesses anos como educadora é importante, logo no início da exposição, procurar deixar a pessoa o mais confortável possível, algumas pessoas que possuem um bom resíduo visual não necessitam tanto de descrição ou apoio tátil guiado, eles se aproximam e caminham de forma mais autônoma nos ambientes e bancadas com os objetos. Outras pessoas, cegas, gostam de tocar tudo que está na exposição, mas algumas não fazem questão de tanta exploração tátil, por via de regra eu pergunto e vou deixando a pessoa bem à vontade conforme ela demonstra interesse e curiosidade.

3. O que o museu oferece para as pessoas com deficiência visual (recursos, ações etc.)? Textos em braile e fonte ampliada, audioguia, maquete tátil, localizadores sonoros e táteis, acompanhamento de educador com treinamento para atendimento de pessoas com deficiência visual.

#### **Bloco 4: Pesquisas junto ao público**

1. Existe algum tipo de avaliação sobre experiências dos visitantes, recursos acessíveis, atendimento e ações diversas realizadas junto às pessoas com deficiência visual? Sim, após a visita nós aplicamos um questionário de avaliação.

2. Em caso positivo, o que as pessoas apontam como mais e menos significativo na instituição? A sala da fundadora acaba gerando sempre muito impacto e a produção dos livros em braile. O Centro de memória e a exposição são uma parte da visita. Com acompanhamento as pessoas podem conhecer outros setores da Instituição e um deles é a imprensa braile onde é possível ouvir, sentir a vibração e tocar nos equipamentos.

3. A partir de sua experiência junto ao público, o que destaca como sendo significativo para a experiência/ fruição cultural das pessoas com deficiência visual no museu? E o que é menos aproveitado pelas pessoas? Penso que o trabalho com maior fruição, nesse contexto, é com a interação. Construir percursos de apreciação e formular conceitos, sobretudo para quem não tem absolutamente nada de visão, depende da troca e do uso de outros sentidos. A fruição não existe se ficar restrita a visão, imagine trabalhos bidimensionais de pintura, gravura ou desenho, mesmo que seja por meio de audiodescrição o uso do sentido da audição é que lhe confere aproximação com a obra, claro que uma boa descrição também fará grande diferença, mas o uso dos outros sentidos é que pode garantir o fruir da arte e da apreciação estética.

Penso que o que pode ser perdido são obras arquitetônicas ou instalações. Muitas delas geram um grande impacto quando observadas de longe tanto pelo seu tamanho, volume e composição, descrever ou mesmo tocar uma parte delas não garante o impacto de vê-las na sua monumentalidade.

## ANEXO 11 - ENTREVISTA: MUSEU DA INCLUSÃO

1. **Nome completo**  
Renata Cittadin
2. **Formação**  
Graduação em Museologia  
Mestre em Museologia
3. **Setor**  
Processos Museológicos
4. **Função**  
Museóloga
5. **Data**  
19.09.2020

### Bloco 2: Planejamento da acessibilidade

1. **O museu recebe pessoas com deficiência visual com frequência?**  
Um grande desafio para o museu é que apesar de sermos um espaço que musealizou a luta por direitos das pessoas com deficiência, o menor número do nosso público são pessoas com deficiência. As pessoas com deficiência que frequentam o museu são as pessoas que estão habituadas a ir à Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SEDPCD) e recentemente com o diagnóstico para o reposicionamento institucional do museu, com a aproximação dos coletivos de pessoas com deficiência o número tem aumentado consideravelmente. Uma questão que talvez seja interessante registrar aqui cabe registrar aqui é que realizamos em fevereiro deste ano uma atividade de avaliação os recursos de acessibilidade da exposição de longa duração com um grupo de cegos e baixa visão, uma das participantes frequentava o museu desde a sua abertura, e só no dia da visita ela entendeu do que se tratava o museu e soube que a edificação do museu era redonda.
2. **Quando a instituição desenvolve novas ações para o público, leva em consideração as demandas das pessoas com deficiência visual? Poderia explicar um pouco?**  
Sim, atualmente pensamos acessibilidade como um elemento constitutivo de nossas ações e não apenas nas ações com o público. Tenho pensado em acessibilidade em todos os âmbitos dos processos museológicos, tenho chamado de processos museológicos acessíveis. Pensamos em como documentar, pesquisar, nos reunir, conceber exposições, atender pesquisadores todas as ações inerentes a cadeia operatória da museologia de forma menos excludente.
3. **O museu realiza parcerias para desenvolver projetos e ações voltados para pessoas com deficiência visual? Em caso, positivo, poderia citar exemplos?**  
Os projetos mais recentes que posso citar são duas cooperações técnicas que estamos trabalhando para beneficiar não apenas o museu e nosso público, mas os museus e o campo museológico de modo geral. Estamos atuando em uma cooperação com a LAMARA Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual para o

desenvolvimento um projeto de acessibilidade de um sistema de gerenciamento de acervos livre acessíveis. Pois esperamos que as pessoas com deficiência visual acessem também possam documentar suas memórias.

Temos parcerias com a Fundação Dorina Nowill para cegos, fazemos parte do grupo de leitura e estamos estudando uma cooperação de pesquisa entre nossos acervos.

Também temos uma parceria com a Organização Nacional de Cegos do Brasil que no período da pandemia vem atuando com a veiculação das atividades do museu. Essas ações só são possíveis quando o museu está aberto a compreender qual é o seu papel na sociedade e entender qual é o seu modelo museológico, pois até o museu da inclusão pode ser conservador.

**4. A instituição consulta pessoas com deficiência visual quando planeja ações acessíveis?**

Nosso campo de atuação não nos permite pensar dessa forma, todas as nossas ações devem ser acessíveis. Nosso desafio hoje é avaliar e medir quais os nossos níveis de exclusão mesmo adotando o maior número de tecnologias assistivas. Temos consciência que alguém sempre estará ou se sentirá excluído de alguma maneira.

**5. Existe formação para as equipes sobre atendimento de pessoas com deficiência visual? Como é realizada?**

Como estamos vivendo um processo de transição, ainda não conseguimos realizar formações internas por conta da pandemia provocada pela COVID-19. Temos um cronograma de formações setoriais que elegemos. Mas essa condição de isolamento não impediu nosso processo de escuta as deficiências mais marginalizadas e menos atendidas como é o caso das doenças raras, autistas e etc.

**Bloco 3: As pessoas com deficiência visual no espaço**

**1. A equipe da instituição conta com pessoas com deficiência visual no atendimento ao público, seja na recepção ou na equipe de educação? Se sim, elas costumam atender o público com deficiência visual?**

O museu possui na equipe pessoas com deficiência visual, mas não atuam no setor educativo. Temos um jornalista que no período da pandemia mediou as lives do museu realizadas nas redes sociais e recentemente tivemos a contratação de um historiador.

**2. Existe algum procedimento específico para o atendimento de pessoas com deficiência visual?**

O setor educativo do museu não possui projetos educativos ou protocolos, estamos estruturando a nossa política de educação museal desde janeiro de 2020. O Museu possuía um guia de orientação ao monitor, a noção de mediação não era estabelecida e nem a noção de educação museal, os funcionários lotados no setor educativo cumpriam uma função de setor de adaptação e improviso para a acessibilidade as exposições temporárias de terceiros.

Até que nossos protocolos sejam amadurecidos, nossa nova exposição de longa seja montada, já que a atual possui muitas barreiras, nossa conduta é sempre termos o serviço de descrição ou guia-interpretação em casos de surdos-cegos.

**3. O que o museu oferece para as pessoas com deficiência visual (recursos, ações etc.)?**

A nossa exposição de longa duração foi montada em 2009 e mesmo não sendo tão antiga ela possui poucas tecnologias assistivas para pessoas com deficiência visual. Temos alguns textos em braile, alguns em audioguia. A maior parte do conteúdo da exposição não é acessível para públicos com alguma deficiência visual, os textos são pequenos, não possuem contraste, são altos.

**Bloco 4: Pesquisas junto ao público**

**1. Existe algum tipo de avaliação sobre experiências dos visitantes, recursos acessíveis, atendimento e ações diversas realizadas junto às pessoas com deficiência visual?**

Não

**2. Em caso positivo, o que as pessoas apontam como mais e menos significativo na instituição?**

**3. A partir de sua experiência junto ao público, o que destaca como sendo significativo para a experiência/ fruição cultural das pessoas com deficiência visual no museu? E o que é menos aproveitado pelas pessoas?**

Acredito que recursos que promovam a autonomia e a equidade são fundamentais. Vejo que todos os recursos disponíveis podem ser bem aproveitados, o que falta é a compreensão da manipulação e a gestão dos recursos. Existe uma noção equivocada de que todas as pessoas com deficiência são iguais e possuem as mesmas demandas e isso é um grande equívoco. Outro grande equívoco é implantar nos projetos a acessibilidade de forma adaptada, se a acessibilidade não for pensada de forma integral nunca teremos autonomia e equidade, pois sempre será um improvisado e nunca pensado efetivamente para não ser excludente. Um texto de uma exposição de não for pensado no momento da concepção para ser curto com uma leitura facilitada, no final será difícil fazer o contraste. Não há necessidade imprimir todos os textos de uma exposição em Braile, nem todo cego lê braile, e nem toda informação é interessante em braile. Dependendo do conteúdo ou do conceito expográfico uma narração ou audiodescrição são muito mais interessantes. Porque o cego tem que ler um mega texto em braile se ele pode querer ler só uma parte. Isso é inclusão, que é um conceito totalmente diferente de acessibilidade. Acessar nem sempre é garantia de incluir. Garantir as tecnologias assistivas não é garantia de inclusão ou garantia de que públicos com deficiência se sintam representados ou acolhidos nos museus.

## ANEXO 12 - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO/ INDICADORES	UNIDADE DE CONTEXTO
Dimensão atitudinal	Formação das equipes	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Conversa com profissionais dos setores da instituição (1);</li> <li>● Conversas com pessoas com deficiência visual (3);</li> <li>● Conversas com especialistas e associações de atendimento a pessoas com deficiência visual (1);</li> <li>● Experiência prévia em outra instituição (1);</li> <li>● Curso de audiodescrição (1);</li> <li>● Formação interna para equipes em contato com o público (2);</li> </ul>	<p>"Com os especialistas envolvidos [para formação da equipe durante o processo de criação do museu] e com as próprias pessoas das instituições, com ACAPO [Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal] (...) com a Associação Portuguesa de Deficiência e também fomos procurando sim ter alguma formação."</p> <p>"(...) contactamos diretamente com as pessoas e a melhor aprendizagem eles próprios nos dizem como é que é a melhor forma de orientar uma pessoa cega, uma pessoa com baixa visão." (MCCB)</p> <p>"A pessoa passa por alguns setores da Fundação e pode conversar com os profissionais e com várias pessoas com deficiência visual. Eu como educadora da casa oriento a formação e também trabalhos as dinâmicas que usamos nas visitas, como experiências de jogos e desenhos vendados, associação de texturas e cheiros, andar de bengala, descrever objetos." (CMDN)</p> <p>"(...) essa condição de isolamento não impediu nosso processo de escuta as deficiências mais marginalizadas e menos atendidas (...) " (MI)</p> <p>"a equipe (...) já vem com uma experiência prévia de atendimento de pessoas com deficiência (...) já trabalhávamos em atendimento de pessoas com deficiência no Museu de Arte Contemporânea da USP."</p> <p>"a gente teve uma formação que se estendeu para outros integrantes do Núcleo de Ação Educativa (...) uma formação sobre audiodescrição com a Livia Motta."</p> <p>"(...)tem a formação interna do Programa e tem também a formação dos educadores do Núcleo de Ação Educativa (...)."</p> <p>"programa de consciência funcional, que (...) promove encontros de reciclagem (...) pra trabalhar com a equipe de atendimento, com a equipe de limpeza, a equipe de vigilantes do museu, seguranças". (PINA)</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>● Envolvimento das pessoas com deficiência visual nas ações (1)</li> <li>● Sempre considera acessibilidade às pessoas com deficiência visual (1)</li> <li>● Sondagem junto ao público (3)</li> <li>● Acessibilidade dos processos museológicos como um todo (1)</li> <li>● Consultorias de pessoas com deficiência visual para exposições. (2)</li> </ul>	<p>"pessoas cegas, pessoas com baixa visão (...) essa validação foi importantíssima, sobretudo no que toca a escolha e posicionamento dos objetos para tocar (...) da barra tátil no chão, a mesma situação para as legendas em braile, a mesma situação para a informação a conter no audioguia."</p> <p>"Mesmo após o próprio museu ter aberto ao público (...) continuamos a contactar com estas pessoas para que nos continuem a validar ou a dar outras propostas porque, enfim, a solução boa para um nem sempre é uma solução boa para outro (...)."</p> <p>"(...) temos os questionários para a área da inclusão. E (...) procuramos que as pessoas nos informem e nos deem elementos para que possamos melhorar (...) para tentarmos elencar recursos ou novos recursos que possam ser mais acessíveis, mais abrangentes possível para toda a gente." (MCCB)</p> <p>"(...) em muitos casos eles são envolvidos na ação." (CMDN)</p> <p>"como estamos dentro de uma instituição que atende público com deficiência visual, tudo que é proposto é pensando na interação do público com deficiência visual ou não."</p> <p>"após a visita nós aplicamos um questionário de avaliação." (CMDN)</p> <p>"Tenho pensado em acessibilidade em todos os âmbitos dos processos museológicos, tenho chamado de processos museológicos acessíveis. Pensamos em como documentar, pesquisar, nos reunir, conceber exposições, atender pesquisadores todas as ações inerentes a cadeia operatória da museologia de forma menos excludente." (MI)</p> <p>"(...) quando a gente implantou a Galeria Tátil e agora nessa nova implantação a gente vai ter consultoria de pessoas com deficiência (...) são eles que vão dar esse feedback pra gente se está funcionando ou não, (...) a gente vai chamar (...) dois consultores cegos nessa galeria. (...) um vai de certa forma participar um pouco mais do processo, e o outro (...) vai avaliar pós-visita" (PINA)</p> <p>"A gente tem uma avaliação que é aplicada na Galeria Tátil (...) sobre os recursos que foram utilizados, audioguia, quais foram as obras que eles mais se interessaram (...) e tem também uma</p>
--	--	--	---

			avaliação que a gente aplica para grupos gerais (...) a gente aplica as avaliações no Programa para todos os grupos com deficiência em visitas continuadas, que é um processo que a gente tem feito muito. Então o grupo visita o museu mais de quatro vezes ao ano, o mesmo grupo. Aí essas avaliações são aplicadas em cada módulo." (PINA)
	Profissional com deficiência visual na área educativa e/ ou recepção	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Já contaram com pessoas com deficiência visual na equipe (1)</li> <li>• Educadores com deficiência visual contratados por projetos (1)</li> <li>• Apoio de pessoas com deficiência visual de outros setores (1)</li> <li>• Pessoas com deficiência visual, mas não na área de atendimento ao público (1)</li> <li>• Nunca tiveram pessoas com deficiência visual na equipe (1)</li> </ul>	<p>Já contamos com jovens estagiários, um jovem com baixa visão, formado na área de História (...) teve um contrato de trabalho conosco através do centro de emprego e formação profissional, que também estimula a participação destas pessoas na vida ativa. E vários outros estágios, também, com um outro jovem completamente cego"</p> <p>"(...) ele que tem uma bengala, ele que sabe ler braile, ele que sabe utilizar o audioguia, procuramos que fosse ele a fazer essa explicação, exemplificando para quem nos visita, para uma criança, por exemplo... aquela experiência, com certeza, não vai sair da sua cabeça tão depressa." (MCCB)</p> <p>"No centro de Memória não temos educador fixo com deficiência, eles são contratados por projetos específicos quando acontecem. No entanto, nós temos apoio e eventualmente a participação de pessoas com deficiência guiando visitas, mas eles não são exclusivos do Centro de Memória e sim de outros setores da Fundação."(CMDN)</p> <p>"O museu possui na equipe pessoas com deficiência visual, mas não atuam no setor educativo. Temos um jornalista que no período da pandemia mediu as lives do museu realizadas nas redes sociais e recentemente tivemos a contratação de um historiador." (MI)</p> <p>Não, a gente não teve essa experiência (...) A gente tem uma educadora surda que atua com a gente, né, que ela lida com as questões voltadas para grupos de educação bilíngue, de surdos e tudo mais, com deficiência visual não. (PINA)</p>
	Desenvolvimento de parcerias	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dentro da própria Fundação para melhoria dos serviços oferecidos ao público. (1)</li> <li>• Com instituições especializadas para melhoria da acessibilidade dos</li> </ul>	<p>"Íamos recebendo essa formação também com os especialistas envolvidos e com as próprias pessoas das instituições, com a ACAPO."</p> <p>"(...) é essencialmente a ACAPO. Em termos de estrutura organizada é aquela com a qual trabalhamos mais, com as suas delegações e são muitas a nível do território nacional. E já fomos visitados ou tivemos atividades em que participaram diversas delegações a nível nacional." (MCCB)</p>

		<p>processos museais. (2)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para realizar visitas no museu com pessoas vinculadas a instituições. (2)</li> </ul>	<p>"Trocamos com as demais áreas da Fundação, dicas e informações específicas para a interação do público com deficiência, exemplo, pedagogas especializadas, terapeutas ocupacionais, revisores de braille." (CMDN)</p> <p>"(...) Estamos atuando em uma cooperação com a LARAMARA - Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual - para o desenvolvimento de um projeto de acessibilidade de um sistema de gerenciamento de acervos livres acessíveis. Pois esperamos que as pessoas com deficiência visual acessem também e possam documentar suas memórias."</p> <p>(...) parcerias com a Fundação Dorina Nowill (...) fazemos parte do grupo de leitura e estamos estudando uma cooperação de pesquisa entre nossos acervos.</p> <p>Também temos uma parceria com a Organização Nacional de Cegos do Brasil que no período da pandemia vem atuando com a veiculação das atividades do museu." (MI)</p> <p>"parceria com a Fundação Dorina Nowill (...) em relação ao atendimento do público (...) com a Laramara, já teve com outras instituições (...) a URDV. (...) Fundação Dorina tem um curso de perfume e eles iam ao Museu visitar a Pinacoteca. Por quê? (...) tem essa percepção que eles trabalhavam lá das essências, dos cheiros (...) Dos designs, dos materiais onde vão ficar esse perfume."</p> <p>"O Laramara há um ano (...) levou crianças pequenas de quatro e cinco anos de idade para visitar o museu. Foi um desafio pra gente porque a gente não atende esse grupo, mas a gente resolveu aceitar porque era muito importante para essas crianças e pros pais que eles conseguissem ver que existe um espaço de acesso pra eles, que essas crianças."</p> <p>"em 2009, a gente era muito procurado também pela Fundação Dorina e algumas instituições que estavam muito próximo ao metrô, que é o caso do Laramara e Dorina. (...) Tinha aula de mobilidade nessas instituições. (...) Então esse percurso contava também (...) dentro da aula de mobilidade."(PINA)</p>
Dimensão informacional/comunicacional	Recursos e ações acessíveis	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Textos em braille (4)</li> <li>• Fonte ampliada (1)</li> </ul>	<p>" legendas em braille (...) audioguia."</p> <p>"peças originais (...), réplicas (...). Temos uma reprodução de um hominídeo (...) pequenas réplicas,</p>

onal		<ul style="list-style-type: none"> <li>● Informação em alto-contraste (1)</li> <li>● Audioguia (4)</li> <li>● Maquetes táteis / reproduções (3)</li> <li>● Localizadores sonoros e táteis (1)</li> <li>● Relevos (1)</li> <li>● Acervo disponível para o toque (2)</li> <li>● Catálogo em tinta e em braile (1)</li> <li>● Ações educativas acessíveis (3)</li> <li>● Oferta de cursos externos (1)</li> <li>● Descrição ou guia-interpretação (para surdocegos) nas visitas (1)</li> </ul>	<p>pormenores do Mosteiro da Batalha e as maquetes do Mosteiro."</p> <p>"informação em alto-contraste"</p> <p>"(...) fazemos estas propostas educativas, incluindo também algumas experiências sensoriais (...). É o caso do 'pintar às escuras'." (MCCB)</p> <p>"Textos em braile e fonte ampliada, audioguia, maquete tátil, localizadores sonoros e táteis, acompanhamento de educador com treinamento para atendimento de pessoas com deficiência visual." (CMDN)</p> <p>"Temos alguns textos em braile, alguns em audioguia. A maior parte do conteúdo da exposição não é acessível para públicos com alguma deficiência visual."(MI)</p> <p>"a pintura é algo que, para a pessoa com deficiência visual, ela é imperceptível, então a gente criou essa metodologia, essa didática multissensorial, (...) através das maquetes táteis, dos relevos em resina acrílica de cada uma das pinturas que a gente seleciona"</p> <p>"A gente tem o audioguia, o catálogo em tinta e em braile, que é entregue para a pessoa com deficiência visual. (...) a gente pensou muito bem esse audioguia (...) É como se tivesse uma visita mesmo com um educador (...) Tem o tempo de pausa, tem o tempo para ela poder tocar nas obras calmamente, a gente tem uma trilha (...) pra essa pessoa se sentir realmente no tempo dela de visita no museu."(PINA)</p> <p>"A gente tem as visitas, tanto visita com grupos agendados de pessoas com deficiência visual ou visita autônoma, que é o caso da Galeria Tátil. (...) tem a formação interna do Programa e tem também a formação dos educadores do Núcleo de Ação Educativa"</p> <p>"E a gente tem a possibilidade de profissionais que atuam com deficiência visual e trabalham com essa questão de inclusão poderem ser alunos do nosso curso Ensino da Arte na Educação Inclusiva. (...) A gente teve um curso de fotografia para pessoas com deficiência visual."</p> <p>"nossa conduta é sempre termos o serviço de descrição ou guia-interpretação em casos de surdos-cegos." (MI)</p>
------	--	---	---

	<p>Procedimento do atendimento/ visita</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Visitas espontâneas (1)</li> <li>● Visitas agendadas (2)</li> <li>● Limite de 10 pessoas por grupo (1)</li> <li>● Perguntas para conhecer melhor o grupo agendado (1)</li> <li>● Orientação da educadora sobre a visita (ou outro profissional da área) (1)</li> <li>● Descrições ao longo da visita (2)</li> <li>● Exploração do espaço de forma autônoma (2)</li> <li>● Exploração tátil (3)</li> <li>● Guia-interpretação (1)</li> </ul>	<p>"quando fazemos visitas guiadas, por exemplo, fazemos questão, quer para adultos, quer para crianças, para todos os grupos de falar e de abordar esta questão da acessibilidade e da política da acessibilidade e da inclusão que o museu tem. E desde logo mostramos, sempre que possível, os recursos existentes. Demonstramos logo esses equipamentos e a forma como eles funcionam."</p> <p>"[com] recursos que são táteis." (MCCB)</p> <p>"explico como funciona a visita e peço que ela vá me orientando o quanto ela precisa de auxílio. O Trajeto acompanha muito descrição também. Pela experiência que tive (...) logo no início da exposição, procurar deixar a pessoa o mais confortável possível, algumas pessoas que possuem um bom resíduo visual não necessitam tanto de descrição ou apoio tátil guiado, eles se aproximam e caminham de forma mais autônoma nos ambientes e bancadas com os objetos. Outras pessoas, cegas, gostam de tocar tudo que está na exposição, mas algumas não fazem questão de tanta exploração tátil, por via de regra eu pergunto e vou deixando a pessoa bem à vontade conforme ela demonstra interesse e curiosidade." (CMDN)</p> <p>"O Centro de memória e a exposição são uma parte da visita. Com acompanhamento as pessoas podem conhecer outros setores da Instituição e um deles é a imprensa braile onde é possível ouvir, sentir a vibração e tocar nos equipamentos."(CMDN)</p> <p>"O setor educativo do museu não possui projetos educativos ou protocolos, estamos estruturando a nossa política de educação museal desde janeiro de 2020. O Museu possuía um guia de orientação ao monitor (...) os funcionários lotados no setor educativo cumpriam uma função de setor de adaptação e improvisado para a acessibilidade às exposições temporárias de terceiros. Até que nossos protocolos sejam amadurecidos (...) nossa conduta é sempre termos o serviço de descrição ou guia-interpretação em casos de surdos-cegos." (MI)</p> <p>"na Galeria Tátil, as pessoas visitam autonomamente ou em grupos. (...) a gente também atende esses grupos agendados em visita geral pelo PEPE para conhecer as galerias de pintura, onde a gente tem reproduções em relevo das obras de arte, maquetes táteis (...)"</p> <p>"a gente tem todo um protocolo para esse agendamento. Primeiro, perguntar: de onde que sua</p>
--	--	--	---

			<p>instituição está vindo? (...) Eu tenho que saber detalhes desse grupo: tem deficiência visual, essa deficiência foi tardia ou não, a pessoa nasceu com deficiência visual (...) Se é uma criança que nunca teve uma experiência educativa dentro do museu, que nunca teve esse processo de fruição. (...) Se eu tenho um grupo de 10 pessoas, que é o máximo que a gente atende de pessoas com deficiência visual (...) Eu tenho que ir um por um e pensando na necessidade de cada um."</p> <p>"quando a pessoa vem visitar espontaneamente, normalmente ela vem visitar a Galeria Tátil. (...) A pessoa que está na recepção, no balcão de recepção, vai primeiro pensar: essa pessoa tem gratuidade na visita (...) posteriormente, perguntar pra ela o que ela vai querer visitar dentro do museu, se ela veio pra visitar a Galeria Tátil. Se ela veio pra visitar a Galeria Tátil, explicar que existem duas possibilidades de visita: ou a visita com o audioguia, ou a visita sem o audioguia. Se ela solicitar o audioguia, entregar o audioguia pra ela e explicar como funciona esse aparelho. (...) Ao término da visita, ela vai devolver esse material e vai receber um catálogo (...) Ela vai fazer a visita sozinha porque ela tem o piso tátil como caminho. A não ser que ela fale: (...) 'eu não quero visitar sozinha, eu quero ter uma visita com um educador, não quero usar o audioguia'. (...) essa pessoa da recepção vai procurar o educativo (...). Se eu estiver em atendimento, ele vai explicar que naquele momento não é possível, que ela vai ter que fazer a visita com o audioguia, que ela pode ligar (...) e agendar uma visita" (PINA)</p>
Percepção sobre o público com deficiência visual	Frequência de visitas de pessoas com deficiência visual	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Visita de grupos de instituições (nacionais) e grupos de turismo internacional, pelo reconhecimento do museu no campo da acessibilidade. (1)</li> <li>● Há bastante visita porque está dentro de uma instituição que atende esse público. (1)</li> <li>● Visita tem aumentado depois da aproximação das pessoas com deficiência. (2)</li> </ul>	<p>"Mas, de facto, o contacto com estas pessoas, no meu ponto de vista, e depois com as visitas que fizemos, fomos procurados e somos procurados por muitos grupos com deficiência visual, aliás das pessoas com deficiência, é a maior representatividade que nós temos de pessoas cegas e com baixa visão, a nível nacional e também a nível internacional."</p> <p>"A maioria, de facto, através de instituição [nacional]. No caso de internacional, é através de agências de turismo, que trabalham também com estas pessoas (...) têm conhecimento - isto mais ao nível de nossa divulgação turística - da existência deste museu, que viu que já faz parte agora também... como foi premiado a nível europeu, já tem também este reconhecimento internacional. " (MCCB)</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>● Visitação se intensificou com a implantação de um espaço para exploração tátil (1)</li> </ul>	<p>"Sim" [ sobre se há visitação com frequência de pessoas com deficiência visual]          "(...) estamos dentro de uma instituição que atende público com deficiência visual (...)" (CMDN)</p> <p>"o menor número do nosso público são pessoas com deficiência. (...) recentemente com o diagnóstico para o reposicionamento institucional do museu, com a aproximação dos coletivos de pessoas com deficiência o número tem aumentado consideravelmente." (MI)</p> <p>"o museu vem atendendo pessoas com deficiência desde 2003, quando o Programa foi implantado (...) Só que esse atendimento se intensificou mais em 2009, quando foi implantada a Galeria Tátil de Esculturas Brasileiras da Pinacoteca. " (PINA)</p>
	<p>Experiências significativas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Momento de impacto da visita: sala da fundadora e a produção de livros em braile. (1)</li> <li>● Recursos que promovem autonomia e equidade. (1)</li> <li>● Momentos de exploração tátil: maquete arquitetônica, peças originais e reproduções diversas (2)</li> <li>● Pessoas que já enxergaram: reencontro com obras que já viram. (1)</li> <li>● Através de material sensorial, encontro com obras de artistas que já ouviram falar, mas não conhecem a produção. (1)</li> </ul>	<p>"(...) as peças originais, sobretudo, possuímos réplicas também, naturalmente, mas as peças originais (...) são experiências que eles consideram de facto extraordinárias. Temos uma reprodução de um homínido (...) é uma das reproduções que mais sucesso faz. E também da época romana, o magistrado (...) não está assumida como uma peça para tocar, mas nestas visitas fazemos questão porque é mármore, tem os panejamentos, os detalhes. E é uma das mais procuradas (...) que suscita mais interesse. E também (...) pequenas réplicas, pormenores decorativos do Mosteiro da Batalha e as maquetes do Mosteiro (...) porque a pessoa vai visitar o Mosteiro (...) não tem uma noção da proporção do monumento e a maquete, neste aspecto, fomenta a dimensão espacial do monumento e (...) a relação com as suas distintas fases de construção. O aspecto decorativo e as réplicas que nós temos de gárgulas, de janelas... são, de facto, as peças, também, mais procuradas e que suscitam mais interesse." (MCCB)</p> <p>"A sala da fundadora acaba gerando sempre muito impacto e a produção dos livros em braile" (CMDN)          "Penso que o trabalho com maior fruição, nesse contexto, é com a interação." (CMDN)</p> <p>"Acredito que recursos que promovam a autonomia e a equidade são fundamentais. Vejo que todos os recursos disponíveis podem ser bem aproveitados, o que falta é a compreensão da manipulação e a gestão dos recursos." (MI)</p> <p>"O que eu percebo muito é quando eles tocam a maquete tátil do prédio. Existe um encantamento muito grande (...) de reconhecer esse espaço que</p>

			<p>todo mundo fala e que ele tem uma ideia que é uma ideia meio abstrata. (...) E quando eles exploram esse prédio, existem um encantamento muito grande porque conforme ele vai andando nesse prédio, até chegar onde está essa maquete, existem um caminho que é longo... ele começa a perceber que tem mudança de piso, que tem uma equalização grande... eles percebem que o prédio tem um pé direito muito alto... porque como som reverbera nesse espaço (...) às vezes quando o dia está ensolarado... eles percebem uma luz no corpo. (...) É um momento que é muito encantador para o grupo porque eles ouvem muito falar sobre o Parque da Luz. A gente tem a maquete do prédio e tem a maquete dos arredores. A gente tem prédio do Museu da Língua Portuguesa... eles sempre perguntam muito ali porque a gente tem a Estação da Luz na nossa maquete dos arredores.(...) E alguns que já enxergaram... eles se envolvem muito quando eles conseguem reencontrar uma obra que eles já puderam ver um dia."</p> <p>"Uma coisa que também acontece muito é eles ouvirem falar muito de um artista e eles não terem ideia da produção desse artista. Aí numa apresentação que a gente tem do material sensorial da maquete, dos relevos... eles falam "então é dessa forma que essa artista trabalha?". (PINA)</p>
--	--	--	---

	Aspectos que precisam de melhorias	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Necessidade de mais elementos táteis (1)</li> <li>● Necessidade de utilização de novas tecnologias disponíveis para os recursos acessíveis (1)</li> <li>● Necessidade de melhoria dos elementos de áudio (1)</li> <li>● Melhoria na ergonomia do mobiliário (1)</li> <li>● Pouca informação em braile, alto-contraste e alto-relevo. (1)</li> <li>● Formas de trabalhar obras arquitetônicas e instalações devido ao tamanho, volume e composição (1)</li> <li>● Acessibilidade adaptada (1)</li> <li>● Pouca representatividade de cada artista em recursos sensoriais. (1)</li> <li>● Mapa tátil pouco utilizado em grupos. (1)</li> </ul>	<p>"(...) ter mais materiais (...) táteis disponíveis, apesar de haver muitas peças para tocar no percurso expositivo, eu sinto que em algumas partes da exposição que poderiam ser melhoradas a esse nível. Caso de reprodução de peças escultóricas... daquelas que, por exemplo, das de madeira que são mais frágeis (...) Elementos que são chave na compreensão do museu, peças que são chave na compreensão do percurso do museu e que poderiam ser ainda melhoradas. Portanto novos materiais, até com novas tecnologias também estão a ser realizadas a esse nível: impressoras em 3D (...) aumento de informação em braile, aumento de informação em alto contraste, aumento de informação em alto-relevo."</p> <p>Por exemplo, no que toca ao áudio (...) poderia ser melhorado(...). No caso da questão do (...) mobiliário (...) nós temos ali alguns problemas com as quinas, com os cantinhos (...) ainda mais confortável a esse nível (...)" (MCCB)</p> <p>"Penso que o que pode ser perdido são obras arquitetônicas ou instalações. Muitas delas geram um grande impacto quando observadas de longe tanto pelo seu pelo seu tamanho, volume e composição, descrever ou mesmo tocar uma parte delas não garante o impacto de vê-las na sua monumentalidade." (CMDN)</p> <p>"Outro grande equívoco é implantar nos projetos a acessibilidade de forma adaptada, se a acessibilidade não for pensada de forma integral nunca teremos autonomia e equidade, pois sempre será um improvisado e nunca pensado efetivamente para não ser excludente."(MI)</p> <p>"Se a gente conseguisse ter pelo menos três obras de cada artista, seria o ideal... ou mais para eles poderem construir essa imagem de como esse artista produz."</p> <p>"Na Galeria Tátil, a gente tem o mapa tátil da galeria, mas a gente não utiliza tanto esse mapa quando a gente está em visita com grupo (...). Esse mapeamento tátil acontece dentro da própria visita." (PINA)</p>
	Desafios	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Encontrar soluções para atender o maior número de pessoas possível. (1)</li> <li>● Equilíbrio entre acessibilidade e as áreas técnicas do</li> </ul>	<p>A partir da experiência do processo de criação do MCCB:</p> <p>"(...) encontrar uma solução ou soluções que fossem mais abrangentes e universais possível (...) como toda a gente, cada um tem os seus gostos, as suas preferências (...) Encontrar o equilíbrio, eu posso... vou chamar de casamento, encontrar esta gestão de união entre acessibilidade e o design, entre</p>

		<p>museu. (1)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Fruição para além da visão (1)</li> <li>● Tornar a pintura acessível (2)</li> <li>● Acessibilidade em exposições temporárias por conta do custo (1)</li> <li>● Realizar formações internas em período de pandemia (1)</li> <li>● Fazer com que as pessoas se sintam representadas e acolhidas (1)</li> </ul>	<p>acessibilidade e o programa museológico, entre acessibilidade e o programa museográfico (...)." (MCCB)</p> <p>"A fruição não existe se ficar restrita a visão, imagine trabalhos bidimensionais de pintura, gravura ou desenho, mesmo que seja por meio de audiodescrição o uso do sentido da audição é que lhe confere aproximação com a obra, claro que uma boa descrição também fará grande diferença, mas o uso dos outros sentidos é que pode garantir o fruir da arte e da apreciação estética." (CMDN)</p> <p>"a pintura é algo que, para a pessoa com deficiência visual, ela é imperceptível, então a gente criou essa metodologia, essa didática multissensorial, (...)."</p> <p>"Só que assim, a gente pensa essa acessibilidade partindo das exposições de longa permanência (...) Quando a gente lida com a exposição temporária (...) Não é impossível de isso acontecer, já aconteceu, mas só a gente tem que selecionar uma obra, que ela é... De certa forma a gente vai futuramente manter esse material com a gente também. E isso tem um custo, A gente não pode ligar esse custo."</p> <p>"Como estamos vivendo um processo de transição, ainda não conseguimos realizar formações internas por conta da pandemia provocada pela COVID-19."  "Acessar nem sempre é garantia de incluir. Garantir as tecnologias assistivas não é garantia de inclusão ou garantia de que públicos com deficiência se sintam representados ou acolhidos nos museus."  (MI)</p>
--	--	---	---